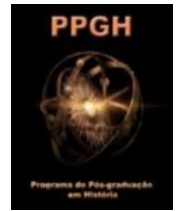




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**



**DO LITORAL AO SERTÃO: AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM
ALAGOAS**

**Maceió/AL
2016**

SARA ANGÉLICA BEZERRA GOMES

**DO LITORAL AO SERTÃO: AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM
ALAGOAS**

Dissertação de MESTRADO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. José Vieira da Cruz.

**Maceió/AL
2016**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

G633d Gomes, Sara Angélica Bezerra.
Do litoral ao sertão: as manifestações de junho de 2013 em Alagoas / Sara Angélica Bezerra Gomes. – 2016.
147 f.: il.

Orientador: José Vieira da Cruz.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Ciências humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 180-190.

1. Brasil – Política e governo. 2. Alagoas – Manifestações de junho de 2013 – História. 3. Delmiro Gouveia (AL) – Manifestações públicas. 4. Protestos de rua. 5. Movimentos sociais. I. Título.

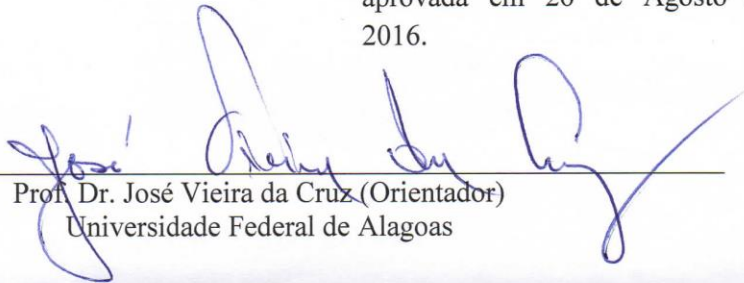
CDU: 981(091):323.233”2013”

Folha de Aprovação

SARA ANGÉLICA BEZERRA GOMES

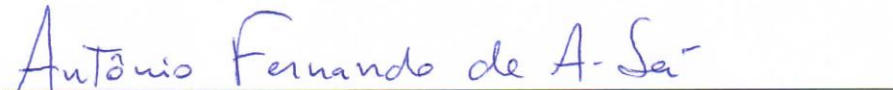
Do Litoral ao Sertão: As Manifestações de Junho de 2013 em Alagoas

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 26 de Agosto de 2016.

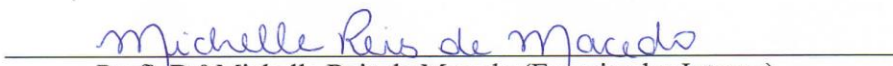


Prof. Dr. José Vieira da Cruz (Orientador)
Universidade Federal de Alagoas

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá (Examinador Externo)
Universidade Federal de Sergipe



Prof.ª Dr.ª Michelle Reis de Macedo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Alagoas

Para Maria Selma, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa a conclusão de uma pesquisa iniciada no final da graduação do curso de Licenciatura em História, na Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão. Esta pesquisa teve início sob a orientação do Prof. Dr. José Vieira da Cruz, a quem agradeço primeiramente, pelos ensinamentos e pela apresentação dos caminhos para a construção de uma investigação científica durante a graduação e o mestrado, por ter tido a paciência e a disposição para ler e avaliar todos os meus textos nos últimos dois anos, e por compreender minhas constantes mudanças de ideias. Suas orientações foram imprescindíveis para esta dissertação.

Agradeço a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), pela bolsa de estudo concedida no ano de 2015, e aos professores Osvaldo Batista Acioly Maciel e Michele Reis de Macedo, pelas suas contribuições intelectuais durante as aulas de teoria e metodologia, ocorridas na UFAL/Campus A. C. Simões. Também agradeço a Michele Reis, por aceitar participar da minha banca de qualificação, em maio de 2015, junto com o prof. Antônio Fernando de Araújo Sá. Suas observações para o meu texto foram decisivas para as mudanças realizadas.

Não saberia dizer quantas ideias foram corrigidas e quantas outras foram descartadas depois de orientações e conversas com amigos, professores, e, sobretudo, com os entrevistados durante os dois últimos anos. Esta dissertação, inclusive, não teria sido escrita se não fosse a disposição dos entrevistados para partilhar comigo as experiências das manifestações de junho de 2013. Desse modo, não poderia deixar de agradecer à Adriano Alves Pereira, Uedson José da Silva, José Ferreira dos Santos, Larissa Lisboa da Conceição, Felipe Ferreira da Silva, Gerd Nilton Baggenstoss Gomes, Edvaldo Francisco do Nascimento, José Rinaldo Queiroz de Lima, Magno Francisco da Silva, Wibsson Ribeiro Lopes, Jônatas da Silva Barbosa, José Raimundo Gomes, José Flávio de Araújo Freire, João Carlos de Almeida e Osvaldo Batista Acioly Maciel, pela disposição para me deixar entrevistá-los.

Deixo meus agradecimentos também aos colegas que me inquietaram nas aulas, em congressos ou nos passeios durante o mestrado: Carlos Lima, Josival Oliveira, Roberval Silva, Alexandre Costa e Carine Pinto. Também deixo minha gratidão a Alessandra Vieira e minha tia Maria Rosineide, pelo cuidado e apoio em Maceió todas as semanas quando precisei

acompanhar as aulas.

Por último, agradeço a minha mãe, Maria Selma Bezerra Sandes, pelo apoio desde o dia que decidi tentar a seleção do mestrado e pela compreensão quando precisei me dedicar às leituras e a escrita deste trabalho.

“No último domingo, dia 02 de junho, a prefeitura e o governo do Estado aumentaram o valor da tarifa do transporte público da capital paulista para 3,20. Apesar do argumento de que o aumento é abaixo da inflação e da promessa da implementação do bilhete único mensal, defendemos que todo aumento de tarifa é injusto e aumenta a exclusão social”. (Movimento Passe Livre/SP)

“Esse aumento dos R\$ 0,20 (vinte centavos) foi uma bela desculpa para a população brasileira se manifestar da forma como tava se manifestando”. (Osvaldo Maciel)

“A questão do transporte foi só uma bomba que estourou. Era o último pavio que estava queimando a um bom tempo, que vinha queimando”. (Anônimo)

RESUMO

Esta dissertação resulta de uma pesquisa sobre as manifestações ocorridas em junho de 2013 no estado de Alagoas, nas cidades Delmiro Gouveia, no Sertão, e em Maceió, no Litoral. Através desta pesquisa realizada a partir da análise de periódicos e de fontes digitais, iconográficas e orais, que objetivou compreender como as manifestações pela redução no valor da tarifa do transporte coletivo urbano, iniciadas no estado de São Paulo, em junho de 2013, inspiraram a multidão destas cidades alagoanas a deflagrarem manifestações de rua neste mesmo período, pode-se visualizar que os desdobramentos e as asserções sobre este acontecimento nestas cidades possuem sentidos singulares. Nesse sentido, a respeito dessas especificidades, esta dissertação discute como os temas nos cartazes ou faixas erguidas pela multidão em Alagoas, a cobertura jornalística da grande mídia, os locais escolhidos para reuniões e manifestações, as estratégias de luta e a atuação dos mascarados neste estado, estiveram marcadas por significados políticos e históricos distintos daqueles que marcaram as manifestações de junho em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Brasília, Bahia, entre outros estados.

Palavras Chave: Multidões. Protestos de rua. Manifestações de Junho de 2013. Alagoas

ABSTRACT

This work results from a survey of the demonstrations that took place in June 2013 in the state of Alagoas, in the city DelmiroGouveia, in the Sertão, and in Maceió, in the Coast. Through this survey from the analysis of periodicals, digital, iconographic and oral sources, which aimed to understand how the demonstrations by the reduction in the value of the urban public transport fare, started in São Paulo in June 2013, inspired the crowd in these cities from Alagoas to deflagrate street demonstrations in the same period, you can see that the developments and statements about this event in these cities possess unique way. In this sense, on these characteristics, this dissertation discusses how the issues on posters or banners erected by the crowd in Alagoas, the news coverage of the mainstream media, the locations chosen for meetings and demonstrations, control strategies and the performance of masked in this state, they were marked by political and historical meanings different from those that marked the events of June in São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Brasília, Bahia, among other states.

Palavras Chave: Crowds. Street protests. June 2013's manifestation. Alagoas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FOTO 1: Manifestantes segurando cartazes durante as manifestações de junho de 2013 com os temas da “PEC-37Ladrão: o sonho do político”; “Violência é o que vivo diariamente” entre outros, cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo: GEPHISC \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. 34
- FOTO 2: Manifestantes segurando cartazes durante as manifestações de junho de 2013 com os temas “+ Saúde; +Educação; - Corrupção”; “Da Copa eu abro mão: quero mais saúde e educação”; “Prefeito Valdo”, entre outros, na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. 35
- FOTO 3: Manifestantes segurando cartazes durante as manifestações de junho de 2013 contra o aumento de R\$ 0,55 centavos na tarifa do transporte público; contra o pagamento pela tarifa do transporte público; pedindo desculpa pelo transtorno que estavam causando, entre outros, na cidade de Maceió/Alagoas. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/album/2013/06/18/manifestantes-contam-em-cartazes-quais-sao-suas-reivindicacoes.htm>>. Acessado em 30/09/2015. 37
- FOTO 4: Charge compartilhada no *Facebook*, pelo professor Marcos Ricardo de Lima, dia 22 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/marcos.ricardodelima.7?fref=ts>>. Acessado em 20/12/2014. 48
- FOTO 5: Manifestantes usando a máscara inspirada no personagem “V” do filme “V de Vingança”, durante as manifestações de junho de 2013, na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo de Uedson José da Silva. 53
- FOTO 6: Manifestante com a máscara do personagem “V” do filme “V de Vingança”, durante das manifestações de junho de 2013, na cidade de Maceió/Alagoas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/fotos/2013/06/fotos-maceio-tem-terceiro-dia-de-protestos.html#F846402>>. Acessado em 20/10/2014. 55
- FOTO 7: Manifestantes usando roupas e capuz preto durante as manifestações de junho de 2013, na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo de Uedson José da Silva. 58
- FOTO 8: Manifestante no centro da foto utilizando boné e uma máscara de tecido branca, durante as Manifestações de Junho de 2013, na cidade de Maceió/Alagoas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/fotos/2013/06/fotos-maceio-tem-terceiro-dia-de-protestos.html#F846398>>. Acessado em 20/10/2014. 58
- FOTO 9: Muro no centro da cidade Delmiro Gouveia/Alagoas, pichado após as manifestações de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013_08_01_archive.html>>. Acessado em 20/04/2016. 60
- FOTO 10: Muro de uma clínica da cidade de Maceió/Alagoas, pichado após as manifestações de junho

- de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/07/clinica-em-maceio-confecciona-cartaz-para-criticar-pichacoes-em-protesto.html>>. Acessado em 20/04/2016. 60
- FOTO 11: Convite compartilhado no *Facebook* por Wibsson Ribeiro Lopes para uma discussão sobre as manifestações de junho de 2013 na sede do PSTU, na cidade de Maceió/Alagoas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/wibsson.ribeirolopes?fref=ts>>. Acessado em 20/12/2014. 74
- FOTO 12: Convite compartilhado no *Facebook* por Magno Francisco da Silva, em 18/06/2013 para uma discussão sobre as manifestações de junho de 2013 na sede do DCE/UFAL, na cidade de Maceió/Alagoas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/magno.franciscodasilva?fref=ts>>. Acessado em 20/12/2014. 75
- FOTO 13: Comerciantes do centro da cidade de Maceió fechando as portas das suas lojas antes da chegada dos manifestantes. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/fotos/2013/06/fotos-maceio-tem-terceiro-dia-de-protestos.html>>. Acessado: 20/12/2015. 87
- FOTO 14: Convite produzido para a primeira manifestação de junho de 2013, ocorrida na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/movimento-promete-protesto-em-delmiro.html>>. Acessado em 15/05/201. 96
- FOTO 15: Manifestante segurando cartaz com o tema do transporte público, durante as Manifestações de Junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. 104
- FOTO 16: Manifestantes segurando cartaz com o tema do Passe Livre, durante as manifestações de junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. 106
- FOTO 17: Estudantes da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, saindo da sede da Ufal, localizada na rodovia Al-145, até a delegacia da cidade Delmiro Gouveia. Acervo de Edmar Correia. 108
- FOTO 18: Manifestante segurando cartaz com protesto por ciclovias, durante as manifestações de junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. 109
- FOTO 19: Caminhonete tipo D-20, usada para mobilidade urbana e intermunicipal no Sertão do estado de Alagoas. Acervo de Sara Angélica Bezerra Gomes. 111
- FOTO 20: Caminhonetes que realizam a mobilidade intermunicipal entre as cidades Delmiro Gouveia e Água Branca, estacionadas no centro de Água Branca. Acervo de Sara Angélica Bezerra Gomes. 111

- FOTO 21: Manifestante segurando cartaz com o desenho da Fábrica da Peste, durante as manifestações de junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. 119
- FOTO 22: Manifestante segurando cartaz com protesto contra o deputado Marcos Feliciano, durante as Manifestações de Junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. 123
- FOTO 23: Manifestante segurando cartaz com protesto contra a Proposta de Emenda Constitucional nº37, durante as Manifestações de Junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. 123
- FOTO 24: Convite compartilhado no *Facebook* por Uedson José da Silva dia 25/06/2013, para informar e convidar pessoas para mais um protesto de rua, durante as manifestações de junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. 125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEL	Assembleia Nacional dos Estudantes Livres
ARSAL	Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de Alagoas
ATAB	Associação dos Transportes Alternativos de Água Branca
ATAS- BRASIL	Associação dos Transportes Alternativos do Brasil
CAS	Centros Acadêmicos
CAZP	Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares
CEPA	Centro de Estudo e Pesquisa Aplicada
COLIDE	Coletivo Libertário Delmirense
COOPERDEG	Cooperativa dos Transportes Alternativos dos Perueiros de Delmiro Gouveia a Paulo Afonso
COOPTASA	Cooperativa de Transporte Alternativo do Alto Sertão Alagoano
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DCE	Diretório Central dos Estudantes
ES	Espaço Socialista
FAG	Federação Anarquista Gaúcha
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental
GECOC	Grupo Estadual de Combate às Organizações Criminosas
GEPHISC	Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Sociedade e Cultura
HTP	História do Tempo Presente
HI	História Imediata
JPMDB	Juventude do Partido do Movimento Democrático Brasileiro
LGBTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
ME	Movimento Estudantil
MP	Ministério Público
MPL	Movimento Passe Livre
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PCR	Partido Comunista Revolucionário
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PL	Projeto de Lei

PM	Polícia Militar
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMN	Partido da Mobilização Nacional
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
SINTEAL	Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Alagoas
SMTT	Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito
CDHM	Comissão de Direitos Humanos
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TRANSPAL	Associação dos Transportadores de Passageiros do Estado de Alagoas
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UNE	União Nacional dos Estudantes
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	Manifestações de Junho de 2013 nas cidades Delmiro Gouveia e Maceió: um fenômeno multicêntrico	29
1.1.1	Um fenômeno histórico	29
1.1.2	Um protesto em torno do transporte público	29
1.1.3	Uma manifestação multicêntrica	32
1.2	A construção do antipartidarismo	38
1.2.1	Para além dos partidos políticos	40
1.2.2	A atuação da Rede Globo	43
1.3	A atuação do Movimento Passe Livre (MPL) e dos mascarados	49
1.3.1	Movimento Passe Livre (MPL)	50
1.3.2	<i>Anonymous</i>	52
1.3.3	<i>Black Blocs</i>	56
2	A Manifestação de Junho em Maceió	62
2.1	Das ruas à atuação da grande mídia	62
2.1.1	A imparcialidade do jornal Gazeta de Alagoas	63
2.2	Uma manifestação antipartidária?	69
2.2.1	Sem Partido! Sem partido!	70
2.2.2	Da ocupação a utilização do carro de som	76
2.3	A atuação dos mascarados	80
2.3.1	<i>Anonymous</i>	82
2.3.2	<i>Black Blocs</i>	83
2.4	Por mais políticas sociais?	88
2.4.1	Duas formas de protesto em uma manifestação	90
3	Faces das Manifestações de Junho no Sertão	95
3.1	Ente cores, máscaras e o anarquismo	95
3.1.1	Uma manifestação anarquista?	99
3.2	Sem a liderança do Movimento Passe Livre (MPL)	104
3.2.1	Ecos de um passado mal resolvido	106
3.2.2	Transporte público: um problema histórico?	109
3.3	Um fenômeno midiático?	114

3.3.1	A dimensão local da agenda de reivindicações	115
3.3.2	Fábrica da Peste	117
3.4	Das mídias sociais às ruas do Sertão	120
3.4.1	A associação das multidões	121
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
	REFERÊNCIAS	135

1 - INTRODUÇÃO

Um fenômeno tão enigmático quanto universal é o da massa que repentinamente se forma onde, antes, nada havia. Um pouco de pessoas se juntam – cinco, dez ou doze, no máximo. Nada foi anunciado; nada é aguardado. De repente, o local preteja de gente. As pessoas afluem, provindas de todos os lados, e é como se as ruas tivessem uma única direção¹.

Esta epígrafe retirada da obra “Massa e Poder”, do sociólogo Elias Canetti, descreve o momento em que a multidão se apodera dos espaços públicos para construir movimentos multifacetados. Esta definição de multidão enquanto fenômeno social, descrita a partir de características gerais e reservada às especificidades de cada contexto histórico, é um dos possíveis pontos de partida para compreender as manifestações de rua ocorridas no Brasil em junho de 2013.

Durante aquelas manifestações, vozes assimétricas, inquietas e insatisfeitas passaram a rondar, como um espectro, as ruas de vários estados brasileiros. Esse movimento catalisou descontentamentos e agitações sociais com tons, ritmos e agendas diversas. Convocado também de forma “voluntária” pela internet, este fenômeno social configurou um movimento de rua descentralizado, mas com algum grau de mobilização focado nos protestos contra o aumento nas tarifas dos transportes públicos e contra a repressão deferida em relação aos manifestantes.

A partir desse fenômeno fragmentado, complexo e aparentemente inesperado, emergiram grupos de interesses contraditórios, logo transformados em um enigma tanto para os pesquisadores quanto para os ativistas de movimentos sociais e de partidos de esquerda. Em suma, o debate sobre o fenômeno de junho, parafraseando o enigma da esfinge de Tebas “Decifra-me ou te devoro²”, continua devorando de modo lento, gradativo e contínuo pesquisadores e militantes que buscaram decifrá-lo.

Dentro desta perspectiva, a partir de junho de 2013, à medida que o fervilhar das multidões nas ruas aumentava em diferentes estados brasileiros, jornalistas, políticos e pesquisadores ficaram inquietos e passaram a produzir interpretações e definições para o fenômeno em foco. Nesse esforço para interpretar e definir o que estava acontecendo, o termo “Manifestações de Junho de 2013”, designado pela grande mídia, ou seja, pelas redes

¹CANETTI, Elias. “Massa aberta e massa fechada”. In: **Massa e poder**. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.14.

²SÓFOCLES. **A trilogia tebana**. Tradução Mario Gama Cury. 15 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

televisivas, rádios e jornais de grande porte do país³, parece ter se consolidado na memória coletiva da sociedade brasileira⁴.

Dentre as características das manifestações de rua ocorridas no Brasil em junho de 2013, em particular, o alcance nacional dos protestos é um aspecto histórico relevante. Ainda que as primeiras manifestações tenham sido desencadeadas a partir das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, logo eles foram difundidos para outras cidades e estados do país. Em Alagoas, a exemplo, do Litoral ao Sertão, multidões foram às ruas empunhando cartazes com diferentes reivindicações e agendas: “+ [mais] saúde + [mais] educação – [menos] Corrupção”; “O Povo unido não precisa de partido”; “Tire sua religião da nossa constituição”; “Concurso público já”, “Gigante acordou”, “Passe livre já”, “Fora fábrica da peste”, entre outros⁵.

Apesar da relevância histórica deste acontecimento de dimensão nacional, os estudos sobre esse fenômeno em Alagoas ainda são preliminares, a exemplo da pesquisa realizada sobre essas manifestações na cidade de Delmiro Gouveia⁶. Diante desta lacuna historiográfica e frente à necessidade de compreensão de como estas manifestações de rua se inter-relacionaram, justifica-se a importância deste estudo em torno das manifestações de rua ocorridas em Maceió, no Litoral, e, em Delmiro Gouveia, no Sertão.

A projeção alcançada por aquele fenômeno ocorrido em várias cidades do país em junho de 2013 tem evocado uma série de questionamentos, dentre eles, quais as causas que originaram as manifestações? Como as manifestações foram difundidas? Como os manifestantes construíram uma identidade para a mobilização dos protestos de rua? E qual(ais) significado(s) provocado(s) pela presença de multidões nas ruas das cidades de Maceió, no Litoral, e de Delmiro Gouveia, no Sertão?

Em torno deste tema/problema, esta pesquisa sobre as manifestações de junho de 2013 em Alagoas, em particular nas cidades de Maceió e de Delmiro Gouveia, tece ao menos quatro hipóteses de investigação a partir da análise da produção bibliográfica já produzida sobre o tema. A primeira hipótese sustenta a premissa de que o aumento no valor da tarifa do

³ ALZAMORA, Geane Carvalho; RODRIGUÉS, Tacyana Karinna Arce. “Fora Rede Globo”: a representação televisiva das “Jornadas de Junho” em conexões intermídia”. In: **Revista Ecopós**. V. 17. N. 1. 2014, p.1-12.

⁴ GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

⁵ Ver: Acervo de fotografias do projeto “Vozes do Sertão nas tramas de Mnemósine: fontes orais para História Contemporânea em Alagoas”, vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa História, Sociedade e Cultura - GEPHISC/PPGH/UFAL.

⁶ GOMES, Sara Angélica Bezerra. **Das mídias às ruas do Sertão: as Manifestações de Junho de 2013, em Delmiro Gouveia/Alagoas**. Delmiro Gouveia: UFAL/Campus do Sertão, 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso).

transporte público teria desencadeado e uniformizado a agenda dos protestos. A segunda potencializa a tese de que o descontentamento popular com a truculência policial contra as manifestações nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, desencadeou um movimento de identidade e de solidariedade entre os manifestantes das diversas cidades brasileiras. A terceira, trabalha a tese da influência da grande mídia e das redes sociais no processo de difusão das manifestações no Brasil. E, a última hipótese, argumenta que em Alagoas, nas cidades de Maceió e de Delmiro Gouveia, as manifestações de junho foram marcadas por situações distintas que inter-relacionaram agendas de âmbito nacional, regional e local, revelando uma das principais características das manifestações: a resignificação das agendas a partir das demandas locais.

Para Pinto, professor de Direito da Universidade de São Paulo (USP), tudo começou com o aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos) no valor da tarifa transporte público no estado de São Paulo. Para ele, o aumento nessa tarifa, além de ocasionar uma despesa maior para os usuários, não assinalava melhora na qualidade da prestação de serviços públicos relacionados a mobilidade urbana⁷. A questão do aumento no valor da tarifa do transporte público em São Paulo apareceu em muitas entrevistas, documentários e artigos, durante ou logo depois de junho de 2013, como argumento utilizado para explicar os motivos daquelas manifestações de rua no Brasil. E, fundados nesse argumento, as manifestações ocorridas na cidade de São Paulo passaram a ser balizadas por alguns pesquisadores como o epicentro deste fenômeno social⁸.

Para estes pesquisadores, a decisão tomada pelo prefeito Fernando Haddad, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), de anunciar que o valor da tarifa do transporte público aumentaria para R\$ 3,20 (três reais e vinte centavos), sob a alegação de correção dos custos para manutenção do sistema de mobilidade urbana, foi repulsada pela população e, em particular, pelos ativistas do Movimento Passe Livre/São Paulo (MPL)⁹.

Para o MPL, movimento que também defende a desmercantilização do transporte público¹⁰, a liberdade de ir e vir dentro das cidades possui um custo que representa um valor

⁷ PINTO, Otávio Luiz Vieira. “Os protestos no Brasil, ou sobre como a passagem de ônibus revelou contradições”. In: **The International Journal of Badiou Studies**. Volume Two, Number One, 2013, p.156-159.

⁸ CALIL, Gilberto. “Embates e disputas em torno das Jornadas de junho”. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 47, Ago. 2013, p.2-27.

⁹ JUDENSNAIDER, Elena; Et al. **Vinte Centavos: a luta conta o aumento**. São Paulo: Veneta, 2013.

¹⁰ MPL/SP. “Apresentação”. In: **Passe Livre**. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>> Acessado em 31/01/2015.

significativo na renda mensal dos cidadãos¹¹. Assim, o aumento na tarifa, tanto para os militantes do MPL/São Paulo quanto para alguns pesquisadores, foi percebido de forma negativa, pois, em vez de contribuir para melhorar a mobilidade urbana, auxiliava para acentuar o quadro de estresse nas cidades.

O argumento, já exposto, de que o aumento na tarifa do transporte público desencadearam as manifestações de rua em junho, ocasionou dentro e fora da academia uma disputa pelos significados desse fenômeno. Em entrevista, Badaró, pesquisador do campo da história do trabalho, afirmou que não existia uma única explicação para este fenômeno. Para ele, não foi apenas os R\$ 0,20 (vinte centavos), mas também em razão da truculência policial contra os protestos a responsável pela ampliação das manifestações de junho de 2013¹².

O historiador Calil, ao analisar essas manifestações, também identificou como responsável pelo crescimento desse fenômeno social e histórico a truculência policial contra os manifestantes nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, pois, para ele, a repressão policial em vez de conter a multidão contribuiu para fortalecê-la¹³. Nessa perspectiva, a reação da multidão em relação à truculência policial não é algo inédito no Brasil, uma vez que como destacou a historiadora Virgínia Fontes, a violência do Estado, traduzida a partir da ação de seu aparato policial reflete a remexida em uma ferida enraizada na história brasileira¹⁴.

Em outra perspectiva, a jornalista Erthal destacou o papel do jornalismo tradicional e das narrativas independentes para o processo de deflagração das manifestações de junho. Para ela, de um estado a outro, era possível ter informações sobre o que estava ocorrendo nas ruas, fosse através da grande mídia ou das redes sociais¹⁵. Essas redes, inclusive, para muitos pesquisadores foram imprescindíveis para a deflagração e ampliação do fenômeno de junho,¹⁶ pois, se tornaram um dos principais meios de informação e comunicação para manter

¹¹Op. cit.

¹²BADARÓ, Marcelo. “Junho de 2013: Eco das manifestações”. Entrevista com Marcelo Badaró [entrevista concedida à Viviane Tavares]. In: **Ecodebate**: cidadania e meio ambiente, 05/07/2013. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2013/07/05/junho-2013-eco-das-manifestacoes-entrevista-com-marcelo-badaro/>>. Acessado em 30/09/2013.

¹³CALIL, Gilberto. “Embates e disputas em torno das Jornadas de junho”. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 47, Ago. 2013, p.2-17.

¹⁴FONTES, Virgínia. “Ampliação do Estado e coerção no Brasil – democracia e nacionalização truncada (o DIP e o modelo de violência seletiva)”. In: **Reflexões Im-pertinentes**: história e capitalismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Bom texto, 2005, p.179-201.

¹⁵ERTHAL, Ana Amélia. “O jornalismo tradicional e as narrativas independentes: o caso da cobertura das manifestações populares de 2013 no Brasil”. In: **ESPM/ Central de Cases**. Disponível em: <WWW.espm.br/centraldecases>. Acessado em 12.08.2014.

¹⁶Op. cit.

conectados os movimentos sociais, ajudando a promover também aquilo que a socióloga Maria da Glória Gohn designou de “novos tipos de movimentos sociais”¹⁷.

Não é novidade que com a democratização do acesso ao ambiente da web, novas formas de relações sociais foram inventadas e novas formas de entender e participar dos protestos de rua foram criadas¹⁸. A comunicação digital em rede oportunizou aos usuários das mídias digitais a possibilidade de tomar conhecimento de manifestações de rua de várias formas. E, em junho, a utilização das redes sociais, sobretudo do *Facebook*, para chamar as manifestações, foi um ato corriqueiro dos integrantes do Movimento Passe Livre, dos partidos políticos, do movimento estudantil, dos coletivos anarquistas, entre outros grupos políticos.

Por um lado, para Silva, pesquisador da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), as redes sociais disseminaram informações e ideias comuns entre os usuários da internet, permitindo que os manifestantes questionassem a veracidade da cobertura jornalística da grande mídia¹⁹. Mas, por outro lado, para Alzamora e Rodrigues, a atuação da grande mídia foi decisiva no momento que ela entrou na disputa pelos sentidos das manifestações e passou a denegrir ou elogiar a ação de alguns grupos de manifestantes e da própria manifestação²⁰.

A grande mídia, em junho de 2013, procurou dar ênfase ao tema do antipartidarismo, da corrupção e da aversão aos governantes²¹. Isso porque, depois de anunciada a revogação do aumento no valor da tarifa do transporte público, em São Paulo, a multidão continuou nas ruas e a grande mídia procurou dar um sentido para elas, trabalhando para que a mesma atacasse ainda mais o governo federal e os partidos de esquerda²².

Essas interpretações sobre o aumento dos R\$ 0,20 (vinte centavos) na tarifa do transporte público, a truculência policial contra os manifestantes e o papel das diferentes mídias em junho de 2013, entretanto, não encerraram a produção bibliográfica sobre o fenômeno de junho no Brasil. E, no momento em que encerramos esta dissertação, apenas um estudo exploratório sobre esse fenômeno em Delmiro Gouveia, cidade localizada no Alto Sertão deste estado, tinha sido desenvolvido em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

¹⁷GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

¹⁸Op. cit.

¹⁹SILVA, Irley David Fabrício da. “A importância das redes sociais nos protestos urbanos, da rede às ruas”. In: **XI EVIDOSOL e VIII CILTEC-Online** - junho/2014, p.2. Disponível em: <<http://evidosol.textolivre.org>>. Acessado em 09/09/2014.

²⁰ALZAMORA, Geane Carvalho; RODRIGUÉS, Tacyana Karinna Arce. “Fora Rede Globo”: a representação televisiva das “Jornadas de Junho” em conexões intermídia”. In: **Revista Ecopós** .V. 17 N. 1.2014, p.1-12.

²¹CALIL, Gilberto. Embates e disputas em torno das Jornadas de junho. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 47, Ago. 2013, p.2-27.

²²Op. cit.

intitulado “Das mídias às ruas do sertão: as manifestações de junho de 2013 em Delmiro Gouveia, Alagoas²³”.

Desse modo, para pensar os desdobramentos dessas manifestações em Alagoas, nas cidades de Maceió e de Delmiro Gouveia, dialogamos com a literatura produzida sobre esse fenômeno social em outros estados. Os artigos, livros, documentários e entrevistas já acumulados sobre esse fenômeno foram significativos para a produção desta dissertação, pois, a partir delas, conseguimos visualizar um acontecimento heterogêneo, fragmentado e complexo, construído por diferentes pautas de reivindicação, pelo uso das redes sociais, pela cobertura jornalística e pelo jogo de interesses da grande mídia e de grupos políticos com interesses contraditórios.

A pesquisa desenvolvida sobre o fenômeno de junho em Alagoas, nesse sentido, foi realizada a partir de dois desafios: o de contextualizar esse acontecimento em meio a literatura já produzida, grande parte dela focada nos desdobramentos da referida manifestação ocorrida nos estados das regiões Sul e Sudeste; e o de lidar com as discussões teóricas relativas a História do Tempo Presente e, principalmente, a História Imediata²⁴.

Segundo Chauveau, a História do Tempo Presente (HTP) surgiu de uma demanda social, isto é, nasceu não apenas para ser um atestado historiográfico, mas para discutir sobre acontecimentos e problemas vivenciados pelo historiador²⁵. Já a História Imediata (HI), conforme Marcílio, surgiu da necessidade do historiador procurar estudar um período histórico inacabado, no qual ele mesmo se insere e estuda com o auxílio de outras áreas do conhecimento²⁶.

Conforme Lacouture, a história imediata refere-se a um campo de pesquisa que “não para de se mexer, recusando um verdadeiro enquadramento, bem como uma acomodação satisfatória”²⁷. Ela mantém uma relação intrínseca com o jornalismo na medida em que precisa da escrita rápida e efêmera dos jornalistas para estudar o acontecimento²⁸. Para a

²³GOMES, Sara Angélica Bezerra. **Das mídias às ruas do Sertão**: as Manifestações de Junho de 2013, em Delmiro Gouveia/Alagoas. Delmiro Gouveia: UFAL/Campus do Sertão, 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso).

²⁴FERREIRA, Marieta de Moraes. “História, tempo presente e história oral”. In: **Topoi**. Rio de Janeiro, dezembro 2002, p.314-332.

²⁵CHAUVEAU, Angés; TÉTART, Philippe. “Questões para a História do Presente”. In: **Questões para a história do presente**. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p.7-37.

²⁶MARCILIO, Daniel. “O Historiador e o Jornalista: A História imediata entre o ofício historiográfico e atividade jornalística”. In: **Aedos**, nº 12, vol. 5 - Jan/Jul 2013, p. 52.

²⁷LACOUTURE, Jean. A História Imediata. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.216.

²⁸Op. cit.

história imediata, o trabalho dos jornalistas mantém uma relação com a escrita dos historiadores, pois, ainda segundo Lacouture, “a imprensa e os pesquisadores “imediatistas” abriram para si a porta dos arquivos. Os historiadores sabem considerar o presente e aplicar às suas convulsões seu rigor profissional”²⁹.

Os historiadores imediatistas, entretanto, ao pesquisarem sobre os acontecimentos recentes, não estudam apenas o que é produzido pelos jornalistas, mas o período que precedeu esse acontecimento³⁰. Isso porque “o jornalista é menos aquele que trabalha com pressa do que aquele que manipula poucos fatos, observações, casos”³¹. E, ainda como pensou Lacouture, a “história imediata não aspira apenas à rapidez dos reflexos. Ela quer se elaborar a partir desses arquivos vivos que são os homens”³².

Assim, diferente de outros campos da pesquisa histórica, o objeto da HTP não é definido apenas a partir de um corte temporal específico e pela possibilidade de trabalhar com variados tipos de fontes³³. Conforme Mudrovcic, o que delimita o objeto de estudo desse campo é o presente histórico, categoria utilizada para entender em que medida as gerações do passado e do presente se mantêm unidas³⁴.

Segundo Lagrou, a prática dos historiadores do tempo presente independentemente de qualquer pressuposto ou de qualquer definição confirma que o presente começa cada vez com a última catástrofe datada ou, ao menos, com a última grande ruptura³⁵. Desse modo, os acontecimentos do presente recente são objetos de estudo desse campo, pois eles representam “acontecimentos sociais, que constituem memórias de pelo menos uma das três gerações que compartilham um mesmo presente histórico”³⁶, ou seja, são acontecimentos cujas sequelas do passado ainda não foram resolvidas no presente histórico.

A HI e a HTP, nesse sentido, voltam-se para questões ainda em aberto para a sociedade, porque ainda como ressaltaram Lacouture, Chauveau e Tétart, elas se detêm aos

²⁹Op.cit., p. 238.

³⁰MUDROVCIC, Maria Inés. Por que Clio retornou a Mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília; et al (Org.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

³¹LACOUTURE, Jean. A História Imediata. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.218.

³²Op. cit.,p.217.

³³MUDROVCIC, Maria Inés. Por que Clio retornou a Mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília; et al (Org.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

³⁴Op. cit.]

³⁵LAGROU, Pieter. Sobre a atualidade da História do Tempo Presente. In: PÔRTO JR., Gilson. (org.). **História do Tempo Presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007, p.37.

³⁶Op. cit.

problemas relacionados ao próprio percurso histórico³⁷. E, conforme Alberti, para esses campos de pesquisa não “se trata de discutir o valor real dos fatos na história, mas sua percepção e as condições históricas nas e pelas quais eles são percebidos”³⁸. Assim, as manifestações de junho de 2013 se inserem na perspectiva desses dois campos de pesquisa porque questões sociais, políticas e culturais expostas pelas multidões nas ruas, revelaram resquícios do passado em aberto na agenda de debates do presente e porque, como ressaltou Bloch, uma realidade é compreendida por suas causas passadas³⁹.

Os feitos humanos devem ser estudados pelos historiadores, independente da data e do lugar onde foram realizados, pois, como afirmou Bloch, nunca se explica um fenômeno histórico fora de seu contexto e porque o importante é levar em consideração os aspectos desse fenômeno e não apenas o fato em si⁴⁰. Assim, embora os historiadores imediatistas não possam tirar conclusões definitivas sobre um evento recente, uma vez que como ressaltou Lacouture, a história imediata não é responsável por apresentar conclusões definitivas⁴¹, as manifestações de junho se configuram como parte de um presente histórico e, portanto, como um fenômeno importante para ser estudado pelos historiadores.

Dessa forma, para refletir sobre essas manifestações de junho em Alagoas, foi necessário dialogar com diferentes tipos de fontes, sobretudo porque como ressaltou Bloch, “seria uma grande ilusão imaginar que cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, específicos para tal emprego”⁴². Dentro desta perspectiva, quatro tipos de fontes foram centrais para realização desta pesquisa: os periódicos do jornal Gazeta de Alagoas, as fontes digitais, as fontes orais e as fontes iconográficas. A fonte oral, entretanto, configurou-se como uma das mais importantes para esta dissertação.

As primeiras informações recolhidas para esta pesquisa foram retiradas de sites e blogs ou de páginas pessoais no *Facebook*, rede social usada por jovens estudantes, trabalhadores, militantes, entre outras pessoas, para compartilhar, conversar e informar sobre acontecimentos relacionados às manifestações de junho.

³⁷ CHAUVEAU, Angés; TÉTART, Philippe. “Questões para a História do Presente”. In: **Questões para a história do presente**. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p.34; LACOUTURE, Jean. A História Imediata. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.215-240.

³⁸ ALBERTI, Verena. “Histórias dentro de História”. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Organizadora). **Fontes Históricas**. 2.ed.. São Paulo: Contexto, 2008, p.167.

³⁹ BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.62.

⁴⁰ Op. cit.; p.60-61.

⁴¹ LACOUTURE, Jean. A História Imediata. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.215-240.

⁴² Op. cit.; p.80.

As informações retiradas de sites, blogs e do *Facebook* foram utilizadas porque tornaram visíveis as disputas políticas que estavam em curso durante essas manifestações. Nas cidades de Delmiro Gouveia e de Maceió, por exemplo, esta rede social foi muito utilizada em junho por estudantes da Universidade Federal de Alagoas/ Campus do Sertão e Campus A. C. Simões, por manifestantes filiados a partidos políticos, ao movimento estudantil universitário e secundarista e por manifestantes vinculados aos coletivos anarquistas, para curtir, comentar, postar mensagens, artigos, fotos, entrevistas e depoimentos, revelando um lugar social usado para a reprodução de interesses divergentes e a exibição de problemas do presente e/ou do passado.

As informações recolhidas da internet registram um grande número de informações sobre as manifestações de junho, pois pesquisadores, políticos, ativistas e a sociedade esculpiram suas impressões sobre o que estava acontecendo no Brasil durante e depois de encerrado esse fenômeno. Desse modo, algumas informações foram recolhidas do *facebook* e de sites e blogs, dentre eles: G1, o UOL, Gazeta de Alagoas, Passe Livre, entre outros.

A fonte oral, obtida através do uso metodológico da história oral, reuniu quinze entrevistas com pessoas que participaram das manifestações de junho, nas cidades de Maceió e de Delmiro Gouveia. A escolha da metodologia da história oral deu-se porque além dela estar em conformidade com as discussões atinentes a HTP e da HI, ela contribui para relevar diferentes faces da história verbalizadas pelos sujeitos entrevistados⁴³. Essas entrevistas representaram a parte mais rica deste estudo, pois, como Bloch destacou, esse tipo de fonte pode se tornar inquietante a partir do momento em que não nos resignamos mais a registrar simplesmente as palavras de nossas testemunhas, a partir do momento em que tencionamos fazê-las falar⁴⁴.

Conforme Alberti, a história oral não foi retomada apenas para conhecer ou rever a história dos excluídos, mas para estudar as formas de articulação dos sujeitos envolvidos em um acontecimento⁴⁵. A recuperação de memórias individuais e coletivas através do diálogo entre entrevistador e entrevistado, ao produzir uma fonte oral preenche lacunas deixadas por outros tipos de fontes⁴⁶.

⁴³ ALBERTI, Verena. "Histórias dentro de História". In: PINSKY, Carla Bessanezi (Organizadora). **Fontes Históricas**. 2.ed.. São Paulo: Contexto, 2008, p.165.

⁴⁴ BLOCH, Marc. A observação histórica. In: **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.78.

⁴⁵ Op. cit. p.66.

⁴⁶ Op. cit.p.166.

A memória recuperada através da construção de uma fonte oral, entretanto, como observou Ricœur, não é a verdade e muito menos uma lembrança⁴⁷. A lembrança está ligada a uma forma de narrativa da memória e se apresenta isoladamente, enquanto a memória é algo mais elaborado e está relacionada ao passado⁴⁸. Esse passado recuperado através da memória é o que interessa para a História, pois, como destacou Alberti, “é de acordo com o que se pensa que ocorreu no passado que se tomarão determinadas decisões no presente”⁴⁹.

Nessa perspectiva, a escolha dos entrevistados para esta pesquisa não foi aleatória. Os escolhidos para serem entrevistados estavam atuando nas manifestações de junho, levando pautas de reivindicação às ruas ou apoiando de alguma forma os manifestantes. Alguns entrevistados, inclusive, estavam à frente do processo de organização desse fenômeno em Alagoas e eram filiados a partidos de esquerda, a coletivos anarquistas e ao movimento estudantil universitário.

Os entrevistados narraram suas experiências e, ao mesmo tempo, sobre a atuação dos partidos para os quais militavam durante as manifestações de junho ocorridas em duas cidades do estado de Alagoas. Suas narrativas foram escolhidas para esta dissertação, porque o objetivo era estudar as especificidades das manifestações de junho no estado de Alagoas, a partir de algumas questões surgidas durante essas manifestações, como: o argumento do antipartidarismo, a diversidade de reivindicações, o aumento no valor da tarifa do transporte público, entre outras. Como é difícil uma pesquisa abordar todos os aspectos de um acontecimento, esta dissertação tratou apenas de algumas particularidades a partir também das narrativas dos entrevistados, uma vez que eles pensaram de diferentes formas as manifestações de junho e essas questões trazidas com este fenômeno.

Na cidade de Delmiro Gouveia foram realizadas dez entrevistas. Seis com estudantes e ex-estudantes da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão. Dois desses entrevistados eram filiados a um coletivo anarquista, o Coletivo Libertário Delmirense (COLIDE). Os outros estudantes eram professores, advogados ou blogueiros que participaram ou prestaram apoio às manifestações de junho ocorridas naquela cidade sertaneja ou em outras cidades de Alagoas. E, além desse público universitário, também foram entrevistados dois

⁴⁷RICCEUR, Paul. “Da memória e da reminiscência”. In: **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução; Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

⁴⁸Op. cit.

⁴⁹ALBERTI, Verena. “Histórias dentro de História”. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Organizadora). **Fontes Históricas**. 2.ed.. São Paulo: Contexto, 2008, p.167.

motoristas do Alto Sertão, um ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Alagoas (SINTEAL) e um vereador filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Na cidade de Maceió foram realizadas cinco entrevistas. As cinco pessoas escolhidas eram filiadas a partidos políticos, dentre eles, um militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB); um militante do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU); um militante do Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares (CAZP); Um militante do Espaço Socialista (ES) e um militante do Partido Comunista Revolucionário (PCR). Esses militantes também eram professores ou estudantes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/Campus A.C. Simões).

Outras pessoas vinculadas a outras organizações e a outros partidos políticos que participaram das manifestações de junho em Alagoas, não foram entrevistadas para esta pesquisa porque estavam com as agendas indisponíveis. E, entre as quinze entrevistas realizadas, algumas foram mais usadas do que outras nesta dissertação e as narrativas de alguns entrevistados não foram citadas neste texto. Mas, todas as narrativas recolhidas, citadas ou não neste trabalho, contribuíram para a construção do mesmo.

No que tange o uso das fontes icnográficas, grande parte desse material foi retirado da internet, do *Facebook*. Outras foram retiradas do Arquivo do Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Sociedade e Cultura (GEPEHISC) da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, que dispõe de um acervo de fotos e de vídeos sobre as manifestações de junho de 2013 na cidade de Delmiro Gouveia, Sertão de Alagoas.

Entendidas como um conjunto de múltiplas informações, as fotografias se tornaram elementos de suporte para a discussão. Ela foi essencial para esta dissertação, pois suas informações visuais foram resgatadas e interligadas com outras fontes. Com as fotografias disponíveis na internet e junto ao Acervo do GEPHISC, buscamos observar, desse modo, o entrelaçamento entre fotógrafo-câmera-assunto de cada produção visual, no intuito de compreender a relevância da imagem para pensar o contexto.

Balizado pelo uso das fontes mencionadas e pelo diálogo teórico e metodológico com a bibliografia trabalhada, esta dissertação está organizada em três seções. Na primeira, intitulada “Manifestações de Junho de 2013 nas cidades Delmiro Gouveia e Maceió: um fenômeno multicêntrico” discute-se os possíveis motivos que deram origem as manifestações de junho no Brasil, as polêmicas e temas de reivindicação que marcaram as ruas das cidades Maceió, no Litoral, e Delmiro Gouveia, no Sertão, em junho de 2013, assim como as diferentes interpretações e significados atribuídos a este fenômeno.

A segunda seção, intitulada “A manifestação de junho em Maceió”, discute o porquê das manifestações de junho na cidade de Maceió apresentaram um perfil diferente em relação àquele que marcou esse fenômeno no Sul e Sudeste do Brasil. Nesse capítulo é debatido o motivo provocador do início dessas manifestações nesta cidade alagoana, os temas de reivindicação levados às ruas pela multidão, a atuação da grande mídia e o uso das redes sociais pelos manifestantes, as disputas políticas deflagradas entre os militantes vinculados a diferentes grupos políticos no decorrer deste fenômeno.

E a terceira seção, intitulada “Fases das Manifestações de Junho no Sertão”, aborda algumas questões e contradições que marcaram as pautas de reivindicação levadas às ruas pela multidão durante as manifestações de junho na cidade de Delmiro Gouveia. Neste capítulo, discute-se a atuação dos anarquistas, a influência do Movimento Passe Livre (MPL) no processo de unificação da luta em torno do transporte público, a compreensão da multidão a respeito das pautas de reivindicação e, por último, as relações de poder que foram reproduzidas dentro das redes sociais e nas ruas.

1.1 - MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NAS CIDADES DELMIRO GOUVEIA E MACEIÓ: UM FENÔMENO MULTICÊNTRICO

1.1.1. Um fenômeno histórico

As manifestações deflagradas em várias cidades brasileiras, em junho de 2013, inicialmente motivadas em razão do aumento nas tarifas dos transportes públicos, não tiveram “nada de tolo ou velhaco”, afirmou Flávio Morgenstern, em seu trabalho “Por trás da máscara”⁵⁰. Esta afirmação, escrita por um analista político do Instituto Liberal, não obstante sua perspectiva ideológica, destaca o significado político dos referidos protestos que surpreendeu o país, alcançando projeção junto aos órgãos de imprensa e às redes sociais.

Esses protestos, a princípio, pareciam representar revoltas pontuais contra o aumento no valor de tarifas do transporte público em 2013. Entretanto, elas alcançaram uma dimensão multicêntrica que enlaçou diferentes cidades dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gérias, Alagoas, Pernambuco, entre outros.

No estado de Alagoas, escopo desta pesquisa, aos menos duas cidades, Maceió, no Litoral, e Delmiro Gouveia, no Sertão, registraram protestos relacionados às denominadas Manifestações de junho de 2013. E, a exemplo das demais cidades do país, observou-se protestos de rua relacionados à mobilidade urbana e a uma série de outras demandas acumuladas pelos moradores de Alagoas. Estas manifestações em Maceió e em Delmiro Gouveia, apesar de terem ocorrido no mesmo período, apresentaram configurações distintas.

1.1.2. Um protesto em torno do transporte público

As manifestações de junho de 2013 rapidamente se transformaram em um fato histórico de interesse imediato. Enquanto nas primeiras manifestações ocorridas na cidade de São Paulo, a questão econômica ganhou relevância entre a multidão, em razão do aumento no valor da tarifa do transporte público; nas cidades alagoanas, em Maceió e em Delmiro Gouveia, outras dimensões foram acrescidas às demandas dos manifestantes. Enquanto em

⁵⁰MORGENSTERN, Flávio. “Capitatiobenevolentiae”. In: **Por trás da máscara**. Rio de Janeiro: Record, 2015, p.17.

São Paulo, desde o dia 06 de junho de 2013, as ruas eram agitadas por passeatas pela redução no valor da tarifa, em Maceió, o governador e o prefeito ainda estavam discutindo junto com a Associação dos Transportadores de Passageiros do Estado de Alagoas (TRANSPAL) o aumento tarifário do transporte público⁵¹. E, na cidade de Delmiro Gouveia, não existia sequer sistema de transporte público semelhante ao de Maceió⁵².

Na capital alagoana, o aumento de R\$ 0,55 (cinquenta e cinco centavos) na tarifa, que estava previsto para acontecer no mês de junho, ainda não havia sido efetivado, e, na cidade Delmiro Gouveia, o que havia era uma mobilidade urbana privada, precária e não regular⁵³. Em ambas as cidades, esse era um dos primeiros pontos que chamava atenção em relação às manifestações ocorridas em outros estados.

Para Lopes, militante do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU)⁵⁴, “quando estourou o aumento das passagens e tudo isso, o pessoal de São Paulo, já me ligou e tal, falou sobre a possibilidade de marcar uma coisa aqui, uma mobilização”⁵⁵. Na interpretação desse militante, o motivo impulsionador para o início dos protestos em Maceió foi inspirado nos protestos contra o aumento na tarifa do transporte público em São Paulo e, por consequência, na expectativa de que o apoio àquele protesto colaborasse na mobilização contra a efetivação do aumento da tarifa do transporte público em Maceió.

Na cidade Delmiro Gouveia, ao contrário de Maceió, o transporte público se tornou

⁵¹MACENA, Lelo. “Decisão sobre passagem é adiada”. In: **Gazetaweb**. Edição do dia 13 de junho de 2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 13/12/2013.

⁵²NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 19/01/ 2016. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas. Edvaldo Francisco do Nascimento é graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Quando foi entrevistado no ano de 2015 para esta pesquisa, estava cursando doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e estava vereador na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas. Nascimento era integrante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e narrou sobre sua participação nas Manifestações de Junho de 2013 na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas.

⁵³GOMES, José Raimundo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 31/03/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas. José Raimundo Gomes é aposentado e morador da cidade Água Branca/Alagoas. Em 2014, quando entrevistado para esta pesquisa, ela narrou sobre sua experiência durante o período em que esteve motorista do transporte intermunicipal no Sertão do estado de Alagoas.

⁵⁴O PSTU nasceu no final do século XX. Entre as correntes políticas que formaram esse partido destaca-se a presença do socialismo. O PSTU não prioriza as eleições, mas a ação direta como meio de transformar a realidade. É um partido composto por militantes que atuam no movimento sindical, estudantil e popular. A esse respeito ver: <<http://www.pstu.org.br/partido>>.

⁵⁵LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas. Wibsson Ribeiro Lopes é graduado em História pela Universidade Federal de Alagoas/ Campus A. C. Simões. No ano de 2015, quando foi entrevistado para esta pesquisa, Lopes cursava mestrado em História pela UFAL e estava professor de História da rede pública, em uma escola de Ensino Médio da cidade de Maceió. Lopes era integrante do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) e narrou sobre a sua experiência nas Manifestações de Junho de 2013 ocorridas na cidade de Maceió/Alagoas.

um tema presente em vários cartazes erguidos pela multidão por outro motivo. Na referida cidade sertaneja, a mobilidade urbana em junho de 2013 ainda estava sob a responsabilidade dos motoristas dos táxis e mototáxis, ou de algumas cooperativas, organizadas por motoristas, que realizavam a mobilidade intermunicipal ou interestadual no Sertão⁵⁶. Não havia transporte público funcionando em Delmiro Gouveia, com tarifa e horário regulares, embora houvesse pontos de ônibus espalhados por esta cidade⁵⁷.

Na cidade a ausência de um sistema de transporte público urbano regular, aparentemente refletia em um tipo de “omissão” dos governos municipal e estadual com relação à mobilidade urbana no Sertão alagoano. A esse respeito, dois ex-motoristas, moradores da cidade Água Branca, situada a 19 Km de Delmiro Gouveia, comentaram que o poder público não criou nenhum projeto de lei sobre a questão da mobilidade urbana para o Alto Sertão⁵⁸. Mas os referidos ex-motoristas não comentaram os motivos para essa omissão do poder público, e, esse silêncio, por um lado, revela uma apatia do governo sobre a política de transporte; e, por outro, o atendimento de interesses de grupos e/ou pessoas que se beneficiam da ausência efetiva da referida política⁵⁹.

Em Delmiro Gouveia, não foi, portanto, o aumento no valor da tarifa do transporte coletivo que causou a revolta da multidão, porque na cidade ainda se planejava a regularização do sistema de transporte público. O sentido da luta em torno do transporte variou de um estado a outro e de uma cidade a outra. A esse respeito, um militante comentou que as manifestações em Delmiro chegaram quase como uma brincadeira, pois a multidão nas ruas passou a ideia de que estava tudo bem, porque elas estavam rindo ou indo com seus cartazes, levando temas variados, como o “‘Fora Feliciano’, contra a ‘PEC 37’”⁶⁰.

⁵⁶GOMES, José Raimundo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 31/03/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

⁵⁷ KUBRUSLY, Maurício. “Só falta o principal”. In: **Globo.com**, 25/06/2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/me-leva-brasil/platb/tag/delmiro-gouveia/>>. Acessado em 20/06/2015.

⁵⁸GOMES, José Raimundo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 31/03/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.; FREIRE, José Flávio de Araújo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 28/08/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas. José Flávio de Araújo Freire foi motorista do transporte intermunicipal no Sertão do estado de Alagoas. Em 2014, quando entrevistado para esta pesquisa, Freire estava presidente do Conselho Tutelar na cidade de Água Branca/Alagoas. Ele narrou sobre sua experiência durante o período em que esteve motorista no Sertão de Alagoas.

⁵⁹Op. cit.

⁶⁰ SILVA, Uedson José da. Entrevistado por José Vieira da Cruz em 14/ 11/ 2014. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas. Uedson José da Silva é graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Quando entrevistado no ano de 2014 e de 2016 para esta pesquisa, estava cursando Licenciatura em História pela Universidade Federal de Alagoas/ Campus do Sertão e estava professor do ensino básico em uma escola municipal da cidade Delmiro

Para Almeida, militante do Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares (CAZP)⁶¹, o que melhor caracteriza o sentido inicial das manifestações de junho, no Litoral ou no Sertão alagoano, é a comoção social com a truculência policial que impulsionou os manifestantes a demonstrarem solidariedade com as manifestações em torno do transporte coletivo iniciadas em São Paulo⁶². Mas as manifestações de junho, nas duas cidades alagoanas, possuem, para o militante, um sentido diferente em função dos seus próprios problemas históricos.

Como ressaltou o historiador Rudé, em seus estudos sobre a multidão, os desequilíbrios econômicos não são os únicos capazes de gerar revolta popular⁶³. Outros sentimentos também podem ser decisivos para a ocupação de praças, avenidas e ruas. Nesses casos, tudo dependerá de como as questões estruturais ou conjunturais afetam o imaginário e o cotidiano da multidão, sobretudo daquelas pessoas que não possuem rendimentos ou têm baixos salários.

1.1.3. Uma manifestação multicêntrica

As vozes foram polissêmicas porque nelas cabia tudo. Não houve tema ou problema que lhes tenha passado despercebido. Foram assim porque os problemas sociais são enormes e porque o movimento que as embalou não aceitava hierarquias, comandos ou planejamento⁶⁴.

Os protestos de junho catalisaram, para além da questão da mobilização urbana, inúmeras pautas: segurança, saúde, educação, ética, entre outras. Para Nogueira, na epígrafe acima, isso ocorreu porque o acúmulo de demandas sociais ao longo do tempo provoca insurgências suscetíveis às quebras de hierarquia, de comando e de planejamento.

Nesta linha de argumentação, Maricato avaliou que as cidades dependem de políticas de “transporte, moradia, saneamento, educação, saúde, lazer, iluminação pública, coleta de

Gouveia/ Alagoas. Silva também era integrante do Coletivo Libertário Delmirensense (COLIDE) e narrou sobre sua participação nas Manifestações de Junho de 2013 ocorridas na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas.

⁶¹ALMEIDA, João Carlos de. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia- Alagoas. João Carlos de Almeida é graduado em Jornalismo pelo Centro Universitário Cesmac. Quando entrevistado, no ano de 2015, trabalhava no município de Joaquim Gomes no estado de Alagoas, como eletricista da Eletrobrás e era integrante do Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares (CAZP). Almeida narrou sobre sua experiência nas Manifestações de Junho de 2013 deflagradas na cidade de Maceió/Alagoas.

⁶²Op. cit.

⁶³RUDÉ, George. **A Multidão na História**: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 1964.

⁶⁴NOGUEIRA, Marco Aurélio. “Depois de Junho: sobre as respostas governamentais”. In: **As ruas e a democracia**: ensaios sobre o Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p.71.

lixo, segurança”⁶⁵ para garantirem o bem-estar de seus moradores. Ela ainda destacou que a inexistência ou a péssima qualidade dessas políticas pode se tornar motivo para inquietação nas ruas. Essa discussão estimulou alguns pesquisadores como a arquiteta Ermínia Maricato e o geógrafo David Harvey⁶⁶, a avaliarem, desse modo, que é difícil compreender o fenômeno de junho sem entender a crise urbana brasileira.

Em Maceió e em Delmiro Gouveia, a desigualdade socioespacial e a disparidade na prestação de serviços sociais públicos incitaram a multidão a ir às ruas, ocasionando euforia e a expansão das manifestações de junho⁶⁷. Nessas duas cidades a questão da saúde, educação, lazer, entre outras, foram temas de reivindicação tão importantes quanto o tema do transporte público desde o início dos primeiros protestos.

Essas questões, entretanto, foram apresentadas de diferentes formas e revelaram um conjunto de interesses políticos que ficaram evidentes devido à atuação de grupos políticos distintos. Desta forma, observa-se que o fenômeno das manifestações de junho foi marcado por diferentes interesses, pois, em São Paulo, no Rio de Janeiro, na Bahia ou em Alagoas, ocorreu aquilo que Rudé chamou de “fundição das ideologias”⁶⁸. Essa fundição se refere ao processo no qual se cruzam ideologias voltadas à estruturação de determinada noção de Estado frente às ideologias comprometidas com a transformação da realidade formuladas a partir de outros horizontes⁶⁹.

Na foto abaixo, registrada durante o fenômeno de junho de 2013 na cidade Delmiro Gouveia, é possível perceber algumas reivindicações propostas nos protestos e como elas envolveram temáticas que vão de questões éticas, próprias do campo político, às demandas cotidianas relativas ao funcionamento da sociedade. Essas reivindicações refletem um exemplo noção de “fundição de ideologias”, tal como propõe Rudé. Elas surgiram em parte devido a atuação da grande mídia e ao uso das redes sociais, aos problemas locais desta

⁶⁵MARICATO, Ermínia. “É a questão urbana, estúpido!”. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013, p.20.

⁶⁶HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

⁶⁷LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/04/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas. ; MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas. ; Anônimo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 21/01/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

⁶⁸RUDÉ, George. “Ideologia e consciência de classe”. In: **Ideologia e protesto popular**. Londres: Zahar, 1980, p.13-36.

⁶⁹Op. cit.

cidade sertaneja e a atuação de diferentes grupos políticos.



Foto 1 -Manifestantes segurando cartazes durante as manifestações de junho de 2013 com os temas da “PEC-37-Ladrão: o sonho do político”; “Violência é o que vivo diariamente” entre outros, cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo: GEPHISC \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão.

Na foto, de autoria de José Vieira da Cruz, pesquisador da UFAL/Campus do Sertão, há cartazes contendo frases que enumeram tanto situações vivenciadas cotidianamente em Delmiro Gouveia, quanto temas sociais que ganharam destaque no furor das manifestações deflagradas em junho, entre elas: corrupção, violência, Proposta de Emenda Constitucional (PEC-37), saúde, entre outros.

Neste registro fotográfico apenas dois cartazes tratam de problemas específicos da cidade Delmiro Gouveia. O cartaz da direita, com o tema da saúde pública, e o último cartaz, com o tema da violência, fazem alusão aos casos de agressão e assassinato que ainda não haviam recebido atenção da justiça⁷⁰. O cartaz com o tema da violência provavelmente não

⁷⁰SANTOS, José Ferreira dos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 16/02/2016. In: Acervo do GEPHISC\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas. José Ferreira dos Santos quando foi entrevistado no ano de 2016, estava cursando Licenciatura em História pela Universidade Federal de Alagoas/ Campus do Sertão. Quando foi entrevistado para esta pesquisa, no ano de 2016, Santos trabalhava em uma rádio na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas e administrava um blog que divulgou notícias a

estava se referindo à repressão policial deflagrada contra os manifestantes de junho nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, mas a um pedido de justiça contra os casos de violência não solucionados e punidos na cidade sertaneja⁷¹.

Na mesma imagem, outro cartaz se refere à Proposta de Emenda Constitucional (PEC-37), que caiu na voz da multidão em junho de 2013⁷². Essa proposta, chamada de “PEC do político ladrão” no cartaz, não foi percebida de forma positiva para os manifestantes que provavelmente estavam reproduziram nas redes sociais e nas ruas notícias publicadas na grande mídia.



Foto 2 -Manifestantes segurando cartazes durante as manifestações de junho de 2013 com os temas “+ Saúde; +Educação; - Corrupção”; “Da Copa eu abro mão: quero mais saúde e educação”; “Prefeito Valdo”, entre outros,na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas.

Acervo: GEPHISC \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão.

Nesta segunda foto, o emaranhado de reivindicações expostas nos cartazes é erguido por estudantes do ensino médio da Escola Estadual Luís Augusto Azevedo de Menezes. Dentre as informações contidas nos cartazes, apenas duas questões estão relacionadas ao poder público local em Delmiro Gouveia. Elas se referem à atuação dos vereadores e o salário

respeito das manifestações de junho de 2013 na cidade de Delmiro Gouveia. Santos narrou sobre sua experiência durante as manifestações de junho nesta cidade.

⁷¹Op. cit.

⁷²A Proposta de Emenda Constitucional (PEC-37) acrescenta um parágrafo a respeito da segurança pública no Artigo 144, da Constituição de 1988. Ela determina que a apuração das infrações penais é responsabilidade das polícias federal e civis dos Estados e do Distrito Federal. Essa proposta se tornou tema polêmico no início do ano de 2013, pois a grande mídia subtraiu a questão constitucional da mesma, ou seja, criou argumentos para confundir a sociedade sobre os seus objetivos. A grande mídia abordou o tema da PEC-37 usando argumentos sobre o Artigo 129, da Constituição de 1988, que trata das atribuições do Ministério Público (MP). A esse respeito, ver o artigo “A Mídia e a PEC 37: investigação criminal na ordem do dia” de Rafael Branco Lessa.

pago a eles. Os cartazes criticando a atuação dos representantes do parlamento municipal, entretanto, não pareciam representar nenhuma surpresa, visto que o prefeito e a vice-prefeita de Delmiro Gouveia foram acusados de abuso de poder político e econômico durante as eleições de 2012, e em junho de 2013 ainda estavam afastados temporariamente de seus cargos⁷³. E, quando eles foram afastados, quem assumiu a prefeitura foi o vereador Valdo Sandes, filiado ao Partido da Mobilização Nacional (PMN) e presidente da Câmara dos Vereadores⁷⁴.

Além desse escândalo político envolvendo o prefeito Luiz Carlos Costa e a vice-prefeita Eliziane Ferreira Costa Lima, os moradores da cidade sertaneja, em junho de 2013, pareciam ainda estar na expectativa de retomar a disputa pela prefeitura. Essa disputa iniciada durante o processo eleitoral de 2012, entre o candidato do Partido do Movimento Democrático do Brasil (PMDB), Luiz Carlos Costa, popularmente conhecido por Lula Cabeleira, e o candidato do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Eraldo Joaquim Cordeiro, conhecido popularmente por Padre Eraldo, ainda causava polarizações entre os moradores de Delmiro Gouveia.

Na capital alagoana, entretanto, os temas estampados nos cartazes inter-relacionam problemas sociais inerentes à cidade de Maceió, com *slogans* criados durante junho de 2013. Na foto abaixo, percebe-se algumas dessas demandas.

⁷³LUCENA, David. “TRE Mantém Lula Cabeleira afastado da prefeitura de Delmiro Gouveia”. In: **Gazetaweb Notícias**, publicado em 22/04/2013. <<http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia-old.php?c=338993&e=2>>. Acessado em 13/12/2013.

⁷⁴Op. cit.



Foto 3 -Manifestantes segurando cartazes durante as manifestações de junho de 2013 contra o aumento de R\$ 0,55 centavos na tarifa do transporte público; contra o pagamento pela tarifa do transporte público; pedindo desculpa pelo transtorno que estavam causando, entre outros, na cidade de Maceió/Alagoas. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/album/2013/06/18/manifestantes-contam-em-cartazes-quais-sao-suas-reivindicacoes.htm>>. Acessado em 30/09/2015.

Na foto acima, de autoria do fotógrafo Beto Macário, publicada no site UOL, pode-se observar a multiplicidade de focos das manifestações de junho. A multidão na imagem estava na principal avenida de Maceió, Av. Fernandes Lima, localizada no bairro Farol. A multidão estava movimentando-se em direção ao Centro de Estudos e Pesquisas Aplicado (CEPA), também conhecido como ponto de encontro dos manifestantes, ou deslocando-se para o centro e para o bairro do Jaraguá, locais onde ocorreram outras passeatas durante junho de 2013⁷⁵.

Na capital alagoana a multidão estava deslocando-se para esses bairros, segundo um militante do PSTU, como estratégia para atrair a atenção popular e a dos políticos, visto que esses bairros eram uns dos mais movimentados de Maceió⁷⁶. Na foto, dentre os cartazes os que revelam problemas sociais específicos estão localizados na parte direita e no centro da foto, contendo a informação sobre o aumento no valor da tarifa do transporte público.

Os manifestantes estamparam o valor que seria cobrado na tarifa do transporte público em Maceió, com a ajuda do bordão “Não é só por R\$ 55 centavos”. O curioso no

⁷⁵LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/04/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

⁷⁶Op. cit.

cartaz contendo “Não é só por 55 centavos” é que, no período de junho de 2013, o governador do estado de Alagoas e o prefeito de Maceió ainda não haviam confirmado aumento no valor da tarifa do transporte público, como fizera o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad⁷⁷.

Desse modo, percebe-se que a cobertura jornalística da grande mídia e o uso do ambiente virtual também influenciaram o uso de alguns *slogans* e palavras de ordem dos manifestantes. A exemplo de cartazes com frases tipo: “Desculpe o transtorno, estamos mudando o Brasil”, também identificados nas manifestações de Junho ocorridas nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro⁷⁸.

Os diferentes temas expostos nos cartazes de protestos ocorridos em Maceió e em Delmiro Gouveia demonstraram a formação de um típico fenômeno de massa aberta⁷⁹, ou seja, uma manifestação capaz de reunir a multidão em torno de muitas reivindicações. Isso parece ter ocorrido porque a grande mídia aproveitou e aprofundou o sentimento de insatisfação com as desigualdades socioeconômicas, fomentadas pelo péssimo funcionamento dos setores sociais públicos administrados pelo Estado.

1.2. A construção do antipartidarismo

Nenhum partido ou político escapou da crítica das ruas. Isso indica que temos uma força social querendo mudar, querendo obter respostas mais competentes dos governos, querendo melhorar a qualidade da democracia e do governo entre nós. É uma força em estado nascente, mas de qualquer modo é uma força⁸⁰.

Durante as manifestações de junho propagou-se o argumento, sobretudo, por parte da grande mídia, que os manifestantes estavam nas ruas para protestar tanto contra a atuação dos governos quanto contra a atuação dos partidos políticos, especialmente os de esquerda⁸¹. Essa pretendida aversão construída durante junho, enfatizava o fato de que a multidão era apartidária, ou seja, não seguia nenhum partido político, ou antipartidária, porque era contra a

⁷⁷RODRIGUES, Marcos. “Estudantes vão às ruas em protesto”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 14/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

⁷⁸FERREIRA, Wilson Roberto Vieira. “Diga-me com o que fazes metáforas e direi quem és”. In: **Cinema Secreto**, publicado em 03/06/2015. Disponível em: <<http://cinegnose.blogspot.com.br/2015/06/diga-me-com-o-que-fazes-metaforas-e.html#more>>. Acessado em 20/04/2016.

⁷⁹CANETTI, Elias. “A massa”. In: **Massa e poder**. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.14.

⁸⁰NOGUEIRA, Marco Aurélio. “Depois de Junho. Sobre as respostas governamentais”. In: **As ruas e a democracia: ensaios sobre o Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p.76.

⁸¹CALIL, Gilberto. Embates e disputas em torno das Jornadas de junho. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 47, Ago. 2013.

presença das bandeiras de partidos políticos nas ruas e não possuía lideranças, suscitando certo sentimento de ética nacional e patriótica. Em outros termos, segundo Nogueira, os meios de comunicação potencializaram a compreensão de que os protestos externaram um descontentamento com as formas tradicionais de fazer política⁸².

Filgueiras, cientista político, ao analisar a atuação da multidão em Belo Horizonte no contexto das manifestações de junho, refletiu que havia uma característica peculiar: a existência de um sentimento difuso de ampliação das injustiças decorrentes da ineficiência das políticas públicas. Para ele, as manifestações naquela cidade assinalaram uma profunda insatisfação com o sistema político brasileiro, que se mostrava incapaz de resolver questões básicas como transporte, saúde, educação e combate à corrupção⁸³.

Outro cientista político, Peres, ao tecer uma análise sobre as manifestações em Porto Alegre, compartilhou pensamento semelhante ao de Filgueiras, quando observou que naquela cidade, o fenômeno de junho foi caracterizado por uma profunda insatisfação com o sistema político-partidário⁸⁴. Em Porto Alegre e em Belo Horizonte, nas interpretações dos autores mencionados, parece ter existido um desencantamento com o sistema político brasileiro e com a atuação dos partidos políticos. Perspectiva difundida, em maior ou menor grau, durante as manifestações de junho de 2013.

Em Porto Alegre, distintamente de São Paulo que teve como um dos organizadores iniciais dessas manifestações: o Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL/SP), a articulação desse fenômeno foi catalisado pelos partidos de esquerda, como: o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU), Partido Comunista Brasileiro (PCB), organizações do Partido dos Trabalhadores (PT), anarquistas, entre outros⁸⁵.

Nas cidades de Maceió e de Delmiro Gouveia, por sua vez, as manifestações de junho também contaram com a atuação dos coletivos anarquistas e de militantes dos partidos políticos, sobretudo, de esquerda, para a organização de algumas pautas de reivindicação e

⁸²NOGUEIRA, Marco Aurélio. “Depois de Junho. Sobre as respostas governamentais”. In: **As ruas e a democracia: ensaios sobre o Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

⁸³FILGUEIRAS, Fernando. “O gigante mineiro já estava acordado; as pessoas é que não se davam conta”. In: **Uol Notícias**, 03/07/2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/03/analise-o-gigante-mineiro-ja-estava-acordado-as-pessoas-e-que-nao-se-davam-conta.htm>>. Acessado em 22/12/2013.

⁸⁴PERES, Paulo. “Protestos geraram aliança política histórica e improvável em Porto Alegre”. In: **Uol Notícias**, 03/07/2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimasnoticias/2013/07/03/analise-protestos-geraram-alianca-politica-historica-e-improvavel-em-porto-alegre.htm>>. Acessado em 22/12/2013.

⁸⁵Op. cit.

para a convocação dos atos de rua. Na cidade de Maceió, a exemplo, no dia 13 de junho de 2013, os movimentos saídos do centro da cidade até o bairro do Jaraguá, contou com o chamamento de organizações como o Espaço Socialista (ES), o Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares (CAZP), o PSTU , o PCB entre outros⁸⁶.

A atuação dos partidos de esquerda e de outros grupos de interesse durante junho de 2013 em muitas cidades brasileiras, e, em particular, em Alagoas, sugere que o argumento do antipartidarismo deve ser avaliado com ponderação e, sobretudo, é preciso problematizar a quem interessa a difusão e consolidação desse argumento/interpretação/posição.

1.2.1. Para além dos partidos políticos

Em Maceió, os militantes dos partidos políticos, do movimento estudantil e de coletivos anarquistas estavam presentes nas manifestações de junho. Esses militantes discutiam pautas de reivindicação e tinham planos de atuação e metas, mas ao chegarem às ruas perceberam manifestantes de vários grupos sociais, preteizando o lugar com uma infinidade de pautas, de apitos e de cartazes.

Nas primeiras manifestações ocorridas em Maceió, a proporção de pessoas nas ruas superou as expectativas dos militantes dos movimentos sociais e dos partidos de esquerda⁸⁷. O grande número de participantes nos protestos colocou esses militantes diante de um dilema, pois, se por um lado, isso parecia ser positivo, por outro, era difícil entender a ampliação, o interesse, o sentido e a direção de milhares de pessoas que estavam querendo distância de líderes, das bandeiras e dos partidos.

Esse sentimento de perplexidade foi acentuado quando em Maceió o número de aproximadamente 500 pessoas, nos primeiros atos do dia 13 e 17 de junho de 2013, alcançou dias depois a projeção de 30 mil pessoas⁸⁸. Para alguns militantes, esse fenômeno teria sido

⁸⁶LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas. ; ALMEIDA, João Carlos de. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia - Alagoas.; BARBOSA, Jônatas Abisalão Santos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 11/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas. Jônatas da Silva Barbosa é graduado em História pela Universidade Federal de Alagoas/ Campus A. C. Simões. No ano de 2015, quando foi entrevistado para esta pesquisa, estava professor de História da rede privada, em uma escola da cidade de Maceió e era integrante do Espaço Socialista (ES). Barbosa narrou sobre sua participação nas Manifestações de Junho de 2013 ocorridas na cidade de Maceió/Alagoas.

⁸⁷LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

⁸⁸ALMEIDA, João Carlos de. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia - Alagoas.

uma consequência da atuação da grande mídia e do descontentamento com a truculência policial e com o Partido dos Trabalhadores (PT)⁸⁹.

A inquietação dos militantes dos partidos políticos parece ter sido acentuada com o trabalho da grande mídia, sobretudo, quando ela começou a propagar a ideia de que as manifestações de junho estavam apresentando um perfil de novo tipo, sendo autônomas e apartidárias⁹⁰. Essa ideia de protestos apartidários robustecida pela grande mídia, parece ter acentuado o estado de apatia popular em relação às representações políticas partidárias e levado manifestantes a se associarem a coletivos anarquistas.

Nesse contexto, alguns coletivos anarquistas do estado Alagoas atraíram mais pessoas para se associar, como o caso do Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares (CAZP). Um militante deste coletivo afirmou ter percebido um aumento no número de participantes dessa organização depois das manifestações de junho⁹¹. Esse aumento de participantes no CAZP, segundo este, parece revelar certo desencanto com os partidos políticos⁹². Mas, como veremos adiante, esse desencantamento com os partidos, segundo Lima, tomou maior impulso através das mídias, pois desde que elas se tornaram hegemônicas, a cultura política que tem sido construída e consolidada no Brasil é a de permanente desqualificação da política e dos atores políticos⁹³.

Na cidade de Delmiro Gouveia, a multidão que ocupou o centro contou com a participação de ativistas anarquistas associados ao Coletivo Libertário Delmirense (COLIDE). Esses ativistas se organizaram para as manifestações de junho através de sites, blogs e redes sociais, como o *Facebook*. Eles divulgavam no ambiente virtual as datas e horários dos atos ocorridos em Delmiro. Mas, nos dias dos atos, os ativistas do COLIDE chegaram às ruas e tiveram, assim como os ativistas do CAZP, do PCB, do PSTU, na cidade de Maceió, uma

⁸⁹MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas. Osvaldo Batista Acioly Maciel é graduado em História pela Universidade Federal de Alagoas/ Campus A. C. Simões e também possui mestrado e doutorado em História. Em 2015, quando foi entrevistado, estava professor do curso de História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Maciel, no período que foi entrevistado para esta pesquisa, fazia parte do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e narrou sobre sua participação nas Manifestações de Junho de 2013 ocorridas na cidade de Maceió/Alagoas.

⁹⁰Manifestações de Junho de 2013. Produção de Caco Barcellos. São Paulo, 2013. **Youtube**(23min e 57 seg). Produção da Rede Globo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iQoBOJUsNps&spfreload=10>>. Acessado em 12/02/2016.

⁹¹ALMEIDA, João Carlos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

⁹²Op, cit.

⁹³LIMA, Venício Artur de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1.ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013, p.90.

surpresa ao se depararem com uma multidão formada por sujeitos de diferentes idades, provindos de diferentes grupos sociais.

Essa multidão despontada nas ruas também provocou inquietação nos ativistas do coletivo anarquista acima mencionado. O número de manifestantes levou alguns anarquistas a apontarem a desorganização e a falta de sentido das manifestações de junho, pois, conforme Silva, era como se os manifestantes não soubessem o que estavam fazendo, e como se muitos estivessem nas ruas para tirar *selfies* sorridentes⁹⁴.

A inquietação entre os ativistas que tiveram suas bandeiras rejeitadas pela multidão de junho foitão intensa, que diversas interpretações foram produzidas pelos próprios anarquistas. A esse respeito, para a Federação Anarquista Gaúcha (FAG), o perfil das manifestações de junho perdeu gradativamente o “caráter classista e de esquerda” das reivindicações pela redução na tarifa dos transportes coletivos, iniciadas no Estado de São Paulo⁹⁵.

Na interpretação da FAG, o grande responsável pela multidão nas ruas e pela aversão aos partidos políticos foi a saturação social com relação ao governo neodesenvolvimentista, aprofundado nos últimos dez anos do governo PT. Na perspectiva da FAG, essas manifestações representaram um fenômeno de massa fomentado pelas péssimas condições das cidades no contexto de crise do neoliberalismo⁹⁶.

Percebe-se, a partir das interpretações e das narrativas dos ativistas anarquistas e dos ativistas dos partidos de esquerda, que houve uma disputa política pelos sentidos da atuação da multidão e um consenso no que se refere a apontar o PT e a cobertura jornalística da grande mídia como responsáveis pelo sentimento apartidário e antipartidário nas ruas.

Mas essas manifestações ocorridas nas cidades de Maceió e de Delmiro Gouveia despontaram algumas questões, cujo debate não se encerra aqui. Nas narrativas de alguns militantes, por exemplo, o fenômeno de junho não pode ser compreendido como um acontecimento com vida própria, sem sentido e sem relação com demandas do passado, presente e futuro.

⁹⁴ SILVA, Uedson José da. Entrevistado por José Vieira da Cruz em 14/ 11/ 2014. In: Acervo do GEPHISC\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

⁹⁵Federação Anarquista Gaúcha. “Tomar as ruas por uma agenda contra a direita e o governismo. Avançar um programa de soluções populares. Cartas de opinião da FAG. In: **Pela força das ruas**. Editora Deriva, 2014, p.20.

⁹⁶Op. cit.; p.20.

1.2.2. A atuação da Rede Globo

Engendrava-se na mídia um novo discurso de “apoio” ao movimento: omitindo inteiramente a sua própria caracterização de dois dias atrás acerca dos protestos, e a partir de então a imprensa corporativa e em particular a Rede Globo passavam a apresentá-los como pacíficos, ordeiros e apartidários⁹⁷.

Quando entrevistado sobre o papel da grande mídia durante as manifestações de junho, um militante filiado ao PCB⁹⁸ disse que ela era fundamental para definir parte dos rumos do mundo contemporâneo⁹⁹. Ele ainda completou que o sentimento apartidário e antipartidário tomou conta de alguns manifestantes em junho de 2013, porque a grande mídia atuou para desqualificar os partidos de esquerda¹⁰⁰. Segundo a historiadora Carla Luciana Silva, isso ocorreu em razão da organicidade da mídia que atua “em torno de uma ação de classe, criando seus próprios intelectuais, que querem buscar uma unidade de ação comum¹⁰¹”. Nenhuma notícia é apenas informação, refletiu Silva¹⁰². E os jornais que disputam espaço na grande mídia disputam por uma dominação ideológica dentro deste meio de informação massiva¹⁰³.

Em junho de 2013, as redes televisivas do Brasil, principalmente a Rede Globo, tiveram um papel decisivo em alguns momentos, na medida em que as manifestações começaram a se expandir em vários estados, levando às ruas manifestantes provindos de diferentes grupos sociais.

A disputa política nas ruas e nas mídias pelo sentido da multidão e o argumento do antipartidarismo, entretanto, se agravou após o atendimento da pauta da tarifa do transporte público pelos governantes de São Paulo e das outras capitais brasileiras, em que ocorreu aumento neste setor. Com a questão da tarifa resolvida, um fenômeno que parecia não possuir

⁹⁷CALIL, Gilberto. “Embates e disputas em torno das Jornadas de junho”. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 47, Ago. 2013, p.10.

⁹⁸A história do Partido Comunista Brasileiro (PCB) começa no início do século XX, especificamente em 1922. Na sua gênese, convergiram os ideais libertários do nascente proletariado. Este partido se tornou uma organização política que buscava conjugar em suas fileiras os mais destacados dirigentes das lutas dos trabalhadores e representantes da intelectualidade brasileira. A esse respeito ver: <<http://pcb.org.br/portal2/658>>.

⁹⁹MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

¹⁰⁰Op. cit.

¹⁰¹SILVA, Carla Luciana. Imprensa liberal, imprensa partidária: uma aproximação historiográfica. In: SILVA, Carla Luciana; Rautenberg, Edina (Orgs.). **História e imprensa: estudos de hegemonia**. Porto Alegre: FCM Editora, 2014, p.158.

¹⁰²Op. cit; p.156.

¹⁰³Op. cit.

mais unidade política continuou. Depois disso, se tornou mais intenso em vários estados grupos de manifestantes segurando a bandeira do Brasil, pintando o rosto de azul, verde e amarelo, cantando o hino nacional e/ou reforçando sentimentos nacionalistas, afirmando serem as manifestações de junho um fenômeno novo¹⁰⁴.

Nesse momento, em muitos estados, inclusive em Alagoas, desentendimentos entre a multidão e os partidos políticos começaram a se intensificar. Entretanto, quando isso ocorreu, enquanto na cidade Maceió, no litoral alagoano, os manifestantes já estavam se organizando para o terceiro ato nas ruas¹⁰⁵; na cidade de Delmiro Gouveia, no Sertão alagoano, os manifestantes se preparavam para dar início à primeira manifestação, ocorrida no dia 20 de junho de 2013.

As manifestações iniciadas em Delmiro Gouveia sugerem que, apenas quando as disputas políticas pela direção das manifestações de junho se agravaram, a multidão da cidade sertaneja decidiu organizar um protesto nas ruas aparentemente sem partido, mas conduzido por anarquistas que tinham a posse do microfone e do carro de som¹⁰⁶. Por essa razão, no dia em que essas manifestações iniciaram na cidade, alguns cartazes estavam preenchidos com as frases: “Se correr o governo pega, se ficar o governo come”; “Feliciano pega no pau da Dilma”; “A culpa é sua mau eleitor”; “Menos corrupção, mais transparência”; “Veras que o filho teu não foge à luta”; “Fora Genuíno e João Paulo Cunha”; “De quantas pessoas precisam para acabar com o Brasil? Diuma”; “Na favela, no senado, sujeira pra todo lado”¹⁰⁷.

Esses cartazes foram erguidos em sua maioria por estudantes do ensino médio, os quais possivelmente estavam saindo da escola para as ruas no dia da primeira manifestação de junho em Delmiro Gouveia. Essas frases demonstram o efeito da cobertura jornalística da grande mídia, quando a mesma decidiu apoiar as manifestações, classificando-as como um fenômeno de novo tipo¹⁰⁸. Essas frases se somaram a um movimento que aparentemente não tinha roteiro e cuja pessoa que recebeu o microfone do carro de som, para falar as palavras de

¹⁰⁴MELO, Demian Bezerra de. “A direita ganha as ruas: elementos para um estudo das raízes ideológicas da direita brasileira”. In: **Niep Marx**. Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente. Universidade Federal Fluminense. Niterói- RJ, 2015, p.1-14.

¹⁰⁵ALMEIDA, João Carlos de. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia- Alagoas.

¹⁰⁶SANTOS, José Ferreira dos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 16/02/2016. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia- Alagoas.

¹⁰⁷Ver: Acervo de fotografias do projeto “Vozes do Ser-tão nas tramas de Mnemósine: fontes orais para História Contemporânea em Alagoas”, vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa História, Sociedade e Cultura - GEPHISC/PPGH/UFAL.

¹⁰⁸Manifestações de Junho de 2013. Produção de Caco Barcellos. São Paulo, 2013. **Youtube**(23min e 57 seg). Produção da Rede Globo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iQoBOJUsNps&spfreload=10>>. Acessado em 12/02/2016.

ordem, provavelmente colocou-se a disposição poucos minutos antes de começar a passeata do centro até a sede da prefeitura¹⁰⁹.

Na cidade de Maceió, por outro lado, quando o sentimento antipartidário foi acentuado entre alguns manifestantes, as passeatas nas ruas estavam ocorrendo há alguns dias. O primeiro ato nas ruas da capital alagoana aconteceu em 13 de junho e, quando isso ocorreu, a atuação dos partidos de esquerda aparentemente foi preponderante para a deflagração desse fenômeno. A esse respeito, um militante filiado ao PSTU comentou, alguns dias depois quando o primeiro ato já havia sido deflagrado no litoral, sobre uma confusão contra os partidos iniciada em Maceió.

No *Facebook*, dia 19 de junho de 2013, o militante acima mencionado comentou sobre o burburinho no momento em que alguns grupos começaram a reproduzir o argumento do antipartidarismo, pedindo a retirada das bandeiras na manifestação realizada dia 17 de junho¹¹⁰. Naquele dia, quando o militante postava seu comentário na rede social, os jornais da Rede Globo, entretanto, já estavam divulgando uma nova versão sobre a multidão nas ruas¹¹¹.

Os jornalistas e apresentadores que trabalhavam nos jornais e programas da Rede Globo mudaram seus comentários sobre as manifestações de junho em muitos momentos. Conforme Alzamora e Rodrigues, essa mudança é visível nas observações feitas por alguns comentaristas em determinadas ocasiões, dentre eles Arnaldo Jabor¹¹². Segundo as pesquisadoras, inicialmente Jabor pensou as manifestações como um ato de ignorância política, baderna, burrice e rancor dos jovens, mas, alguns dias depois, afirmou que essas manifestações representavam uma lição de democracia¹¹³.

Para Alzamora e Rodrigues, inicialmente nenhum jornal parecia compreender o que estava acontecendo nas ruas¹¹⁴. Mas, alguns dias depois, quando os atos nas capitais do estado de São Paulo e Rio de Janeiro começaram a reunir um maior número de pessoas e a inspirar manifestações em outras cidades, a atenção dos jornalistas da grande mídia voltou-se para as

¹⁰⁹SANTOS, José Ferreira dos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 16/02/2016. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia- Alagoas.

¹¹⁰LOPES, Wibsson Ribeiro Lopes. **Página pessoal de Wibsson Ribeiro Lopes/Facebook**. Publicado em 19/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/wibsson.ribeirolopes?fref=ts>>. Acessado em 22/12/2014.

¹¹¹Manifestações de Junho de 2013. Produção de Caco Barcellos. São Paulo, 2013. **Youtube**(23min e 57 seg). Produção da Rede Globo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iQoBOJUsNps&spfreload=10>>. Acessado em 12/02/2016.

¹¹²ALZAMORA, Geane Carvalho; RODRIGUÉS, Tacyana Karinna Arce. “Fora Rede Globo”: a representação televisiva das “Jornadas de Junho” em conexões intermídia”. In: **Revista Ecopós** .V. 17 .N. 1.2014,p.6.

¹¹³Op. cit; p.6.

¹¹⁴Op. cit.

vantagens políticas deste fenômeno¹¹⁵. A Rede Globo, inclusive, depois dos primeiros atos em torno da tarifa do transporte público, resolveu abdicar de sua programação normal para dar atenção às multidões e aos seus protestos¹¹⁶.

A cobertura jornalística da Rede Globo, depois que as manifestações se ampliaram, resolveu “distinguir” o certo ou errado¹¹⁷. E, como ressaltou Nogueira, embora a grande mídia não “possa conduzir as massas, mesmo sendo uma força normatizadora, indutora e integradora”¹¹⁸, as notícias divulgadas pelo meio de informação são “construções intelectuais feitas mediante seleções, ideologias e valorações, que carregam consigo uma interpretação prévia e uma intenção”¹¹⁹. Nogueira ainda completou que a grande mídia se tornou um meio de informação perigoso para qualquer governo, pois, ao agir criticando, omitindo fatos e dando ênfases seletivas a alguns acontecimentos, ela constrói uma imagem negativa ou positiva para ele¹²⁰.

Nesse sentido, a cobertura da grande mídia, principalmente a cobertura jornalística da Rede Globo sobre as manifestações de junho, rapidamente inquietava as multidões em vários estados contra as administrações dos governos federal, estadual e municipal¹²¹, na medida em que destacava apenas alguns temas levados às ruas pela multidão, como corrupção, antipartidarismo; fora Dilma e fora bandeiras partidárias.

E não foi apenas durante as manifestações de junho que a grande mídia teve papel importante em processos políticos no Brasil. Segundo Capelato, a propaganda política, ainda no governo de Getúlio Vargas, procurava fazer com que “os sentimentos, fenômenos de longa duração, fossem manipulados de forma intensa pelas técnicas de propaganda com o objetivo de produzir fortes emoções”¹²². Assim, em junho de 2013, uma das tentativas da Rede Globo para reforçar alguns sentimentos negativos a respeito dos partidos políticos é perceptível na edição do dia 18 de junho de 2013, no programa “Profissão Reporte”, exibido semanalmente.

O mencionado programa televisivo realizou a cobertura de manifestações ocorridas

¹¹⁵Op. cit.

¹¹⁶Op. cit.

¹¹⁷Op. cit.

¹¹⁸NOGUEIRA, Marco Aurélio. “Mídia, democracia e hipermodernidade”. In: **As ruas e a democracia: ensaios sobre o Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p.190.

¹¹⁹Op. cit., p.196.

¹²⁰Op. cit.

¹²¹LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas; MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

¹²²CAPELATO, Maria Helena. “Imagens e espetáculos do poder”. In: **Multidões em cena: propaganda política no Varguismo e no Peronismo**. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.75.

em algumas capitais brasileiras no dia 17 de junho. A matéria foi exibida dia 18 de junho de 2013 e destacou alguns aspectos das manifestações, dentre elas: a truculência policial, a hostilidade de alguns grupos em relação às bandeiras dos partidos políticos de esquerda, cartazes com a frase “Fora Dilma”, discursos dos “indignados” com a corrupção, manifestantes cantando o hino nacional e a narrativa de alguns ativistas do Movimento Passe Livre ou de pessoas que aparentavam não possuíam vínculo com partidos políticos¹²³.

Depois do dia 18 de junho, os jornais da Rede Globo passaram a enfatizar esse enfoque e leitura das manifestações. Simultaneamente a esse fato, os moradores da cidade de Maceió e de Delmiro Gouveia continuaram usando o *Facebook* para externar indignação com a atuação truculenta da polícia no Rio de Janeiro ou para se manifestar sobre o argumento do antipartidarismo¹²⁴, que repentinamente foi apresentado pela Rede Globo.

O tema do antipartidarismo foi externado de diferentes maneiras. Na capital alagoana e na cidade de Delmiro Gouveia, esse tema era comentado no *Facebook* de alguns militantes dos partidos políticos de esquerda, do movimento estudantil, dos coletivos anarquistas e por pessoas que, do outro lado, defendiam a retirada das bandeiras dos partidos das ruas ou de símbolos que lembrasse o Estado¹²⁵. A exemplo, no *Facebook*, um estudante da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão que participou das manifestações de junho na cidade Delmiro, compartilhou a seguinte mensagem:

Esta luta já não é de um partido ou dois. Esta é a luta de uma nação. Meu estado já não tem partido, tem pessoas. Desejei profundamente que os protestos dos R\$ 0,20 centavos do nosso povo brasileiro se tornassem em algo substancial, algo vivo¹²⁶.

Esta mensagem foi compartilhada no dia 18 de junho de 2013, quando a cobertura jornalística da grande mídia sobre o fenômeno de junho estava passando por modificações. Esse fenômeno para a Rede Globo, até o dia 14 de junho, era fruto da ação de vândalos, cuja truculência policial contra eles era necessária. Em contraponto a essa postura jornalista, a partir do dia 15 de junho, a referida emissora de TV passou a abordar como um acontecimento

¹²³Manifestações de Junho de 2013. Produção de Caco Barcellos. São Paulo, 2013. **Youtube**(23min e 57 seg). Produção da Rede Globo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iQoBOJUsNps&spfreload=10>>. Acessado em 12/02/2016.

¹²⁴SILVA, Uedson José da. Entrevistado por José Vieira da Cruz em 14/ 11/ 2014. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

¹²⁵SANTOS, José Ferreira dos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 16/02/2016. In:Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia- Alagoas.

¹²⁶VINÍCIUS, Jaime. **Página pessoal de Jaime Vinícius – Facebook**. Publicado em 18/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MR.Cheidy?fref=ts>>. Acessado em 20/12/2014.

legítimo, pacífico e correto¹²⁷. Nesse momento, as publicações nas redes sociais acompanhavam também o ritmo da propaganda da grande mídia sobre junho de 2013. Possivelmente por esse motivo, certos temas relacionados ao antipartidarismo ganharam mais destaque do que outros.

A esse respeito, um professor da UFAL também postou nas redes sociais a seguinte frase: “Todo apoio aos companheiros do PSTU. Lutar não é crime nem moda”¹²⁸, demonstrando insatisfação com a disputa iniciada nas ruas da capital alagoana pela retirada das bandeiras e dos partidos¹²⁹. Este professor ainda compartilhou três dias depois no *Facebook* uma imagem ironizando a disputa pela retirada dos partidos que estava ocorrendo não nas ruas. Na charge abaixo, compartilhada por este professor, fica explícito que por trás do argumento do antipartidarismo e da luta pela retirada das bandeiras dos partidos, existia uma disputapolítica e ideologia que não agradava e não favorecia alguns partidos de esquerda ou os simpatizantes destes partidos. Assim, os grupos que pediram a retirada das bandeiras foram criticados nas redes sociais porque aparentemente manifestavam atitudes totalitárias.



Foto 4 - Charge compartilhada no *Facebook* pelo professor Marcos Ricardo de Lima, dia 22 de junho de 2013.

Disponível em:
<<https://www.facebook.com/marcos.ricardodelima.7?fref=ts>>.
Acessado em 20/12/2014.

Quanto mais um tema era comentado entre os manifestantes de junho, maior era o

¹²⁷JUDENSNAIDER, Elena; Et al. **Vinte Centavos**: a luta conta o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.

¹²⁸LIMA, Marcos Ricardo de. **Página pessoal de Marcos Ricardo de Lima – Facebook**. Publicado em 19/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/marcos.ricardodelima.7?fref=ts>>. Acessado em 20/12/2014.

¹²⁹LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/04/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

ganho da grande mídia. Para Bourdieu, fenômenos desse tipo são característicos de um período no qual o mercado publicitário tem sobrevivido das notícias que geram maior audiência e podem ser vendidas rapidamente¹³⁰. Conforme Bourdieu:

Através da pressão do índice de audiência, o peso da economia se exerce sobre a televisão, e, através do peso da televisão sobre o jornalismo, ele se exerce sobre os outros jornais, mesmo sobre os mais “puros”, e sobre os jornalistas, que pouco a pouco deixam que problemas de televisão se imponham sobre eles¹³¹.

O tema do antipartidarismo ganhou destaque nas redes televisivas e em jornais e revistas do Brasil, como *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo*, *Veja* e *Isto é*, em particular, quando esses veículos de comunicação optaram por mudar a cobertura a respeito das manifestações junho¹³². Em Maceió e em Delmiro Gouveia, esses temas parecem ter se aprofundado depois do dia 16 de junho de 2013, quando alguns eventos se sucederam, dentre eles: a disputa para retirar as bandeiras dos partidos políticos das ruas¹³³ e a reprodução da canção do hino nacional¹³⁴.

A referida cobertura jornalística não era nem inocente e nem desinteressada em relação aos significados da atuação da multidão e de seus protestos em junho de 2013. Ela, a grande mídia, não só atuou contra os partidos de esquerda como também a serviço dos grupos de direita, sobretudo, quando passou a selecionar fatos, falas, cartazes e reivindicações que criticavam diretamente os governos, principalmente, o governo federal, cuja administração central estava sob a responsabilidade do Partido dos Trabalhadores (PT).

1.3. A atuação do Movimento Passe Livre (MPL) e dos mascarados

O MPL não veio do nada. O MPL é um movimento de esquerda que ao longo de sua existência relacionou-se com seus pares, como o Movimento Sem-Terra e os movimentos urbanos de moradia. Encontrou apoio em intelectuais e em certa blogosfera progressista, da qual a principal referência é o tarifazero.org¹³⁵.

¹³⁰BOURDIEU, Pierre. “A estrutura invisível e seus efeitos”. In: **Sobre televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p.52-98.

¹³¹Op. cit; p, 81.

¹³²JUDENSNAIDER, Elena; Et al. **Vinte Centavos**: a luta conta o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.

¹³³LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

¹³⁴SANTOS, José Ferreira dos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 16/02/2016. In:Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia- Alagoas.

¹³⁵JUDENSNAIDER, Elena; Et al. **Vinte Centavos**: a luta conta o aumento. São Paulo: Veneta, 2013, p.19.

As jornadas de junho para o historiador Gilberto Calil tiveram início com várias mobilizações convocadas pelo coletivo Movimento Passe Livre (MPL) na cidade de São Paulo. Para o historiador, as manifestações que tomaram as ruas e as avenidas das cidades brasileiras em junho de 2013 foram impulsionadas pelo aumento no valor da tarifa do transporte público, fato que em poucos dias ganhou centralidade na grande mídia nacional e internacional e logo inspirou manifestações multifacetadas em diversos estados do Brasil¹³⁶.

A respeito desse fato, as narrativas dos militantes do MPL descreviam que próximo das sete da noite, em um dos primeiros dias de junho de 2013, um ato tomou de assalto a Avenida 23 de Maio, uma das principais vias que liga o centro à zona sul da cidade de São Paulo¹³⁷. Este ato atrasou a atuação repressiva da polícia e foi realizado nas ruas com a destruição das catracas alegóricas, feitas de madeira e pneus¹³⁸. Essa narrativa destaca o sentido econômico e a atuação de alguns coletivos nas manifestações de junho em São Paulo, dentre eles o MPL.

1.3.1. Movimento Passe Livre (MPL)

O MPL ganhou visibilidade no Brasil depois da “Revolta do Buzu”, ocorrida em agosto de 2003 na cidade de Salvador/Bahia¹³⁹. Durante essa *Revolta*, o MPL parece ter se desatacado como um tipo de movimento promissor dentro do contexto dos chamados novos movimentos sociais, pois, ao reunir pessoas em torno de uma meta comum: a luta pela desmercantilização do transporte coletivo, a *revolta* procurava chamar a atenção do poder público para esta questão¹⁴⁰.

O MPL destacou-se como um coletivo de ativistas, autônomos e apartidários, características de um movimento social de novo tipo¹⁴¹. Para Gonh e Bringel, esses novos movimentos sociais surgiram da dinâmica do mundo globalizado do final do século XX e

¹³⁶CALIL, Gilberto. “Embates e disputas em torno das Jornadas de junho”. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 47, Ago. 2013.

¹³⁷JUDENSNAIDER, Elena; ET al. **Vinte Centavos**: a luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013, p 25.

¹³⁸Op. cit.

¹³⁹Movimento Passe Livre /São Paulo. “Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo”. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1.ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013, p.14.

¹⁴⁰ORTELLADO, Pablo. “Experiência do MPL é aprendizado para o Movimento autônomo não só do Brasil, como do mundo”. In: Coletivo Antiproibicionista de São Paulo, 10/09/2013. Disponível em:<<http://coletivodar.org/2013/09/pablo-ortellado-experiencia-do-mpl-e-aprendizado-para-o-movimento-autonomo-nao-so-do-brasil-como-do-mundo/>>. Acessado em 22/02/2015.

¹⁴¹Op. cit.

carregam todas as contradições deste fenômeno¹⁴². Esse movimento é reconhecido, ainda segundo Gohn e Bringel, por compartilhar algumas características, dentre elas: o aparecimento de um ativismo internacional; a renovação dos atores sociais; uma variedade de temas e agendas de lutas; o alargamento do campo participativo-institucional e a mudança no cenário internacional¹⁴³. Ele se destaca por valorizar a iniciativa da multidão e os espaços de diálogo e compreensão destinados aos movimentos insurgentes contra a globalização e o neoliberalismo¹⁴⁴.

O Movimento Passe Livre se adéqua ao perfil dos novos movimentos sociais ao compartilhar algumas características estudadas por Gohn e Bringel. Ele apresenta distanciamento das organizações político-partidárias; articulação em nível local, regional e nacional através do uso das redes sociais; uma agenda de reivindicação voltada para o transporte público e participação em conferências, como no Fórum Social Mundial¹⁴⁵.

Nesse sentido, esse coletivo não possui a mesma organização dos partidos políticos, embora reúna líderes das organizações partidárias¹⁴⁶; e também pode se encaixar nas reflexões do historiador Van der Linden, quando o mesmo analisou a articulação dos diversos tipos de trabalhadores em torno dos movimentos que ultrapassavam o Estado-Nação desde o século XIX¹⁴⁷, pois o MPL ressignifica a experiência dos movimentos de rua realizados no passado, na medida em que procura unificar trabalhadores, estudantes e militantes em torno de uma única reivindicação.

Nas cidades de Maceió e de Delmiro Gouveia, observadas as densidades populacionais e localizações, não fosse pela pauta relacionada ao tema do transporte público, outros temas pareciam manter pouca relação de proximidade com as manifestações de junho ocorridas em São Paulo. Isso porque, embora questões políticas e econômicas estivessem afligindo esse setor social em diferentes estados, cada cidade possuía uma multidão que nas manifestações de junho revelou-se um pouco do seu fazer-se.

¹⁴²GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. “A discussão contemporânea sobre os movimentos sociais”. In: **Movimentos Sociais na era global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

¹⁴³Op. cit.

¹⁴⁴VIEIRA, Flávia Braga. “Articulações internacionais “desde baixo” em tempos de globalização”. In: GONH, Maria da Glória; Bringel, Breno M. (orgs.). **Movimentos Sociais na era global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.189-2011.

¹⁴⁵JUDENSNAIDER, Elena; Et al. **Vinte Centavos: a luta conta o aumento**. São Paulo: Veneta, 2013.

¹⁴⁶Op. cit.

¹⁴⁷LINDEN VAN DER. Marcel. “Formas de resistência”. In: **Trabalhadores do mundo: ensaios para uma história global do trabalho**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

Alagoas não experimentou a atuação do MPL em junho de 2013, mas a ausência dessa experiência provavelmente estava atrelada a duas questões: a atuação significativa dos militantes dos partidos políticos e dos coletivos anarquistas; e a disparidade no sistema de transporte público existente entre os estados São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Alagoas, entre outros. Embora a atuação dos partidos políticos como o PSTU, o PCB, o PCR e o PCdoB e dos coletivos anarquistas tenha prevalecido no processo de convocação das manifestações de junho de 2013, e mesmo sem existência do MPL enquanto movimento orgânico em Maceió e em Delmiro Gouveia, o tema do transporte público constituiu uma demanda decisiva para a ida da multidão às ruas das cidades.

1.3.2. *Anonymous*

Os *Anonymous* também ganharam destaque durante as manifestações de junho e parece está inserido dentro dos novos movimentos sociais por possuir características semelhantes a do Movimento Passe Livre. A diferença que separa o *Anonymous* do MPL está na forma como ambos usam o ambiente virtual e nas diversas definições que os pesquisadores construíram para compreendê-los.

O movimento dos *Anonymous*, também conhecido como “tática de luta”, começou a se destacar no Brasil nos primeiros anos do século XXI, depois das manifestações por eles protagonizadas em outros países¹⁴⁸. Eles se articularam através de redes de solidariedade e de luta dentro do ambiente virtual, mas a ascensão desse movimento se confunde com o contexto de transformação do papel da internet, uma vez que ao mesmo tempo em que o uso da internet foi democratizado, a rede oportunizou a criação de novas formas de informação e comunicação, permitindo aos ativistas se articularem no processo do Ciberativismo¹⁴⁹.

Para Lévi, o Ciberativismo designa um conjunto de estratégias adequadas ao exercício dos direitos humanos e mantém em sua base grupos de ativistas conectados através do ambiente virtual, ou seja, por meio da internet¹⁵⁰. Ele chegou ao Brasil na década de 1990, através da web e de ativistas políticos¹⁵¹. Entretanto, apenas na primeira década do século XXI, o movimento obteve maior visibilidade em função do ativismo de alguns grupos.

¹⁴⁸GOHN, Maria da Glória. “Manifestações dos indignados no Brasil: antes, durante e depois de junho de 2013”. In: **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

¹⁴⁹LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo. Ed.34,1996.

¹⁵⁰Op. cit.

¹⁵¹Op. cit.

Segundo ParmyOlson, o *Anonymous* está ligado a uma tática de hackeamento profissional, realizado por jovens para denunciar e lutar de forma invisível¹⁵². Ele diverge do MPL e do *Black Blocs*, porque a atuação dele se direciona para a “artilharia virtual”¹⁵³. Eles agem via redes virtuais para convocar participações diretas e para destruir sites¹⁵⁴. Em junho de 2013, em São Paulo, no Rio de Janeiro, na Bahia, em Minas Gerais, entre outros estados, eles atuaram no ambiente virtual.

Em muitas interpretações sobre o fenômeno de junho, houve uma preocupação de discuti-lo como um evento que apresentou, ao menos em alguns estados, as características de um movimento social de novo tipo e de um movimento antiglobalização, devido à atuação de alguns coletivos, como o *Anonymous*¹⁵⁵. Mas, no estado de Alagoas, ao que tudo indica, este coletivo ainda não havia atuado. Em Maceió e em Delmiro Gouveia, ele foi lembrado devido a utilização por parte de algumas pessoas de um objeto que caracteriza a atuação do movimento na web: a máscara sorridente, usada pelo personagem “V” no filme “V de Vingança”.



Foto 5 - Manifestantes usando a máscara inspirada no personagem “V” do filme “V de Vingança”, durante as manifestações de junho de 2013, na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas.

Acervo de Uedson José da Silva.

¹⁵²OLSON, Parmy. **Nós somos Anonymous: por dentro do mundo dos hackers**. Tradução Henrique Guerra. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2014.

¹⁵³Op. cit.

¹⁵⁴GOHN, Maria da Glória. “Manifestações dos indignados no Brasil: antes, durante e depois de junho de 2013”. In: **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p.53.

¹⁵⁵Op. cit.

Provavelmente, por um lado, não existiu militante do *Anonymous* atuando em sites ou nas redes sociais nas cidades de Maceió e Delmiro Gouveia¹⁵⁶, mas em Delmiro, por outro, na manifestação ocorrida no dia 26 de junho de 2013, houve algumas pessoas que utilizaram a máscara do personagem “V” procurando preservar a identidade¹⁵⁷.

Na imagem acima, registrada por um militante anarquista durante as manifestações de junho em Delmiro Gouveia, há dois manifestantes fazendo uso da máscara sorridente, inspirada no personagem “V”, de Alan Moore, escritor anarquista¹⁵⁸. O uso dessa máscara por algumas pessoas na cidade sertaneja não significava, entretanto, que elas estavam vinculadas a artilharia virtual do *Anonymous* ou atuavam na internet como este coletivo.

A máscara havia sido usada com um propósito diferente. Um dos manifestantes ressaltou que estava fazendo uso da máscara apenas para não mostrar o rosto¹⁵⁹. Nesse caso, o manifestante anarquista queria se proteger de retaliações políticas do poder público local. Essa atitude não seria estranha, pois o anarquista que utilizou a máscara possuía um histórico de confronto com o poder público local na cidade Delmiro Gouveia¹⁶⁰.

O fenômeno de junho em Maceió também contou com a presença de manifestantes mascarados no trajeto das passeatas nas ruas. E, assim como no sertão alagoano, os manifestantes no litoral, pelos indícios estudados, também não exerciam a artilharia virtual do coletivo *Anonymous*.

¹⁵⁶A respeito desta discussão foram analisadas as entrevistas de: LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas. ; ANÔNIMO. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 21/01/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas. ; SILVA, Uédson. Entrevistado por José Vieira da Cruz em 14/ 11/ 2014. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas. ; SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 24/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

¹⁵⁷Anônimo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 21/01/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

¹⁵⁸MORGENSTERN, Flávio. “Sermos Vulgaris. A política das massas”. In: **Por trás da máscara**. Rio de Janeiro: Record, 2015, p.399.

¹⁵⁹Op. cit.

¹⁶⁰SILVA, Uedson José da. Entrevistado por José Vieira da Cruz em 14/ 11/ 2014. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

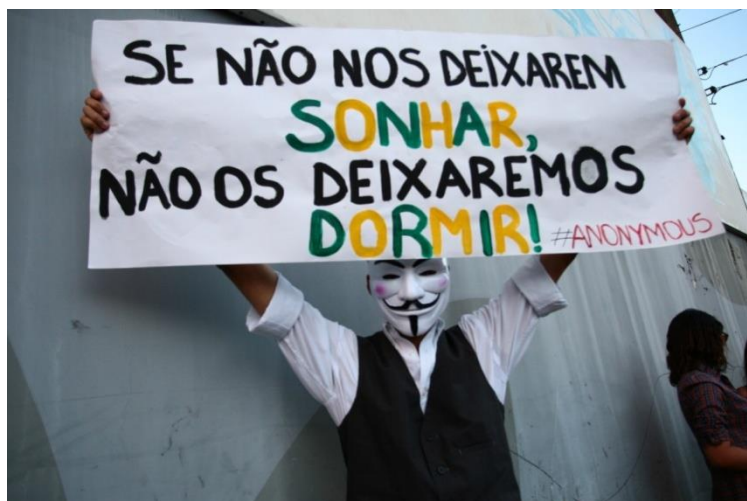


Foto 6 -Manifestante com a máscara do personagem “V”, do filme “V de Vingança”, durante das manifestações de junho de 2013, na cidade de Maceió/Alagoas.

Disponível em:
<<http://g1.globo.com/al/alagoas/fotos/2013/06/fotos-maceio-tem-terceiro-dia-de-protestos.html#F846402>>. Acessado em 20/10/2014.

Esta imagem, registrada para o site G1 Alagoas durante as manifestações de junho de 2013 na cidade de Maceió, apresenta um manifestante usando a máscara sorridente inspirada no personagem “V”, do filme “V de vingança”. O uso da máscara provavelmente não estava sendo feito apenas pelos ativistas do *Anonymous*, mas também para preservar a identidade ou para mostrar solidariedade com os ativistas reprimidos em outros estados, como em São Paulo, Brasília, Minas Gerais, Rio de Janeiro.

A este respeito, um militante do PSTU disse que na capital alagoana foram muitos os mascarados nas ruas¹⁶¹. Os mascarados apareceram de forma difusa nas passeatas, sendo mais uma característica de um movimento multifacetado. Mas um militante do CAZP ainda acrescentou que os ativistas do coletivo *Anonymous* tentaram se aproximar dos militantes anarquistas pela internet¹⁶².

Apenas na narrativa do último militante acima citado, o coletivo foi lembrado com maior ênfase. Nenhum outro militante filiado aos partidos políticos de esquerda entrevistado no curso desta pesquisa comentou sobre uma tentativa de aproximação desse tipo. Desse modo, a narrativa do militante do CAZP parece sugerir a existência de uma simpatia do

¹⁶¹LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

¹⁶²ALMEIDA, João Carlos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia- Alagoas.

coletivo local para com a atuação dos *Anonymous*, ou seja, com formas de atuação desvinculadas dos partidos políticos.

1.3.3. *Black Blocs*

Em meio às nuvens de gás lacrimogêneo, policiais fortemente armados enfrentam os vultos nas ruas. Mascarados e vestidos de preto, esses vultos são os “Black Blocs”¹⁶³.

Durante o dia ou à noite, mascarados assustaram policiais, jornalistas e políticos, provocando um estado de tensão em junho de 2013¹⁶⁴. Grupos disfarçados com roupas pretas, brancas, vermelhas, entre outras cores, que mais pareciam vultos, quando apareciam deveriam ser contidas. Por onde passavam, um rastro de destruição era deixado pelos grupos que escondiam os rostos atrás do capuz e das máscaras feitas com roupas.

No dia 11 de junho de 2013, quando o portal de notícias do G1 publicou uma matéria com o título “Protesto contra tarifa tem confronto, depredações e presos em SP”, o noticiário apresentou a destruição dos ônibus do sistema de transporte público em São Paulo como uma ação de vandalismo¹⁶⁵. Nas redes televisivas ou em jornais, não havia outra explicação para a destruição provocada pela multidão. Bastava às pessoas ocuparem as ruas, utilizando capuz ou máscaras feitas com roupas que a polícia se aproximava e a grande mídia criava estereótipos¹⁶⁶.

Pichações, depredação de ônibus e a utilização do coquetel molotov por pessoas mascaradas com capuz, chamadas também de *Black Block*, deixaram marcas em junho de 2013. Mas esses atos de depredação foram apresentados pela grande mídia como atitudes de manifestantes e organizações que não demonstrava qualquer apreço a bens públicos¹⁶⁷.

Conforme Dupuis-Déri, os grupos *Black Blocs*, entretanto, “são compostos por agrupamentos pontuais de indivíduos ou grupos de pessoas formados durante uma marcha ou

¹⁶³DUPUIS-DÉRI, Francis. Quem tem medo dos BlacBlocs?. In: **Black Blocs**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014, p.9.

¹⁶⁴GOHN, Maria da Glória. “Manifestações dos indignados no Brasil: antes, durante e depois de junho de 2013”. In: **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

¹⁶⁵MORA, Marcelo; VIANA, Julia Basso. “Protesto contra tarifa tem confronto, depredações e presos em SP”. In: **G1**, publicado em 11/06/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-contratarifa-tem-confronto-depredacoes-e-detidos-em-sp.html>>. Acessado em: 15/12/2014.

¹⁶⁶Op. cit.

¹⁶⁷Op. cit.

manifestação”¹⁶⁸. O aparecimento desses grupos depende do contexto no qual as manifestações de rua surgem, uma vez que ele é uma tática de luta¹⁶⁹. E essa tática de luta está relacionada a uma atuação radical e performática contra as formas de opressão e violência criadas pelo Estado para interromper manifestações sociais e populares.

O *Black Bloc* difere do MPL e do *Anonymous* pelo uso que o grupo faz da destruição de patrimônios públicos e privados enquanto forma de resistência e, por isso, ele é interpretado por pesquisadores ou mesmo por ativistas como uma tática de luta. Entretanto o termo “tática de luta” não foi mencionado nos telejornais quando o tema era *Black Bloc* nas ruas em junho de 2013, pois os grupos *Black Blocs* destruíram bancos, concessionárias e prédios históricos, ou seja, lugares com significados importantes para o sistema capitalista e para a história do Brasil¹⁷⁰.

A tática de luta dos grupos *Black Blocs* foi, por isso, inquietante no contexto das manifestações de junho e no decurso das últimas décadas ela parece ter inspirado ativistas em vários países a se manifestar de forma mais radical¹⁷¹. Surgido pela primeira vez na Alemanha, essa tática teve como pioneiro as mulheres que buscavam maior participação na política, em um país predominantemente conservador em relação à questão do feminismo e da participação das mulheres envolvidas em processos eleitorais¹⁷².

Nas cidades de Maceió e de Delmiro Gouveia, durante as manifestações de junho de 2013, alguns manifestantes usaram trajes que lembrava os grupos *Black Blocs*. Como é visível nas imagens abaixo.

¹⁶⁸DUPUIS-DÉRI, Francis. “De onde vem os Black Blocs?”. In: **Black Blocs**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014, p.10.

¹⁶⁹Op. cit., p.11.

¹⁷⁰MORA, Marcelo; VIANA, Julia Basso. “Protesto contra tarifa tem confronto, depredações e presos em SP”. In: **G1**, publicado em 11/06/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-contratarifa-tem-confronto-depredacoes-e-detidos-em-sp.html>>. Acessado em: 15/12/2014.

¹⁷¹GOHN, Maria da Glória. “Manifestações dos indignados no Brasil: antes, durante e depois de junho de 2013”. In: **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p.17-88.

¹⁷²DUPUIS-DÉRI, Francis. Quem tem medo do Black Blocs? In: **Black Blocs**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014, p.35.



Foto 7 -Manifestantes usando roupas e capuz preto durante as manifestações de junho de 2013, na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas. Acervo de Uedson José da Silva.



Foto 8 -Manifestante no centro da foto utilizando boné e uma máscara de tecido branca, durante as Manifestações de Junho de 2013, na cidade de Maceió/Alagoas.

Disponível em:
<<http://g1.globo.com/al/alagoas/fotos/2013/06/fotos-maceio-tem-terceiro-dia-de-protestos.html#F846398>>. Acessado em 20/10/2014.

A primeira imagem foi registrada por um anarquista durante as manifestações de junho de 2013 na cidade de Delmiro Gouveia. Na imagem os três manifestantes estão vestidos com blusa e capuz preto, traje usado pelos manifestantes que utilizam a tática de luta dos grupos *Black Blocs*. Conforme Dupuis-Déri, trajes desse tipo foram inspirados na tradição anarcopunk, “suas raízes históricas e políticas nos *Autonomem*, o movimento 'autonomista' em

Berlim Ocidental, onde essa tática do *Black Bloc* foi empregada pela primeira vez no início dos anos de 1980”¹⁷³.

A segunda imagem foi registrada para o site do G1 Alagoas durante as manifestações de junho na cidade de Maceió. No centro da imagem, há um manifestante vestido com blusa vermelha e usando uma máscara branca feita com roupa. Embora não se enquadre no perfil dos trajes pretos usados pelos grupos Black Blocs, esse tipo de traje também foi usado por manifestantes que provavelmente utilizaram a tática de luta desses grupos.

Em Alagoas, os manifestantes que usaram esses trajes, entretanto, não atuaram da mesma forma que os grupos *Black Blocs* atuaram em cidades da região Sudeste nas manifestações de junho. Isso porque, enquanto em algumas cidades dessa região, como no Rio de Janeiro, a violência policial contra os manifestantes foi mais intensa¹⁷⁴, nas cidades alagoanas a violência policial não teve capacidade de despertar a fúria dos mascarados.

No litoral e no Sertão de Alagoas, houve pichações de muros e de lugares com significado político durante e depois das manifestações de junho. Nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, os *Black Blocs* se revelaram, entretanto, fazendo estragos em alguns prédios, concessionárias, bancos, entre outros lugares diretamente relacionados com a reprodução do capitalismo¹⁷⁵. Nas cidades de Delmiro Gouveia e de Maceió, as pichações marcaram muitos lugares, como é visível nas imagens abaixo.

¹⁷³Op. cit.,p.40.

¹⁷⁴CALIL, Gilberto. “Embates e disputas em torno das Jornadas de junho”. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 47, Ago. 2013.

¹⁷⁵FREITAS, Cláudia. “Os "Black Blocs", para quem servem?”. In: *Jornal do Brasil*, publicado em 13/10/2013. Disponível em:<<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/10/13/os-black-blocs-para-quem-servem/>>. Acessado em 14/12/2014.



Foto 9 - Muro no centro da cidade Delmiro Gouveia/Alagoas, pichado após as manifestações de junho de 2013. Disponível em: <http://www.ferreiradelmiro.com/2013_08_01_archive.html>. Acessado em 20/04/2016.



Foto 10 - Muro de uma clínica da cidade de Maceió/Alagoas, pichado após as manifestações de junho de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/07/clinica-em-maceio-confecciona-cartaz-para-criticar-pichacoes-em-protesto.html>>. Acessado em 20/04/2016.

A primeira imagem foi retirada do blog de um morador da cidade Delmiro Gouveia. O muro na foto, localizado no centro desta cidade, provavelmente foi pichado em agosto de 2013, após as manifestações de junho. A segunda imagem foi retirada do site G1 Alagoas. O muro na segunda foto é de uma clínica da cidade de Maceió, cujo nome não foi divulgado pelo site do G1, possivelmente pichado após as manifestações de junho na cidade de Maceió.

As frases pichadas nos muros e a faixa anexada no muro da segunda imagem demonstram que as reivindicações realizadas em junho de 2013 ainda ressoavam nas cidades alagoanas. Mas os pichamentos provavelmente eram realizados por pessoas que acompanharam as manifestações de junho, escondidas atrás das máscaras.

A pichação, desse modo, é uma tática de reivindicação que também está relacionada à manifestação performática dos grupos *Black Blocs*, ou seja, a de uma forma de reivindicar que deixa rastros de destruição e de inquietação. Mas diferentes coletivos e táticas de luta marcaram as manifestações de junho nas diversas cidades brasileiras. Em Alagoas, a presença desses coletivos e dessas táticas demonstrou que as manifestações de junho ocorridas no estado, formaram um fenômeno histórico marcado por manifestações antagonistas, como se verá nos próximos capítulos.

Esse fenômeno voltou a despertar, como destacou Calil, o interesse dos políticos, militantes e pesquisadores para o tema dos movimentos populares e sociais no século XXI¹⁷⁶, mas isso provavelmente aconteceu porque, durante as manifestações de junho, as disputas políticas pelo sentido das manifestações destacaram: a fragilidade das propostas dos partidos políticos frente à sociedade; as consequências das políticas neoliberais e a influência da produção da grande mídia e das redes sociais nas manifestações de rua.

¹⁷⁶CALIL, Gilberto. “Embates e disputas em torno das Jornadas de junho”. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 47, Ago. 2013.

2 - A MANIFESTAÇÃO DE JUNHO EM MACEIÓ

2.1. Das ruas à atuação da grande mídia

Quando as manifestações de junho tiveram início na capital alagoana, as ruas e as avenidas das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro estavam ocupadas há alguns dias por uma multidão, que protestava pela redução no valor da tarifa do transporte público. As manifestações iniciadas no Sudeste chamaram a atenção dos militantes de Maceió, vinculados ao movimento estudantil universitário e secundarista, aos partidos políticos e ao movimento anarquista. Esses militantes assumiram a tarefa de mobilizar os primeiros protestos na capital alagoana, mas, a exemplo do que estava ocorrendo em outros estados, a projeção alcançada pelos protestos de junho de 2013, junto aos meios de comunicação e a as redes sociais, ampliou o número dos participantes e o formato dos protestos nesta cidade.

No *Facebook*, os militantes relacionados aos movimentos sociais discutiram a respeito do aumento no valor da tarifa do transporte público, acontecimento que estava causando, em junho de 2013, insatisfação em várias cidades brasileiras. Nesse período, mesmo sem ter ocorrido aumento no bilhete do transporte público em Maceió, os mencionados militantes organizaram protestos com a participação de uma multidão. Neste interstício de tempo, entre a segunda a quarta semana de junho, a Associação dos Transportadores de Passageiros do Estado de Alagoas (TRANSPAL), entretanto, mediava uma disputa entre os empresários e o governo estadual e municipal, relacionada ao valor da tarifa do transporte urbano na capital alagoana¹⁷⁷.

Neste contexto, a notícia de que haveria aumento no valor da tarifa do transporte urbana inquietou os moradores de Maceió. Esta notícia, divulgada pelo jornal *Gazeta de Alagoas* ajudou a aprofundar a insatisfação social. E, além disso, de outro lado havia a difusão da cobertura jornalística da grande mídia, a respeito dos protestos relativos ao aumento de transporte em outras cidades do país e a truculência da polícia contra os manifestantes potencializando o cenário de protestos em Maceió¹⁷⁸.

Essa cobertura jornalística da grande mídia nacional acerca dos protestos de junho, por um lado, apoiava a repressão policial contra os manifestantes, sobretudo, nas cidades de

¹⁷⁷OLIVEIRA, Bleine. “Entidades querem valor da passagem a r\$ 2,10”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 02/06/2013. Disponível em: <<http://gizetaweb.globo.com/gizetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

¹⁷⁸ALZAMORA, Geane Carvalho; RODRIGUÉS, Tacyana Karinna Arce. “Fora Rede Globo”: a representação televisiva das “Jornadas de Junho” em conexões intermídia”. In: **Revista Ecopós**. V. 17. N. 1. 2014, p.1-12.

São Paulo e do Rio de Janeiro¹⁷⁹ e, por outro lado, impulsionava um movimento de efeito contrário nas redes sociais, incitando o aumento das manifestações de rua em solidariedade aos manifestantes reprimidos. Em Maceió, essas redes sociais contribuíram para deflagrar e organizar as manifestações de junho, entretanto esse fenômeno foi diferente daquele ocorrido em outros estados e tanto os atores sociais como as pautas de reivindicação levadas às ruas estavam marcados por demandas regionais e locais.

2.1.1.A “imparcialidade” do jornal Gazeta de Alagoas

No Rio de Janeiro, eu encontrei, eu vi um vídeo, que passou no Jornal Nacional, de um manifestante apanhando, que foi cortado, aí no youtube quando eu fui ver o vídeo, era de um manifestante, que eu conheci em 2006, na minha época de graduação, era jornalista atualmente e tava sendo espancado, eu esqueci o nome dele, mas ele fazia parte do grupo que... Quando eu tava saindo da universidade, ele tava participando do movimento que eu conheci parte... Das organizações políticas da luta¹⁸⁰.

A narrativa apresentada por Almeida, ativista do movimento anarquista na cidade de Maceió, comenta sobre a atuação da grande mídia no contexto das manifestações de junho, em particular, tecendo uma crítica à manipulação da cobertura jornalística, sobretudo nos casos de violência deferida contra os manifestantes por parte da polícia. No decorrer da sua fala, o referido anarquista ilustra a postura das redes televisivas quando se tratava de direcionar ou silenciar a voz dos manifestantes. Ele ainda destacou que durante um determinado momento das manifestações de junho em Maceió, quando a multidão invadiu a câmara dos vereadores registrou-se gritos de: “o povo não é burro, abaixo a Rede Globo!” ou “A realidade é dura, a Globo apoia a ditadura”, relatando a clareza dos manifestantes quanto a manipulação das notícias divulgadas pela mencionada emissora de tv¹⁸¹.

A análise da narrativa de Almeida provoca a necessidade de uma reflexão crítica sobre a cobertura jornalística da imprensa radiofônica e televisiva a respeito das manifestações de junho, em particular, a exibida nos telejornais. Isso porque essa cobertura está comprometida com alguns grupos sociais que dentro do sistema político e econômico detém o monopólio das comunicações, e, como pensou Bourdieu, a grande mídia possui leis próprias

¹⁷⁹ Ver: <<http://blog.esquerdaonline.com/?p=1788>>. Acessado em 13/01/2016.

¹⁸⁰ ALMEIDA, João Carlos de. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia- Alagoas.

¹⁸¹ Op. cit.

para atender aos interesses desses grupos sociais dentro do mercado publicitário¹⁸².

No contexto das manifestações de 2013, quando as questões da tarifa do transporte público, da violência dos *Black Blocs*, do antipartidarismo e da repressão policial alcançaram centralidade na grande mídia, as notícias divulgadas na grande mídia pareciam cada vez mais tendenciosas¹⁸³. Isso, segundo um militante do PCB, ficava cada vez mais visível, sobretudo depois que a grande mídia intensificou o foco no argumento do antipartidarismo, por um lado, direcionado contra os partidos políticos de esquerda e os movimentos sociais¹⁸⁴ e, por outro, colaborando com partidos da direita a incitar a multidão a tecer críticas contra os governos municipal, estadual e, sobretudo, o federal¹⁸⁵.

O tema do antipartidarismo enfatizado pela grande mídia, provavelmente foi um dos que mais chamou atenção dos militantes dos movimentos sociais de Maceió. Como notou Calil, a disseminação do antipartidarismo foi fabricada pela mídia corporativa, num contexto onde uma parte dos manifestantes tinha pouca experiência política e estava marcado pelas contradições dos partidos de esquerda que eram alvo deste discurso¹⁸⁶. Para Lopes, militante do PSTU, o primeiro movimento da mídia foi criticar os manifestantes, classificando suas ações como “um protesto, [uma] baderna”¹⁸⁷. Entretanto, o militante do PSTU, ao referir-se a atuação da grande mídia, não especificou de qual rede televisiva ou jornal estava falando. Aparentemente ele se referia a Rede Globo e não a imprensa da cidade de Maceió.

A ausência de comentários sobre a atuação da imprensa de Maceió, não apenas na narrativa de Lopes,¹⁸⁸ mas também nas narrativas concedidas por Almeida, militante do CAZP¹⁸⁹ Maciel, militante do PCB¹⁹⁰ e Silva, militante do PCR¹⁹¹, lembra aquilo que

¹⁸²BOURDIEU, Pierre. “A estrutura invisível e seus efeitos”. In: **Sobre televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

¹⁸³MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

¹⁸⁴Op. cit.

¹⁸⁵CALIL, Gilberto. Embates e disputas em torno das Jornadas de junho. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 47, Ago. 2013, p. 1-27.

¹⁸⁶Op. cit.

¹⁸⁷LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/04/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

¹⁸⁸Op. cit.

¹⁸⁹ALMEIDA, João Carlos de. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

¹⁹⁰MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

¹⁹¹ Fundado em maio de 1966, o Partido Comunista Revolucionário (PCR) foi organizado por um grupo de militantes egressos do PCdoB. O PCR, segundo seu site, “é fruto da tradição política nascida na Europa em meados do século XIX, em particular após a publicação do Manifesto do Partido Comunista, em 1848, e presente no Brasil desde a década de 1920”. A esse respeito ver: <<http://pcrbrasil.org/pcr/historia/>>.

Bourdieu analisou sobre a hegemonia de algumas redes de informação, pois, conforme este pesquisador, “um jornal deixa de ser dominante quando seu poder de deformar o espaço à sua volta diminui e ele já não dita a lei”¹⁹²¹⁹³.

A cobertura jornalística da Rede Globo sobre as manifestações de junho de 2013 aparentemente repercutiu com mais intensidade, pois, já consolidada no mercado, essa emissora de TV dispunha de maior espaço e prestígio tanto no campo da comunicação quanto no da publicidade. Neste sentido, ela utiliza esse alcance tanto para divulgar como para influenciar os acontecimentos, a exemplo do que ocorreu em junho de 2013. Além disso, é importante lembrar a histórica relação dessa empresa de comunicação com grupos políticos que se apoderaram do Estado Brasileiro, em particular, no longo período da ditadura civil-militar¹⁹⁴.

No caso da cobertura jornalística sobre as manifestações de junho de 2013, ficou explícita a posição da Rede Globo publicada em seus noticiários de incentivar o argumento do antipartidarismo e da crítica ao governo federal. Desta forma, a intensificação de pautas relacionadas ao combate a corrupção, contra Dilma e contra os políticos, robustecia o desgaste do atual sistema de representação política brasileira frente à sociedade, pauta visível nas matérias divulgadas, principalmente nos artigos publicados no site do G1. Nessas matérias, as discussões relacionadas ao antipartidarismo eram associadas ao desgaste ético do regime presidencialista do Estado Brasileiro¹⁹⁵.

A cobertura jornalista sobre as manifestações e junho, produzida pelo jornal Gazeta de Alagoas, embora não tenha sido mencionado pelos militantes/ativistas sociais entrevistados no curso desta pesquisa, merece atenção. A cobertura dos referidos acontecimentos produzida pelo mencionado periódico também releva estar perpassada por interesses políticos, uma vez que o Jornal Gazeta de Alagoas pertence à família do ex-presidente, Fernando Collor de Mello, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e eleito Senador de Alagoas em 2014. E,

¹⁹²SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 24/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas. Magno Francisco da Silva é graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas/ Campus A.C.Simões. No ano de 2015, no período em que foi entrevistado para esta pesquisa, estava professor do Tronco Inicial da UFAL/Campus do Sertão, universidade que fica localizada na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas, e era estudante do Mestrado em história da UFAL. Silva era integrante do Partido Comunista Revolucionário (PCR) e durante as manifestações ocorridas em junho de 2013 no Brasil, participou dos protestos que tomaram às ruas da cidade de Maceió/Alagoas.

¹⁹³BOURDIEU, Pierre. A estrutura invisível e seus efeitos. In: **Sobre televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p.55-98.

¹⁹⁴LARANJEIRA, Álvaro Nunes. **A mídia e o regime militar**. Porto Alegre; Sulina, 2014.

¹⁹⁵BBC. Organização de protestos pode indicar 'novidade' política no Brasil. Em **G1Brasil**, publicado 19/06/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/organizacao-de-protestos-pode-indicar-novidade-politica-no-brasil.html>>. Acessado em 20/12/2015.

naquele ano de 2013, Collor não estava em nenhum cargo político já que durante as eleições de 2010, quando se candidatou ao cargo de governador do estado de Alagoas, perdeu a disputa para o candidato Teotônio Vilela Filho, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Dentro deste campo de relações políticas, o referido jornal no contexto das manifestações de junho agia de forma sutil, ajudando a reforçar a crítica aos governos federal, estadual e municipal na medida em que selecionava e destacava as falas de alguns manifestantes. A esse respeito, o jornal destacou a fala de um estudante da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pertencente à tendência estudantil denominada de Correnteza, a época a frente da direção do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFAL:

A classe média e os servidores públicos sentem-se igualmente insatisfeitos com a falta de investimentos em saúde e educação, e a mobilização de um número cada vez maior de pessoas está diretamente relacionada à crise econômica mundial que, no Brasil, o ex-presidente Lula chamou de “marolinha”¹⁹⁶.

Outra fala destacada pelo jornal foi a do coordenador do Grupo Estadual de Combate às Organizações Criminosas (GECOC), do Ministério Público (MP) de Maceió. A esse respeito, o jornal Gazeta de Alagoas destacou: “Os políticos precisam entender a mensagem do povo nesse momento. A luta é por um país sem corrupção. A sociedade vai às ruas e grita também contra a PEC 37, que é um crime contra a própria sociedade”¹⁹⁷. O jornal passou, portanto, a enfatizar os temas da corrupção, da crise econômica e da crise ética dos partidos políticos.

E, associada a essa pauta, o debate sobre o antipartidarismo passa a ganhar os holofotes a partir do dia 18 de junho de 2013. Depois desta data, não interessava a este jornal expor apenas a questão da reivindicação pela redução no valor da tarifa do transporte. Ele passou a expor falas de pessoas que não eram militantes e líderes de movimentos sociais. A partir da referida data, portanto as edições deste jornal mostravam o fenômeno de junho como uma grande confusão, produzindo notícias que selecionavam falas, ideias e grupos específicos.

Desta forma, o jornal Gazeta de Alagoas passou a publicar falas de manifestantes que atuaram durante esse fenômeno em Maceió. Essas notícias eram cautelosas, investiam numa

¹⁹⁶OLIVEIRA, Bleine. “Maceió terá novo protesto amanhã”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 25/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

¹⁹⁷MILANO, Luciano. “Protesto reúne diferentes gerações”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 21/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

falsa imparcialidade e suscitava um implícito apoio a revolta da multidão, que estava nas ruas protestando contra os governos municipais, estadual e federal.

Através do conteúdo encontrado no referido jornal, é possível identificar algumas lideranças que atuaram nas manifestações de junho de 2013 na capital alagoana e visualizar os interesses políticos do jornal trabalhados na referida cobertura jornalística. Este conteúdo, embora não possa ser considerado “explícito” e conclusivo, ajuda a fugir daquilo que o historiador George Rudé chamou de rótulos das multidões¹⁹⁸, pois ele destacou falas de um público variado.

Militantes, advogados, prefeito, governador, estudantes, desempregados, comerciantes, aposentados, funcionários públicos, militares, entre outros, tiveram partes de suas falas publicadas neste jornal. Entretanto, o jornal Gazeta de Alagoas em algumas edições enfatizou apenas as falas de estudantes vinculados a grupos políticos de esquerda.

Entre os dias 14 a 20 de junho de 2013, ao menos dois estudantes ganharam evidência, Laís Cavalcanti e Wibsson Ribeiro Lopes. Ambos eram estudantes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/Campus A. C. Simões) e possuíam um ponto em comum: estavam envolvidos há anos com o movimento estudantil. Esses estudantes participaram de vários movimentos reivindicatórios em Maceió e se apresentaram como líderes durante as manifestações de junho. No dia 14 de junho de 2013, suas falas estavam nas páginas do jornal Gazeta de Alagoas, quando o mesmo tornou público que a onda de protestos contra o aumento no valor da tarifa do transporte, iniciada no Sudeste, inspirou a multidão e os movimentos sociais do litoral alagoano.

A notícia do dia 14 de junho sobre a manifestação ocorrida em Maceió destacou a fala de Laís Cavalcanti. Ela era integrante da Assembleia Nacional dos Estudantes Livres (ANEL), entidade estudantil criada em 2009, com o objetivo de unificar a luta dos estudantes do Brasil em torno de uma organização independente e separada da antiga União Nacional dos Estudantes (UNE)¹⁹⁹. O jornal destacou a seguinte fala de Cavalcanti:

Assim que saiu a notícia sobre o possível aumento, já começamos a articular a manifestação, porque se fizermos a conta, o custo para o trabalhador que ganha um salário-mínimo será, em média, de R\$ 170,00 ao mês. Isso é quase 20% do salário e um golpe muito grande na renda do trabalhador²⁰⁰.

¹⁹⁸RUDÉ, George. **A Multidão na História**: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Editora: Vozes. Petrópolis, RJ, 1964.

¹⁹⁹ASSEMBLEIA NACIONAL DOS ESTUDANTES LIVRES. Nossa História. In: ANEL. Disponível em: <<http://anelonline.com/historia>>. Acessado em 20/12/2015.

²⁰⁰RODRIGUES, Marcos. “Estudantes vão às ruas em protesto”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 14/06/2013. Disponível em:<<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

A estudante defendia como pauta de luta uma atuação que ultrapassasse o universo estudantil, pois buscava se inserir na luta dos trabalhadores e em movimentos específicos. A ênfase na renda do trabalhador, bem como a crítica ao aumento no valor da tarifa do transporte público expressava a posição política e ideológica do seu grupo. O aumento na tarifa do transporte público em Maceió, no momento em que foi publicada a matéria com a fala desta estudante, entretanto, ainda não havia ocorrido. O referido aumento estava previsto para junho de 2013, mais isso não aconteceu. Neste período, o valor cobrado nas tarifas era de R\$ 2,30 (dois reais e trinta centavos) e, caso houvesse aumento, os bilhetes passariam a custar R\$ 2,85 (dois reais e oitenta e cinco centavos)²⁰¹.

Neste sentido, a publicização de Cavalcanti pela Gazeta de Alagoas no contexto das manifestações de junho de 2013 potencializa, por um lado, a inquietação da população e dos protestos, por outro pressiona e crítica os grupos políticos do governo estadual e de Maceió, ponderando a respeito da repercussão do aumento nas ruas. Neste contexto, mesmo o então governador Teotônio Vilela Filho tendo decidido por não aumentar a tarifa do transporte público, a Gazeta de Alagoas não perdeu a oportunidade de destacar que os empresários dos transportes públicos seriam compensados com a desoneração de três impostos, isto é, a conta seria paga pelo contribuinte²⁰².

Essa matéria acentuou a discussão dos militantes que passaram a criticar a atitude do governador e dos empresários do transporte público. A esse respeito, Lopes, liderança estudantil filiada a Anel e ao PSTU, ao ser entrevistado pela Gazeta de Alagoas, declarou: “deixar de cobrar impostos dos empresários não é a solução. É importante a tarifa ser reduzida, mas, na verdade, eles estão deixando de cobrar impostos que poderiam ser investidos em outras áreas, como saúde e educação”²⁰³.

Lopes, assim como Cavalcanti, a princípio teceram falas direcionadas para o campo político dos movimentos sociais no referido contexto e acontecimento relacionado ao aumento da tarifa dos transportes públicos em Maceió. Entretanto, suas falas, destacadas pela Gazeta de Alagoas entre os dias 14 a 21 de junho de 2013, foram utilizadas para criticar o governo estadual, contra o qual o grupo empresário proprietário desse órgão de imprensa havia perdido as eleições de 2010 e para atrair a multidão às ruas. Após esse período, suas ações e falas

²⁰¹Op. cit.

²⁰²SOARES, Davi. “Governo anuncia desoneração”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 21/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

²⁰³Op. cit.

pouco foram destacadas pelo referido jornal.

A este respeito, é preciso observar que, a partir de 21 de junho, o número de manifestantes que passaram a protestar nas ruas de Maceió cresceu. Neste contexto, “superado” a pauta do aumento do transporte público e, em paralelo com o foco da Rede Globo, o jornal Gazeta destacou os temas do “anti” e do “a” partidarismo, apoiando a construção da ideia de que a presença dos militantes de esquerda e ativistas sociais nas manifestações de junho não era mais necessária²⁰⁴. Este jornal deixou de enfatizar as narrativas dos militantes dos movimentos sociais e dos partidos de esquerda, passando a focalizar narrativas de “lideranças espontâneas” e desvinculadas dos movimentos sociais e populares. Nesse contexto, este jornal informava sobre o descontentamento e a saída dos partidos de esquerda das ruas,²⁰⁵ acentuando o debate acerca do antipartidarismo e da fragmentação dos protestos de junho de 2013.

2.2-Uma manifestação antipartidária?

Foi um ato bonito e grande, que Maceió nunca mais tinha visto. Infelizmente, algumas pessoas optaram por expulsar os integrantes dos partidos políticos. Não tem como dizer quem foi, mas partiram para cima, forçando até situações que poderiam resultar em briga. Nós que ajudamos a construir fomos tratados igual à época da ditadura, que nos obrigava a calar e abaixar as bandeiras”²⁰⁶.

Este acontecimento narrado por uma militante da Anel foi divulgada pela Gazeta de Alagoas, depois do terceiro ato de protesto nas ruas de Maceió em junho de 2013. Depois desse terceiro ato, as manifestações pelo não aumento no valor da tarifa do transporte público, que teve seu primeiro ato em dia 13 de junho, foram transformadas em um fenômeno multicêntrico.

A multidão que ocupou as ruas de Maceió dia 20 de junho levou várias reivindicações e não aparentava querer se manifestar exclusivamente pela questão da tarifa do transporte público. Neste dia, estudantes, trabalhadores, aposentados, desempregados levantaram cartazes contra a PEC-37, contra o projeto de Cura Gay, contra violência, a

²⁰⁴MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.; LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/04/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²⁰⁵RODRIGUES, Marcos. “Protestos vão continuar, avisam lideranças do movimento”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 22/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em: 20/10/2015.

²⁰⁶Op. cit.

corrupção, entre outros temas²⁰⁷. Nesse contexto, a Gazeta de Alagoas enfatizou que a manifestação do dia 20 de junho foi marcada por conflitos envolvendo parcelas da multidão formadas por militantes relacionados aos partidos políticos e frente a este cenário antipartidário ativistas do PSTU, PCR, UJS, PSB e até do PT optaram por se retirar, conjuntamente do evento²⁰⁸.

2.2.1. Sem Partido! Sem Partido!

Como já foi discutido, as primeiras manifestações de rua na capital alagoana contaram com a participação de militantes filiados a diferentes organizações políticas de esquerda. Eles discutiam a pauta de reivindicações e divulgavam nas redes sociais convites chamando a população para as manifestações. Nos primeiros atos dessas manifestações, a atuação desses militantes, inclusive junto ao *Facebook*, aparentemente foi decisiva no alcance dos protestos de rua.

Entretanto, após as primeiras manifestações, as postagens compartilhadas no *Facebook* por estes militantes revelaram um estado de insatisfação com algumas situações surgidas no decorrer desse fenômeno, sobretudo, a partir do protesto realizado dia 20 de junho de 2013. Naquele protesto, o clima de tensão contra a presença dos partidos e de suas bandeiras inquietaram os militantes políticos²⁰⁹ e alguns movimentos acentuaram a aversão aos partidos políticos, a exemplo do “Movimento Caras-Pintadas”²¹⁰.

Esse movimento atraiu milhares de estudantes e pediu a retirada dos partidos das manifestações de junho²¹¹. Os militantes dos partidos políticos de esquerda, quando isso ocorreu, parecem ter sido pegos de surpresa, pois, se por um lado, foi interessante chamar uma multidão para se manifestar, por outro, não havia apenas um grupo político interessado em direcioná-la. E, além disso, o “Movimento Caras-Pintadas”, ao que tudo indicava, estava

²⁰⁷FEITOSA, José. “Mais de dez mil pessoas voltam às ruas de Maceió”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 21/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

²⁰⁸RODRIGUES, Marcos. “Protestos vão continuar, avisam lideranças do movimento”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 22/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em: 20/10/2015.

²⁰⁹Op. cit.

²¹⁰FEITOSA, José. “Protesto reúne cerca de 400 pessoas e causa caos no trânsito estudantes promovem caminhada em Maceió”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 27/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

²¹¹Op. cit.

sendo liderado por militantes de partidos de direita²¹².

Para um militante do PCB, ficava claro que as pessoas ligadas a este movimento eram filiadas aos grupos de direita, uma vez que eles estavam aproveitando o fenômeno de junho para dividir a multidão²¹³. Mas os militantes das organizações de esquerda ficaram mais inquietos quando alguns manifestantes decidiram agir com hostilidade contra os partidos, afirmando que as manifestações de junho em Maceió eram antipartidárias²¹⁴.

Para um militante do PSTU, a questão do apartidarismo reproduzido pela multidão em Maceió foi resultado da ampliação dos temas reivindicados²¹⁵. Segundo ele, até o momento em que a pauta das manifestações de junho estava relacionada ao transporte público, havia unidade política nesse fenômeno, mas quando as pautas se ampliaram e a grande mídia aprofundou o argumento de antipartido, criou-se uma confusão, pois “a mídia e a direita foi pra o outro lado, por exemplo, o PSDB é amplamente favorável a se ter ódio aos partidos, que o trabalhador não queira se organizar em partido nenhum, é ótimo, pra eles é muito bom”²¹⁶.

Na interpretação de Lopes, a ampliação da pauta de reivindicações deixou espaço para que os grupos políticos da direita se aproveitassem da multidão. Mas para este militante, o antipartidarismo na capital alagoana foi muito contraditório. Isso porque alguns manifestantes, mesmo tentando se distanciar das bandeiras dos partidos políticos da esquerda, reivindicavam direitos políticos e sociais defendidos por esses partidos²¹⁷. Essas reivindicações estavam direcionadas para melhoria na saúde e na educação pública, fim da violência, entre outros problemas que os grupos de direita não se importavam²¹⁸.

Um militante do PCB, ao contrário, afirmou que a construção do antipartidarismo em junho ocorreu devido aos projetos ideológicos disputados pela multidão e na postura ofensiva contra as bandeiras, potencializada pela atuação da grande mídia²¹⁹. Para este militante, o antipartidarismo surgiu como resultado da falência das políticas públicas e, em particular, da crítica ao processo de burocratização do projeto de governo do PT que havia se afastado

²¹²MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

²¹³Op. cit.

²¹⁴FEITOSA, José. “Protesto reúne cerca de 400 pessoas e causa caos no trânsito estudantes promovem caminhada em Maceió”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 27/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

²¹⁵LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²¹⁶Op. cit.

²¹⁷Op. cit.

²¹⁸Op. cit.

²¹⁹MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

dasbases²²⁰. E ele ainda completou: o antipartidarismo em junho “são partes de uma ideologia conservadora que vem sendo construída e elaborada ao longo desses últimos anos”²²¹.

Já para um militante do PCR, a questão do antipartidarismo estava relacionada à desilusão com o PT, na medida em que este partido abriu mão dos movimentos sociais para disputar o poder com o PSDB²²². Conforme este militante, aqueles que tinham experiência em movimentos sociais não absorveram o discurso midiático²²³. Esses, inclusive, “expulsaram os repórteres da Globo das manifestações, viraram os carros da Rede Globo, fizeram manifestações na sede da Rede Globo”²²⁴.

O antipartidarismo para este militante, assim como os militantes do PCB e do PSTU já mencionados, foram estimulados pela grande mídia e por grupos políticos de direita ou foram fruto do desgaste relacionado às denúncias de financiamento ilícito de campanhas eleitorais. Neste sentido, em nenhum momento apontaram o aprofundamento do argumento do antipartidarismo e do apartidarismo como resultado da descrença na atuação das suas organizações partidárias.

Analisando as frases dos cartazes erguidos pelas manifestações de junho em Maceió²²⁵, percebe-se que para a multidão envolvida nesse fenômeno expor uma agenda ampliada de reivindicações interessava tanto quanto reivindicar o não aumento no valor dos bilhetes do transporte público. Mas essa diversidade de frases, contaminada pelo antipartidarismo e pelo apartidarismo, em vez de representar o fortalecimento das manifestações, demonstrava a fragilidade desse fenômeno, que se dissolvia em meio a multidão que não possuía apenas uma direção e uma liderança.

Assim, na medida em que as reivindicações foram crescendo, o fenômeno de junho perdeu a unidade e se dispersou. Mesmo as tentativas do movimento anarquista e das organizações de esquerda de reunir a multidão em torno de reivindicações específicas, não conseguiu manter a unidade política das manifestações de junho, sobretudo a partir da passeata ocorrida dia 20 de junho de 2013.

A partir da referida passeata, as narrativas dos advogados, aposentados, comerciantes,

²²⁰Op. cit.

²²¹Op. cit.

²²²SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 24/ 04/ 2015. In: **Acervo do GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²²³Op. cit.

²²⁴Op. cit.

²²⁵ Ver: galeria de fotos do site **G1 Alagoas**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/fotos/2013/06/fotos-maceio-tem-terceiro-dia-de-protestos.html#F845160>>. Acessado em 20/12/2015.

estudantes, militares, entre outros, que não reivindicavam apenas a redução no valor da tarifa do transporte público, demonstraram que as manifestações de junho em Maceió assumiram uma nova configuração, tornando-se mais distintas, contraditórias e multicêntrica²²⁶. Enquanto os líderes do movimento estudantil, do movimento anarquista e de alguns partidos de esquerda tentavam manter a unidade do protesto em torno do transporte público, cujo jornal *Gazeta de Alagoas* noticiava cotidianamente a insatisfação dos líderes, a diversidade de reivindicações e estimulava a fabricação de “novos líderes” e a “ideia de um movimento independente, autônomo e pacífico”.

Dentro desta perspectiva, a aversão aos partidos e grupos políticos de esquerda, foi estimulada pela *Gazeta de Alagoas*. Mas, para um militante do CAZP, “todas organizações que levantavam bandeiras recebiam seus gritos. E... foi rechaçado, não pela questão, que eram de esquerda, porque nem todas organizações que levantaram bandeiras eram de esquerda”²²⁷. Conforme esse ativista do CAZP, a retirada das bandeiras dos partidos, entretanto, era algo vantajoso, uma vez que ele queria atrair a multidão para o movimento anarquista, e, por essa razão, “todas as organizações partidárias foram vistas de forma negativa”²²⁸.

No *Facebook*, um militante do PSTU, logo após o conflito pela retirada das bandeiras, publicou, no dia 19 de junho de 2013, em sua página pessoal, que:

Entendemos o sentimento antipartido da população. Rejeitamos duramente, no entanto, quando grupos anarquistas e neofascistas querem tirar nossas bandeiras. Isso já aconteceu nesses atos e, invariavelmente, provoca conflitos. Nem a ditadura conseguiu fazer com que baixássemos nossas bandeiras e não vai ser qualquer grupo anarquista ou neofascista que irá fazê-lo. Todos têm direito de levantar suas bandeiras e faixas. Não vai se impor nenhuma visão autoritária baseada no atraso. Lutemos juntos contra os governos. Esse tipo de postura só divide e enfraquece o movimento. Enquanto a polícia nos atira bombas, é um enorme equívoco dividir a luta²²⁹.

Este mesmo militante do PSTU, passado quase dois anos do referido acontecimento, ao ser entrevistado, mencionou o tema do antipartidarismo e da retirada das bandeiras como

²²⁶FEITOSA, José. “Mais de dez mil pessoas voltam às ruas de Maceió”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 21/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

²²⁷Op. cit.

²²⁸ALMEIDA, João Carlos de. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

²²⁹LOPES, Wibsson Ribeiro Lopes. **Página pessoal de Wibsson Ribeiro Lopes/Facebook**. Publicado em 19/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/wibsson.ribeirolopes?fref=ts>>. Acessado em 22/12/2014.

algo contraditório, mas normal; e não viu os partidos controlando a multidão nas ruas²³⁰. A narrativa de Lopes foi, portanto, diferente do publicado no *Facebook* dia 19 de junho de 2013, pois, se as manifestações de junho não teriam sido chamadas pelos partidos políticos, porque ele discutiu e disputou nas redes sociais pela permanência das bandeiras nas ruas e se sentiu incomodado com o debate e ações antipartidárias? Neste caso, a seletividade da memória indica que o acontecimento foi ressignificado por outras experiências vivenciadas pelo referido militante.

Uma das consequências do argumento do antipartidarismo, por exemplo, foi a dispersão dos partidos e das organizações de esquerda, pois quando esse argumento se aprofundou, cada uma, ao seu modo, procurou capitanear a direção das manifestações²³¹. Como é perceptível nas imagens abaixo:



Foto 11 - Convite compartilhado no *Facebook* por Wibsson Ribeiro Lopes para uma discussão sobre as manifestações de junho de 2013 na sede do PSTU, na cidade de Maceió/Alagoas. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/wibsson.ribeirolopes?fref=ts>>.

Acessado em 20/12/2014.

²³⁰LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/04/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²³¹LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 29/05/2016. In: Acervo pessoal de Sara Angélica Bezerra Gomes.



Foto 12 - Convite compartilhado no *Facebook* por Magno Francisco da Silva, em 18/06/2013 para uma discussão sobre as manifestações de junho de 2013 na sede do DCE/UFAL, na cidade de Maceió/Alagoas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/magno.franciscodasilva?fref=ts>>. Acessado em 20/12/2014.

O primeiro convite foi produzido pela Anel e pelo PSTU; o segundo convite pelos militantes do grupo Correnteza e pelo PCR. Ambas as organizações chamaram a multidão para discutir sobre as manifestações de junho em locais diferentes. E esses convites e as narrativas dos militantes citadas acima também revelam outro fato importante das manifestações de junho. Isso porque, enquanto em algumas cidades paulistanas, a deflagração desse fenômeno não contou com a atuação dos militantes do Movimento Passe Livre (MPL) para a organização das passeatas nas ruas.

O MPL, como dito no primeiro capítulo, ganhou ênfase no Brasil no século XXI, depois do Fórum Social Mundial em Porto Alegre no ano 2005²³². Em 2013, este coletivo possuía coordenações em vários estados, sendo uma alternativa para os jovens que não quisessem seguir partidos políticos²³³. Ele ganhou centralidade na grande mídia em junho de 2013, sobretudo no momento em que o antipartidarismo se acentuou, aparentando ser um movimento de novo tipo, autônomo, independente e apartidário²³⁴. Mas, com a ausência do

²³²GOHN, Maria da Glória. “A participação dos coletivos: Movimento Passe Livre (MPL), Anonymous e Black Blocs”. In: **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p.44-63.

²³³ MPL/SP. Apresentação. In: **Passe Livre**. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>> Acessado em 31/01/2015.

²³⁴JUDENSNAIDER, Elena; Et al. **Vinte Centavos: a luta conta o aumento**. São Paulo: Veneta, 2013.

MPL em Maceió, a atuação das organizações de esquerda desta cidade foi mais explícita²³⁵.

Quando o MPL se retirou das manifestações de junho, em São Paulo, ele ao que tudo indica, não foi rechaçado pela multidão²³⁶. Ele se retirou assim que a tarifa do transporte público baixou²³⁷. E, até a tarifa baixar, o MPL junto com outros grupos políticos, como a Anel, tentando manter a unidade política dos protestos²³⁸. Em Maceió, ao contrário, as organizações de esquerda foram rechaçadas pela multidão antes da questão da tarifa do transporte público ser resolvida pelo governo. E quando a decisão do aumento na tarifa foi adiada, o fenômeno de junho nesta cidade começou a perder unidade política, pois, embora as pautas estivessem se ampliando como consequência da atuação de determinados grupos políticos e da atuação da grande mídia, as manifestações de junho, ao tempo que cresciam, renunciavam elementos de sua desintegração.

2.2.2. Da ocupação a utilização do carro de som

Desde os movimentos *Occupy*²³⁹, pesquisadores chamam atenção para o fenômeno da ocupação de importantes praças ao redor do mundo. As multidões que têm feito parte desses movimentos vêm utilizando espaços públicos para discutir, deliberar sobre assuntos variados e para iniciar manifestações. Em junho de 2013, antes da ocupação das ruas e as avenidas em Maceió, algumas reuniões ocorreram entre os militantes do movimento estudantil e dos partidos políticos junto com alguns manifestantes para decidir as datas e as pautas de reivindicação para as manifestações. Essas deliberações eram realizadas em lugares com algum significado político. Elas ocorriam no Espaço Cultural da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), nas sedes dos partidos políticos, em algumas ruas ou nos estacionamentos.

Conforme o militante do PCR, que participou da direção das Assembleias Populares em junho de 2013, frequentemente realizadas no Espaço Cultural da UFAL, “as principais

²³⁵LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 29/05/2016. In: Acervo pessoal de Sara Angélica Bezerra Gomes.

²³⁶GOHN, Maria da Glória. “Manifestações dos indignados no Brasil: antes, durante e depois de junho de 2013”. In: **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p.17-88.

²³⁷Op. cit.

²³⁸Op. cit.

²³⁹ O termo *Occupy* foi criado para designar a eclosão simultânea de movimentos sociais de protesto com reivindicações peculiares em cada região, mas com formas de luta semelhantes. Esse termo refere-se a uma onda de mobilizações e protestos sociais que tomaram dimensão de um movimento global, iniciados no norte da África no ano de 2011. Eles ficaram conhecidos pela aversão as formas tradicionais de realizar reivindicações. A respeito do *Occupy*, ver o trabalho organizado por David Harvey “Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas”.

decisões eram tomadas ali e não nos fóruns da internet!”²⁴⁰. Aquele espaço foi utilizado para chamar estudantes ou ex-estudantes desta universidade que estavam vinculados de alguma forma ao movimento estudantil universitário, sobretudo, ao grupo Correnteza e ao PCR. Essas duas organizações quando chamavam reuniões recorriam ao Espaço Cultural ou a sede do Diretório Central dos Estudantes, que na época estava sob a liderança do grupo Correnteza²⁴¹. Os militantes do grupo Correnteza e do PCR demarcaram esses espaços para atuar durante as manifestações de junho, pois a escolha dos lugares para tomar deliberações era uma estratégia que cada grupo possuía para atrair públicos específicos.

Os partidos e o movimento estudantil queriam atrair uma composição social de manifestantes que corroborasse com suas propostas e palavras de ordem. E, desse modo, enquanto os militantes do PCR e da Correnteza estavam interessados nos espaços da UFAL em Maceió para atrair os estudantes universitários; os militantes da Anel e do PSTU se concentravam na sede do PSTU, no bairro Poço, para atrair um público mais variado de trabalhadores e estudantes ²⁴².

Esses militantes também escolhiam os locais para dar início às manifestações nas ruas. Assim, dentre os lugares escolhidos para dar início às passeatas em junho de 2013, três parecem ter sido importantes: o Centro de Estudo e Pesquisas Aplicadas (CEPA), localizado no bairro Farol; a Praça do Centenário, localizado no Centro e a Orla do bairro do Jaraguá. O Cepa, antes do fenômeno de junho, era escolhido como ponto de encontro para iniciar manifestações de rua, pois concentrava os estudantes vinculados ao movimento secundarista e está localizado na Av. Fernandes Lima, cujo trânsito é um dos mais movimentados de Maceió.

Em razão de sua localização central, o Cepa era escolhido como ponto para concentrar manifestantes tanto pelos ativistas do movimento estudantil secundarista quanto pelos militantes do movimento estudantil universitário e de alguns partidos de esquerda²⁴³. Desse modo, no contexto do fenômeno de junho, não seria estranho a escolha deste lugar para

²⁴⁰SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 24/ 04/ 2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²⁴¹DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES. Convocatória CEB. In: DCE –UFAL. Disponível em: <<http://dceufal.blogspot.com.br/>>. Acessado em 20/12/2015.

²⁴²LOPES, Wibsson Ribeiro Lopes. **Página pessoal no Facebook de Wibsson Ribeiro Lopes**. Publicado em 19/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/wibsson.ribeirolopes?fref=ts>>. Acessado em 22/12/2014.

²⁴³LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

dar início as passeatas de junho²⁴⁴.

A Praça do Centenário e a Orla do bairro de Jaraguá também foram espaços escolhidos pelos militantes para atrair a multidão. Devido a sua proximidade com uma das áreas comerciais mais movimentadas de Maceió, a utilização dessa praça provavelmente foi uma estratégia para chamar a atenção dos trabalhadores. Mas, além desses espaços escolhidos pelos militantes, muitas disputas marcaram as passeatas de junho. O carro de som, por exemplo, foi algo disputado por diferentes grupos no decorrer deste fenômeno.

As passeatas ocorridas nos bairros do Centro, Jaraguá e Farol foram conduzidas por um trio elétrico, comandado por equipes que se reversavam ao microfone²⁴⁵. Esse trio enquanto passava pelas ruas, proporcionava, além das falas, a audição de canções como “Liberdade”, de Edson Gomes, para agitar a multidão²⁴⁶. Nele, palavras de ordem eram pronunciadas e as pessoas acompanhavam. E os militantes, por sua vez, gritavam sem parar frases como “Pode chover, pode molhar, mas a passagem vai baixar” ou “Passagem barata, se não pulo a catraca”²⁴⁷.

Mas, situações inusitadas relacionadas ao trio elétrico ocorreram durante junho. Para um militante do PCB, os setores da direita e da esquerda estavam disputando o sentido da multidão através do uso do carro de som²⁴⁸. E, conforme um militante do PCR havia dois trios elétricos na capital alagoana, um deles estava vinculado aos grupos da direita, pois ele foi doado pela câmara dos vereadores de Maceió e estava sendo liderado pelo vereador Galba Novaes, filiado na época ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)²⁴⁹²⁵⁰. Esse trio dividia as manifestações com o apoio de alguns movimentos, como o “Movimento Caras-Pintadas” e com o apoio dos militantes ligados ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)²⁵¹²⁵². Nesse trio, “duas ou três pessoas filtravam quem podia falar ali, com

²⁴⁴Op. cit.

²⁴⁵Op. cit.

²⁴⁶Manifestação na Orla de Maceió. Produção de Laissantg. In: Maceió: **Youtube**, publicado em 20/06/2013. 1 Vídeo (Duração 8min59seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VGQjNnyPT7M>>. Acessado em 20/12/2015.

²⁴⁷Op. cit.

²⁴⁸MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

²⁴⁹SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 03/02/2016. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²⁵⁰O PMDB nasceu do MDB. Ele foi fundado em 24 de março de 1966, no período em que o país assistia a extinção dos partidos imposta pelo AI-2 e a instalação do bipartidarismo logo em seguida. Em 1964 este partido abrigou vários tipos de ideologias e tendências políticas, instigou, gestou outros partidos, e se manteve no centro das discussões durante, na queda e após o regime militar. A esse respeito ver: <<http://pmdb.org.br/institucional/historia/>>.

²⁵¹Op. cit.

discursos, inclusive, anti-partidários, financiando um carro pra deixar o microfone a disposição de pessoas que queiram falar contra os partidos políticos”, afirmou o militante do PCB²⁵³.

Segundo o militante do PCB, os grupos da direita estavam denegrindo a imagem dos partidos de esquerda, isso era notável no trio elétrico, quando alguns ativistas pronunciavam discursos defensores “das ideias de que somos um só, que o gigante acordou e que temos que pensar no Brasil e não em ideologias partidárias específicas”²⁵⁴. A esse respeito, um militante do PSTU ainda completou que o sentimento de aversão às bandeiras dos partidos de esquerda foi construído durante o uso deste segundo carro de som, diretamente relacionado à construção do argumento do antipartidarismo²⁵⁵.

O uso do microfone e do trio elétrico por alguns grupos da direita também foi inquietante para um militante anarquista, pois, segundo ele, “teve uma organização que entregou o microfone para um militar falar, e isso em outros anos, ou em outra perspectiva de uma manifestação mais combativa, querer que chegue próximo à embates, é inadmissível”²⁵⁶. O trio elétrico ligado ao vereador Galba Novaes incomodou tanto os anarquistas, quanto o movimento estudantil e os partidos de esquerda²⁵⁷.

Esse trio, entretanto, parece ter sido retirado rapidamente das ruas e, quando isso aconteceu, alguns grupos políticos se destacaram, pois apenas um trio doado pela Central Única dos Trabalhadores de Alagoas (CUT) permaneceu na manifestação de junho, sendo conduzido pelos militantes do PSTU, ANEL, PCR, CORRENTEZA, entre outros²⁵⁸. A utilização desse trio elétrico desponta uma situação inquietante, pois os militantes que foram até ele para pronunciar palavras de ordem e agitar a multidão menosprezaram, criticaram ou

²⁵²O PSDB foi fundado em 1988, no período em que o Brasil estava se reorganizando politicamente após o regime civil militar de 1964. O PSDB participou do governo Itamar Franco e chegou à presidência com Fernando Henrique Cardoso em 1995, constituindo o núcleo de seu ministério e de sua base no Congresso. A esse respeito ver: <<http://www.psdb.org.br/psdb/historia/>>.

²⁵³MACIEL, Osvaldo Batista Acyoli. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

²⁵⁴Op. cit.

²⁵⁵LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/04/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²⁵⁶ALMEIDA, João Carlos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia- Alagoas.

²⁵⁷SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 03/02/2016. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, Cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²⁵⁸LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 29/05/2016. In: Acervo pessoal de Sara Angélica Bezerra Gomes.

negaram a influência e a participação do PT e da CUT durante as manifestações de junho em Maceió.

Um militante do PSTU, quando entrevistado, disse: “pela primeira vez na história recente do país, acontece um protesto de massas entendeu, em que a CUT e o PT não impulsionaram”²⁵⁹. Para ele, a CUT somou-se aos protestos em curso na cidade Maceió, mas não foi preponderante para a realização dos mesmos, uma vez que foi o movimento estudantil junto com os anarquistas que organizou esse fenômeno²⁶⁰.

A CUT, entretanto, parece ter sido imprescindível para as manifestações de junho. Ela disponibilizou um trio elétrico para que diferentes organizações da esquerda pudessem se manifestar e disputar a direção da multidão. A esquerda e a direita disputaram o uso do trio elétrico e isso era notável quando os militantes falavam no microfone ligado a esses trios, marcando posições e definindo objetivos.

Desse modo, na capital alagoana, não era apenas os grupos de direita que estavam tentando desgastar o governo petista. Os grupos de esquerda também tentaram desgastar esse governo. Entretanto não hesitavam em usar a estrutura disponibilizada pela CUT para ganharem evidência entre a multidão, reivindicando a atenção para si usando ideias ou críticas contra seus aliados²⁶¹. A tendência a desgastar o governo petista, entretanto, parece ter se agravado quando a ideia do antipartidarismo ganhou ênfase entre os manifestantes e os militantes decidiram agir separadamente.

2.3. A atuação dos mascarados

A disposição particular de tecelões e mineiros para quebrar máquinas nas disputas trabalhistas inglesas; a juventude de alguns dos amotinados, e não de outros; o papel desempenhado pelas mulheres em algumas das grandes jornadas da Revolução Francesa; e o papel respectivo dos agricultores e dos trabalhadores agrícolas nos motins rurais ingleses das décadas de 1830 a 1840, e o dos trabalhadores das oficinas de manutenção das estradas de ferro, em Paris, em Junho de 1848. Todos esses exemplos sugerem que a natureza dos distúrbios e das atividades da multidão está estreitamente relacionada com a composição (social, ocupacional e outras) dos que deles participaram²⁶².

²⁵⁹LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²⁶⁰LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 29/05/2016. In: Acervo de Sara Angélica Bezerra Gomes.

²⁶¹LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 29/05/2016. In: Acervo de Sara Angélica Bezerra Gomes.

²⁶²RUDÉ, George. **A Multidão na História**: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1964, p.211.

Retirada da obra “As multidões na História: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848” do historiador George Rudé, o recorte acima é de enorme atualidade para compreender as manifestações nas praças, ruas e avenidas ao redor do mundo no século XXI, em particular, para compreendermos os significados de multidões terem ocupado diferentes cidades brasileiras em junho de 2013. Rudé, neste trabalho, descreveu o tipo de manifestação popular e social predominante em dois países europeus no período pré-industrial, Inglaterra e França, ressaltando que o ato de quebrar coisas durante uma manifestação é uma ação antiga, iniciada antes desse período, por pessoas frequentemente pertencentes a classes “inferiores”.

Quando as cidades brasileiras foram agitadas por manifestações em junho, difundiu-se a ideia de que esse fenômeno constituiu um “novo tipo de movimento social” devido a participação de manifestantes com um “novo perfil de ativismo político”²⁶³. Em termos concretos, esses manifestantes, inicialmente engajados na luta pela redução na tarifa do transporte coletivo urbano, depois ampliaram sua agenda de reivindicações e difundiram suas ações de protestos por várias cidades do país. Fazendo emergir deste processo trajes e máscaras peculiares de um mosaico de “velhos” e “novos” movimentos e de demandas “históricas” e do “cotidiano imediato”, articulando um emaranhado de demandas locais, regionais, nacionais.

Em Maceió, a presença de manifestantes com máscaras, segurando faixas, cartazes, a bandeira do Brasil ou atirando coquetel molotov chamou atenção para a possível presença de ativistas relacionados aos *Anonymous* e aos *Black Blocs*, dois coletivos/ táticas de luta que ganharam destaque durante as manifestações de junho em alguns estados. E, no caso do *Anonymous*, a máscara sorridente ganhou destaque nas ruas brasileiras como um símbolo de resistência e proteção. E, além desta máscara, o capuz e as roupas usadas pelos ativistas do *Black Bloc* também foram usadas como símbolo de luta e resistência²⁶⁴.

As máscaras e os trajes utilizados pelos ativistas desses dois coletivos, provavelmente era uma novidade nas manifestações de rua de Maceió. Elas geravam inquietação entre os militantes, porque não revelavam para quais grupos políticos estavam

²⁶³GOHN, Maria da Glória. “Manifestações dos indignados no Brasil: antes, durante e depois de junho de 2013”. In: **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p.17-88.

²⁶⁴Op. cit.

articulados²⁶⁵. Mas, na capital alagoana, as pessoas com a máscara do *Anonymous* e com o traje do *BalckBloc*, aparentemente contribuíram para reforçar a disputa entre os grupos políticos, sobretudo, quando a multidão e as agendas de reivindicação se ampliaram.

2.3.1. *Anonymous*

Até mesmo o coletivo *Anonymous*, pouco atuante no Brasil como foi no *Occupy*, revela este caráter totalitário e homogeneizante do “gigante acordado”: a máscara usada esconde o indivíduo até a sua existência factual e apenas repete rostos iguais na multidão²⁶⁶.

As máscaras

podem ser usadas por muitos motivos durante uma manifestação, inclusive, para demarcar a atuação de um grupo. Quando usadas em determinados contextos, elas são tão relevantes quanto as palavras de ordem pronunciadas por uma multidão, porque revelam uma identidade²⁶⁷.

Como exposto no primeiro capítulo, o coletivo *Anonymous* surgiu no início do século XXI nos Estados Unidos, com a atuação de um grupo de hackers e depois se espalhou pelo mundo, atraindo pessoas com grande experiência em técnicas de hackeamento²⁶⁸. Esses hackers depois de certo tempo passaram a usar a imagem da máscara sorridente, para se esconder sua identidade, mas também para se apresentar aos usuários da internet.

No Brasil, durante as manifestações de junho, a atuação deste coletivo foi tema para artigos, entrevistas e livros produzidos por pesquisadores que escreveram sobre esse fenômeno, como a socióloga Maria da Glória Gohn²⁶⁹. Isso porque a máscara sorridente era usada para simbolizar a atuação deste coletivo na internet estava nas ruas da cidade de São Paulo, do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco, em vários outros estados. E, na cidade de Maceió e de Delmiro Gouveia, ela também estava nas ruas e nas avenidas.

Em Maceió, a presença desses mascarados suscitava muitas interpretações, afinal, como era possível um grupo de Hackers, que busca preservar sua identidade no ambiente virtual, está em passeata nas ruas correndo o risco de ser descoberto? Como exposto

²⁶⁵MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

²⁶⁶MORGENSTERN, Flávio. “O indivíduo e a multidão sob a máscara de Guy Fawkes, do *Anonymous*”. In: **Por trás da máscara**. Rio de Janeiro: Record, 2015, p. 398.

²⁶⁷OLSON, Parmy. **Nós somos *Anonymous***: por dentro do mundo dos hackers. Tradução Henrique Guerra. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2014.

²⁶⁸Op. cit.

²⁶⁹Op. cit.

anteriormente, a máscara sorridente foi usada pelo *Anonymous* para caracterizar no ambiente virtual a atuação deste coletivo, mas, em junho de 2013, várias pessoas provavelmente não pertenciam a este coletivo, utilizaram esta máscara.

Em junho, as ruas de Maceió possivelmente não estavam sendo ocupadas pelos ativistas do coletivo *Anonymous*. O uso da máscara sorridente poderia estar sendo feito por pessoas associadas a grupos políticos, por hackers, por anarquistas ou como uma forma de proteção contra as bombas de gás lacrimogêneo. Para o militante do PCB, o uso dessa máscara na capital alagoana foi uma atitude anarquista individualizada²⁷⁰. Conforme este militante, “essas manifestações anônimas ou pessoas com máscara e tal, eles foram mais atitudes mais individuais (...) e daí um ou outro grupo que seja mais organicamente anarquista e se utilize dessa leitura de mundo e tal”²⁷¹.

Não havia consenso entre os militantes dos partidos de esquerda da cidade de Maceió sobre o que era e a qual grupo pertencia os manifestantes com a máscara sorridente. ~~E~~, Entre os militantes desta cidade que foram entrevistados, apenas o militante do Cazp comentou sobre a atuação do *Anonymous* na internet. Não havia um único objetivo e um único grupo fazendo uso da máscara do personagem “V” em junho de 2013. A atuação do coletivo *Anonymous* na cidade de Maceió, desse modo, ainda é uma história em aberto.

Não foi possível afirmar se os mascarados eram integrantes de algum coletivo anarquista ou pessoas comuns que viram esta máscara nas mídias e decidiram usá-la nas ruas para proteger sua identidade ou para construir uma identidade de luta e resistência. Até o momento em que este texto foi finalizado não foram encontrados registros de denúncias realizadas pelos moradores de Maceió sobre invasão dos hackers a sites, blogs e redes sociais, reivindicado pelos *Anonymous*.

2.3.2. Black Blocs

Em um determinado momento das manifestações, o Black Bloc, o movimento Black Bloc passou a cumprir um papel ruim, atrasado. Porque é...promovia algumas ações inconsequentes, que jogava, que justificava a ação da repressão, por um lado, e ajudava no discurso conservador contra as manifestações²⁷².

A atuação do coletivo *Black Blocs* foi um tema central nos telejornais em junho de

²⁷⁰MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

²⁷¹ALMEIDA, João Carlos de. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia- Alagoas.

²⁷²SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 24/ 04/ 2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

2013, principalmente quando o tema era violência²⁷³. Conforme diz a citação acima, retirada de uma entrevista com um militante do PCR, a atuação deste coletivo, além de contribuir para a repressão policial contra os manifestantes, reforçava o discurso conservador das mídias contra as multidões nas ruas, que diversas vezes caracterizou como vandalismo as atitudes de alguns grupos²⁷⁴.

Para este militante, o coletivo *Black Bloc* “cumpru mais um desserviço do que um serviço a favor da causa”²⁷⁵. Na sua interpretação, a atuação deste coletivo além de não ter sido aliada a um programa da classe trabalhadora e dos jovens durante junho de 2013, era uma atitude sem programa e nada parecido com uma violência revolucionária²⁷⁶. Pensamento diferente a respeito deste coletivo, entretanto, esteve na narrativa de um militante do PSTU.

Conforme o ativista, a atuação do *Black Bloc* foi denegrida pela grande mídia, pois ela criou uma interpretação negativa depois que eles começaram a destruir alguns estabelecimentos²⁷⁷. Para os militantes destes dois partidos, a grande mídia queria causar confusão a respeito da ocupação das ruas pelas multidões de junho, construindo uma notícia depreciativa a respeito da atuação deste coletivo.

O discurso da grande mídia sobre os *Black Bloc* foi muito significativo, disse um militante do PCB²⁷⁸. Mas se por um lado a mídia burguesa, ou seja, as grandes redes televisivas, jornais ou demais meios de informação de massa, demonizou a atuação do coletivo *Black Bloc*, nas redes sociais, nos sites ou em blogs não havia um consenso em relação a atuação deste coletivo em junho de 2013.

Os militantes de esquerda, entrevistados sobre esse tema, não perceberam a atuação deste coletivo como uma forma de resistência. Por um lado, esses militantes demonstraram repúdio ao discurso da grande mídia quando se tratava deste coletivo, mas, por outro, eles também não deixaram de fazer observações a respeito dos grupos disfarçados com roupas pretas, brancas e vermelhas, capuz ou máscaras feitas com blusas e lenços. Esses militantes aparentemente não concordavam com o programa de atuação do coletivo *Black Bloc* e se

²⁷³GOHN, Maria da Glória. “A participação dos coletivos: Movimento Passe Livre (MPL), Anonymous e Black Blocs”. In: **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

²⁷⁴SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 24/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²⁷⁵Op. cit.

²⁷⁶Op. cit.

²⁷⁷LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²⁷⁸MACIEL, Osvaldo Batista Acioy. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

sentiram incomodados com as atitudes dos mesmos. Para o militante do PCB, este coletivo além de atuar individualmente na cidade Maceió durante junho, sua tática foi usada pela direita²⁷⁹.

A atuação dos grupos vestidos com os trajes do coletivo *Black Bloc* também não agradou a alguns partidos políticos. A tática do *Black Bloc*, entretanto, parece ressignificar uma forma de reivindicação antiga, usada de diferentes maneiras em cada país. Conforme o historiador George Rudé, antes da primeira Revolução Industrial e da criação das associações, sindicatos ou partidos políticos, era comum, por exemplo, pessoas reunindo-se em grupo para destruir estabelecimento ou saquear determinados locais²⁸⁰. Nos períodos em que o pão era caro e quando os salários estavam muito aquém do esperado, era comum esse tipo de atitude/ações na Europa²⁸¹.

Essas atitudes ocorriam em países europeus, cuja população dispunha de pouco ou nenhum direito político. A tática de saquear, por exemplo, foi frequentemente requisitada em momentos de fome, pois a multidão se organizava para tomar lojas, padarias e depósitos e não estavam filiadas a partidos ou associações e, portanto, destruíam o que julgavam ser o principal problema²⁸². Rudé caracterizou essas atitudes das multidões antes do período pré-industrial, como um tipo de motins²⁸³. Toda vez que a multidão apelava para ataques súbitos e avassaladores, ela recorria a um motim mais tradicional, ou seja, a uma forma de atuação cuja destruição, violência e saques apresentavam resultados mais rápidos do que a agitação prolongada e pacífica.

No Brasil, manifestações desse tipo marcaram as rebeliões em vários contextos históricos. Entre os séculos XVII e XVIII, escravos e índios se associavam para fortalecer a luta contra os representantes régios, organizando manifestações voltadas para saquear, atacar e incendiar plantações e fábricas de engenho²⁸⁴. Conforme Figueiredo, escravos e índios recorriam a este tipo de ação mais radical²⁸⁵.

Outro exemplo de manifestação radical ocorrida no Brasil aconteceu em 1904, na cidade do Rio de Janeiro. Naquele ano, a Capital da República foi palco para a “Revolta da Vacina”, movimento realizado contra a obrigatoriedade da vacina para varíola. Esta revolta foi

²⁷⁹Op. cit.

²⁸⁰RUDÉ, George. **A Multidão na História**: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 1964.

²⁸¹Op. cit.

²⁸²Op. cit.

²⁸³Op. cit.

²⁸⁴FIGUEIREDO, Luciano. **Rebeliões no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2005, p.31.

²⁸⁵Op. cit.

desencadeada pelos moradores dos bairros mais precarizados do Rio de Janeiro e, nesse contexto, postes, vidros, bondes, portas, combustores de gás, fios da iluminação elétrica das avenidas foram depredados²⁸⁶. Insatisfeitos com o governo, os manifestantes na “Revolta da Vacina” realizaram esse protesto que levou o governo federal a suspender temporariamente a vacinação obrigatória.

Esse tipo de atuação radical não se encerrou no Brasil e também não surgiu com o *Black Bloc*. Mudaram-se os alvos, os personagens e o contexto histórico, mas a multidão não deixou de recorrer a essas formas de manifestação. Em junho de 2013, os manifestantes que usaram esse tipo de atuação ganharam o nome de coletivo *Black Bloc*²⁸⁷. Mas, como dito anteriormente, os jornalistas que trabalham para a grande mídia, assim como os militantes da cidade de Maceió não perceberam a atuação deste coletivo como uma forma positiva de luta e resistência.

Não houve uma única definição a respeito do coletivo *Black Bloc* em junho de 2013. Na capital alagoana, a atuação deste coletivo não foi semelhante a que ocorreu em São Paulo e no Rio de Janeiro. A esse respeito, quando questionado sobre a destruição em Maceió causada por este coletivo, um militante afirmou:

não houve nada semelhante no restante no Brasil, muito menos em São Paulo, muito menos no Rio de Janeiro, certo! Então aqui você não teve banco sendo apedrejado, você não teve nada disso, certo! Nenhum sinal de lojas sendo quebradas, coisa de violência mais significativa²⁸⁸.

Este militante destacou a ausência de destruição das lojas e bancos para comparar a atuação do coletivo *Black Bloc* em Maceió, São Paulo e no Rio de Janeiro. E, interpretação semelhante, também se encontra na narrativa de um ativista filiado ao PSTU. Para ele:

aqui em Alagoas, eu acho que foi um dos locais mais... É... Onde esse sentimento do Black Blocs, do quebrar tudo, ele foi mais controlado, eu acho, a palavra não é bem controlado, ele foi muito, eles ensaiavam em alguns momentos entendeu, alguns momentos as pessoas subiam nos ônibus, pareciam que queriam depredar e tal, e o próprio movimento, como ele era muito mais organizado, aqui, nesse sentido ele era mais organizado, mais unido, então tudo dentro de um script assim no controle ²⁸⁹.

Em Maceió não houve a destruição de estabelecimentos e a atuação do coletivo

²⁸⁶CARVALHO, José Murilo de. “Cidadãos ativos: a Revolta da Vacina”. In: **Os Bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.104-105.

²⁸⁷GOHN, Maria da Glória. “A participação dos coletivos: Movimento Passe Livre (MPL), Anonymous e Black Blocs”. In: **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

²⁸⁸SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 24/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

²⁸⁹LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

Black Bloc não catalisou a atenção dos policiais, dos comerciantes e dos políticos. Entretanto, eles estiveram presentes em muitas passeatas e não deixaram de causar receio entre os proprietários de lojas comerciais, que fecharam as portas de seus estabelecimentos por conta das manifestações. Como se pode observar na imagem abaixo:



Foto 13 - Comerciantes do centro da cidade de Maceió fechando as portas das suas lojas antes da chegada dos manifestantes. Disponível em: <http://g1.globo.com/al/alagoas/fotos/2013/06/fotos-maceio-tem-terceiro-dia-de-protestos.html>. Acessado: 20/12/2015.

Esta imagem, registrada pelo fotografo Amarilio Monteiro e publicada no site do G1 Alagoas, durante as manifestações de junho na capital alagoana, demonstra que no decorrer deste fenômeno os comerciantes também estavam inquietos com a atuação dos manifestantes e, por essa razão, estavam fechando suas lojas no entardecer por receio de ocorrer depredações e roubos. Essa atitude dos comerciantes não era uma situação inesperada, uma vez que no dia 21 de junho de 2013, o próprio jornal Gazeta de Alagoas noticiou a tentativa de depredação durante a manifestação do dia 20 de junho.

Durante uma tentativa de ataque a uma vitrine de loja, na Praça Deodoro, alguns tentaram jogar pedra e até rojões contra o estabelecimento. Neste momento, um grupo se deu as mãos para evitar vandalismo. O mesmo ocorreu diante do prédio da Transpal que, mesmo não sendo depredado, não escapou de ser pichado. Durante a caminhada, os poucos tumultos envolveram pequenos grupos isolados²⁹⁰.

A atuação mais radical de alguns grupos foi comparada com atos de vandalismo pelos próprios manifestantes, pelos comerciantes e pelos militantes, mas essa situação parece ter sido construída também pela cobertura jornalística da grande mídia a respeito do coletivo

²⁹⁰FEITOSA, José. “Mais de dez mil pessoas voltam às ruas de Maceió”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 21/06/2013. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>. Acessado em 20/10/2015.

*Black Bloc*²⁹¹. A atuação dos mascarados em Maceió deixou muitas questões abertas, as quais não serão discutidas aqui. Os manifestantes vestidos com os trajes do *Black Bloc* em junho de 2013 recuperaram táticas antigas de protesto, preferindo agir sem vínculo com os partidos políticos de esquerda. A atuação desses manifestantes, entretanto, parece ter contribuído para a construção de muitas disputas políticas e para ampliação das pautas de reivindicação.

2.4. Por mais políticas sociais?

As cidades são o principal local onde se dá a reprodução da força de trabalho. Nem toda melhoria das condições de vida é acessível com melhores salários ou com melhor distribuição de renda²⁹².

Esta citação, retirada do trabalho “Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil”, chama atenção para o fato de que multidão não saiu às ruas em junho de 2013 apenas por causa do aumento no valor da tarifa do transporte público, mas também por melhorias em outros setores sociais²⁹³. Conforme Maricato, isso ocorreu porque nas últimas décadas algumas cidades do Brasil passaram por mudanças demográficas, urbanas, ambientais, sociais e econômicas²⁹⁴.

As cidades, na medida em que essas reformas/mudanças foram ocorrendo, tornaram-se espaços para a reprodução de desigualdades sociais, pois elas impuseram restrições à capacidade dos governos de criar ou manter qualitativamente políticas públicas²⁹⁵. Os serviços sociais administrados pelos governos passaram a ser administradas também por empresas privadas, ocasionando aquilo que Arantes chamou do mito do desenvolvimento social²⁹⁶.

Esse mito do desenvolvimento social se refere a um colapso na vida social das cidades causado, em particular, pela negociação entre o Estado e as empresas do mercado imobiliário, automobilístico, construtoras, entre outras²⁹⁷. Para Arantes, a explicação para este mito está nas reformas urbanas que não melhoraram as cidades para a população, mas apenas

²⁹¹ALZAMORA, Geane Carvalho; RODRIGUÉS, Tacyana Karinna Arce. “Fora Rede Globo”: a representação televisiva das “Jornadas de Junho” em conexões intermídia”. In: **Revista Ecopós** .V. 17 .N. 1.2014.

²⁹²MARICATO, Ermínia. “É a questão urbana, estúpido!”. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1.ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013, p. 19.

²⁹³Op. cit.

²⁹⁴Op. cit.; p.21.

²⁹⁵Op. cit.

²⁹⁶ARANTES, Pedro Fiori. “Da (Anti) Reforma urbana brasileira a um novo ciclo de lutas nas cidades”. In: SAMPAIO JR, Plínio de Arruda; Et al. **Jornadas de Junho: a revolta popular em debate**. ICP, São Paulo, junho de 2014.

²⁹⁷Op. cit.,p.61.

para alguns grupos com maior poder aquisitivo para ter acesso aos melhores espaços e aos melhores serviços²⁹⁸.

Durante as manifestações de junho de 2013, o tema do transporte público chamou a atenção de muitas pessoas, entretanto quando essas pessoas foram às ruas, elas pareciam estar insatisfeitas também com a péssima qualidade dos ônibus, com o tempo perdido dentro do transporte público, com a precarização da saúde e da educação pública; e, desse modo, demonstraram estar nessas manifestações por uma diversidade de temas e problemas causados pelas reformas urbanas das últimas décadas.

Na cidade de Maceió, por exemplo, cartazes levados às ruas pelos manifestantes com os temas: “Não a PEC da Impunidade”; “+Paz”; “+Educação, + Saúde, + Segurança”; “SUS: Seu Último Suspiro”; “Corruptos, nós vamos te pegar”; “Outra sociedade é possível e necessária”, entre outros²⁹⁹. Essas ações foram muito inquietantes e demonstravam uma diversidade de demandas, denúncias e contradições.

Essa diversidade de demandas sugere que a deflagração das manifestações de junho na capital alagoana também esteve associada a desequilíbrios nas políticas públicas. Para Hobsbawm, esse tipo de contradição é resultado das transformações ocorridas no sistema político e econômico mundial no final do século XX. Na avaliação deste historiador, no referido contexto, alguns Estados-nações optaram por políticas públicas excludentes e/ou insuficientes³⁰⁰.

Para Maricato, Arantes e Hobsbawm, as políticas públicas, entre o final dos anos 90 e a primeira década do atual século, estiveram, portanto, atreladas a uma política de desigualdade social. O que parecia melhorar para alguns grupos sociais, representava a continuidade de uma péssima política de transferência social, promovida por determinados grupos políticos³⁰¹.

Em Maceió, quando ocorreram as manifestações de junho, a combinação de muitos temas sociais expostos nesse fenômeno não foi algo estranho. Mas essa combinação não parece ter sido suficiente para fortalecer aqueles protestos de rua. Conforme Rudé, os movimentos populares e sociais, às vezes, não são o que aparentam ser, e, portanto, é preciso

²⁹⁸Op. cit.

²⁹⁹ Ver: galeria de fotos do site **G1 Alagoas**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/fotos/2013/06/fotos-maceio-tem-terceiro-dia-de-protestos.html#F845160>>. Acessado em 20/12/2015.

³⁰⁰HOBBSAWM, Eric. “As décadas de crise”. In: **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução: MacosSantarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³⁰¹Op. cit.

observar de perto a multidão³⁰².

2.4.1. Duas formas de protesto em uma manifestação

Desde a década de 1970, vários seguidores (sobretudo jovens e/ou classe média) abandonavam os principais partidos de esquerda por movimentos de mobilização mais especializados – notadamente os de defesa do “meio ambiente”, feministas e outros chamados “novos movimentos sociais” –, assim enfraquecendo-os³⁰³.

Para Hobsbawm, o “breve século XX acabou em problemas para os quais ninguém tinha, nem dizia ter soluções”³⁰⁴. Dentre esses problemas, ao menos um se tornou latente, o destino dos movimentos sociais³⁰⁵. Segundo o autor, isso ocorreu porque desde final do século passado as alternativas que os Estados-nações encontraram para minimizar a crise no sistema político e econômico não impediram a multidão em vários países de questionar a atuação dos governos e as lutas políticas organizadas pelos partidos³⁰⁶.

A esse respeito, o sociólogo Melucci refletiu que o tema dos movimentos sociais nas últimas décadas se transformou em algo controverso na academia, pois foram construídas várias vertentes explicativas para estes fenômenos³⁰⁷. Conforme Melucci, os movimentos sociais contemporâneos, ou seja, as manifestações sociais surgidas a partir da década de 1990, não são eventos promovidos apenas por operários, mas por uma multidão que cada vez mais reivindica espaços para construção da cidadania³⁰⁸.

Esses movimentos criticam o sistema neoliberal e a atuação dos governantes, formando novas redes de solidariedade e luta através da internet e representam a ascensão de um fenômeno autônomo, apartidário e independente da atuação dos partidos políticos³⁰⁹. Para Melucci, esses movimentos devem ser compreendidos no campo simbólico, uma vez que nas sociedades com alta densidade de informação, a produção do mercado publicitário investe em

³⁰²RUDÉ, George. **A Multidão na História**: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 1964.

³⁰³HOBSBAWM, Eric. “As décadas de crise”. In: **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução: MacosSantarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.406.

³⁰⁴Op. cit., p. 537.

³⁰⁵Op. cit.

³⁰⁶Op. cit.

³⁰⁷MELUCCI, Alberto. “Conflitos de Cultura”. In: **A Invenção do Presente**. Tradução de Maria do Carmo Alves Bonfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 70-94.

³⁰⁸Op. cit.

³⁰⁹Op. cit.

relações sociais, símbolos e identidades³¹⁰. Para ele:

Os fenômenos coletivos emergentes nas sociedades complexas não podem ser considerados simples razões para a crise, efeitos de marginalidade ou de desvio, puros problemas de exclusão do mercado político. É necessário reconhecer que os fenômenos coletivos que atravessam as sociedades avançadas são os sintomas de movimentos antagonistas, mesmo considerando que este não é o seu único significado³¹¹.

Os movimentos sociais contemporâneos surgem por diversos motivos. Eles estão pautados no agir e “mobilizam grupos sociais sobre objetivos dificilmente negociáveis, porque são irreduzíveis inteiramente à mediação política”³¹². Alguns desses movimentos não estão limitados às propostas de reivindicação dos partidos e também estão marcados pela despolitização e pela falta de mediação política. Isso esteve visível nas manifestações de junho de 2013 na cidade de Maceió, pois, nesse fenômeno pretejeram reivindicações diversas e dispersas.

Nessas manifestações, enquanto organizações político partidárias eram questionadas pela multidão, outros movimentos se acenderam aparentemente sem possuir nenhuma direção. Nesse contexto, o “Movimento Caras-Pintada” que aparentava não possuir nenhum líder definido atraiu muitos manifestantes. E quando esse movimento ganhou relevância durante as manifestações de junho, as pautas de reivindicação também parece ter se ampliado, mas essa ampliação não ocorreu de forma harmoniosa.

A diversidade de reivindicações não chegou acompanhada pela vontade de mediação política. Parte dos manifestantes que se voltaram contra os partidos e se vincularam a outros movimentos, como o “Movimento Caras-Pintadas”, não buscavam dialogar com o governo, mas apontar, acusar e criticar. Isso esteve perceptível em muitas passeatas de junho, sobretudo, na manifestação ocorrida dia 26 de junho de 2013.

No dia 26 de junho, um movimento se formou na cidade de Maceió, na Avenida Fernandes Lima, localizado no bairro Farol³¹³. Organizado pelo “Movimento Caras-Pintadas”, este protesto contou com a participação de estudantes que rechaçavam a presença de partidos³¹⁴. Neste movimento participaram pouco mais de 400 estudantes e, a respeito deste

³¹⁰Op. cit.,p.79.

³¹¹Op. cit., p.79.

³¹²Op. cit.,p.82.

³¹³FEITOSA, José. “Protesto reúne cerca de 400 pessoas e causa caos no trânsito estudantes promovem caminhada em Maceió”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 27/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

³¹⁴Op. cit.

ato, o jornal Gazeta de Alagoas noticiou o seguinte:

No caminho, entoavam palavras de ordem criticando os partidos políticos, enquanto também cobravam a saída do governador Teotônio Vilela Filho do poder. Articulado pelo Movimento Caras-Pintadas, alguns manifestantes seguravam um caixão simulando o “enterro” de Téo, que seguiu à frente de um boneco vestido de presidiário e um nariz de Pinóquio³¹⁵.

Em uma edição anterior, de 21 de junho de 2013, o referido jornal destacou um acontecimento relacionado à Universidade Federal de Alagoas. Ele tratou de um movimento realizado em frente à Reitoria contra o desmonte da estrutura do Hospital Universitário (HU)³¹⁶. Neste ato, ocorrido no dia 20, professores, alunos e funcionários do HU organizaram um protesto discorrendo sobre os problemas enfrentados por aquele hospital e pediram uma resposta do reitor da Universidade, Eurico Lôbo.³¹⁷ No dia 21 de junho de 2013, o jornal Gazeta de Alagoas publicou:

Intitulado “Marcha Fúnebre”, o protesto teve como objetivo denunciar o que os manifestantes chamam desmonte da estrutura do HU. “Nosso hospital enfrenta sérios problemas, como a suspensão de serviços, cancelamento de cirurgias, falta de materiais diversos, de medicamentos a luvas e gases”, reclama a assistente social Analice Dantas, do Fórum em Defesa do SUS³¹⁸.

Diante do noticiado pelo jornal Gazeta de Alagoas, percebe-se que duas formas de protesto marcaram as manifestações de junho em Maceió. De um lado, havia movimentos sendo organizados por militantes e manifestantes que delimitavam problemas e pautas de reivindicação, aparentemente de forma planejada, tentando uma mediação política; e do outro lado, movimentos sendo organizados de forma espontaneísta, sem intenção de mediação política, no caso do “Movimento Cara-pintada”.

Essas duas formas de protestos apresentavam perfis diferentes não apenas em sua forma de organização. Eles possuíam conteúdos distintos, pois enquanto alguns manifestantes pareciam se importar com as questões e as decisões que interferem no âmbito econômico e político, como por exemplo, a tarifa do transporte público, outros manifestantes pareciam se importar com questões ligadas à identidade cultural, deslocando o debate de classe para outras esferas da vida e do cotidiano.

Essas diferenças ficaram visíveis quando o jornal Gazeta de Alagoas destacou a narrativa de alguns dos participantes do “Movimento Caras-Pintadas”. Nas narrativas desses

³¹⁵Op. cit.

³¹⁶OLIVEIRA, Bleine. “Alunos e servidores fazem manifestação”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 21/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

³¹⁷Op. cit.

³¹⁸Op. cit.

participantes, algumas questões ganharam ênfase, como o caso do Projeto de Cura Gay do deputado Marco Feliciano³¹⁹. No dia 21 de junho, por exemplo, este jornal destacou a fala de uma estudante universitária que dizia: “Sou contra a PEC 37 e a Cura Gay do deputado (Marco) Feliciano”³²⁰.

Pauta de reivindicações que não interferiam diretamente na esfera econômica, como o “Projeto de Cura Gay” criticado pela multidão em junho de 2013, demonstra a existência de um movimento de rua ligada à questão da identidade de gênero, a exemplo. Embora tenha sido proposta pelo deputado Marco Feliciano, esse projeto não era um problema propriamente econômico e estava sendo alvo de críticas em junho, porque contrariava os direitos humanos, sobretudo, a luta por reconhecimento social de Lésbicas, Gays, Travestis, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros.

Outra questão que demonstra formas distintas de protesto durante as manifestações de junho, refere-se às reivindicações relacionados à educação pública. Embora o tema da educação tenha sido central em muitos cartazes, não havia clareza entre a multidão sobre quais problemas afligiam este setor. Esse tema, aliás, não parece ter recebido a importância necessária em junho de 2013, na capital alagoana. O movimento estudantil secundarista e, sobretudo, o movimento estudantil universitário aparentemente não deram muita ênfase a questão da educação, pois a pauta central de reivindicação em junho de ambas as organizações, era a tarifa do transporte público.

Os problemas específicos na educação pública não foram assinalados nas ruas. E, quando se tratava da educação, esse tema era exposto de forma ampla, ou seja, sem preocupação com a delimitação de pautas de reivindicação e com a mediação política com as instituições governamentais. Alguns manifestantes criavam frases relacionadas à educação apenas para expor a vontade de estar nas ruas. A exemplo disso, foi a frase de um estudante secundarista divulgada no jornal Gazeta de Alagoas. Quando indagado sobre sua participação nas manifestações de junho, este estudante disse: “Estou aqui para lutar pelos professores que ganham menos de R\$ 1 mil para salvar uma geração, em detrimento de políticos que ganham mais de R\$ 10 mil para destruir ela”³²¹.

Há anos, entretanto, a capital alagoana é palco de manifestações por melhoria na educação pública. Os estudantes e professores da Universidade Federal de Alagoas (UFAL),

³¹⁹FEITOSA, José. “Mais de dez mil pessoas voltam às ruas de Maceió”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 21/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

³²⁰Op. cit.

³²¹Op. cit.

por exemplo, antes de 2013, reivindicavam melhorias em questões específicas no ensino superior público federal. Ambos discutiam desde o problema da extensa carga horária docente, que estava afligindo os professores de vários cursos até a questão da assistência estudantil, pois durante um período os estudantes universitários recebiam bolsas de estudo para cumprir as funções dos servidores técnico-administrativos³²².

Problemas pontuais da educação pública não estavam sendo expostos e mesmo os militantes vinculados ao movimento estudantil universitário e secundarista não pareciam preocupados com esse tema. Esses militantes, aliás, provavelmente preferiram se esquivar de alguns debates, uma vez que estavam sendo rechaçados pela multidão e a conjuntura não era favorável a eles.

A esse respeito, para um militante da Anel, por exemplo, as manifestações de junho foram importantes, pois “o sentimento que ficou foi muito forte disso, de que é possível as coisas se transformarem, é possível as coisas mudarem, é possível vencer...É possível lutar e é possível vencer mesmo assim, e...Era um sentimento muito bom assim”³²³. E, para um militante do PCR, essas manifestações “com todas as suas positivities e negatividades (...) foi uma experiência necessária para todos, e para a esquerda especialmente, no conjunto das batalhas, das outras batalhas que estão por vir”³²⁴.

Nas narrativas coletadas e analisadas, as manifestações de junho foram duvidosas. Ambos os militantes, quando indagados sobre os resultados dessas manifestações, não citaram nenhum problema social resolvido depois desse fenômeno. Para eles, essas manifestações trouxeram muitas questões para serem repensadas por terem se distanciado da organização dos partidos e pela variedade de pautas de reivindicação sem conteúdo político. A ampliação de pautas de reivindicação durante o fenômeno de junho, desse modo, aparentemente não esteve relacionado a uma vontade súbita da multidão de cobrar melhorias nos setores sociais públicos, mas a construção de movimentos sociais antagonistas, ou seja, movimentos que trazem temas, conteúdos e interesses diversos, mas não estão limitados a mediação política

³²²Intensificação e precarização do trabalho docente na UFAL: A carga horária em debate. In: **Jornal ainda sem nome** do Fórum em defesa da Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade da UFAL. Disponível em: <forum-em-defesa-da-universidade-publicadequalidadeufal@googlegroups.com>.

³²³LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

³²⁴SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 24/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

3 - FACES DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO NO SERTÃO

3.1. Entre cores, máscaras e o anarquismo

Os protestos estão sendo inspiradores! Não seria nada mau um Movimento Passe livre em Delmiro Gouveia!³²⁵.

A mensagem acima foi publicada no *Facebook*, em 14 de junho de 2013, por um professor de História do ensino médio do município de Delmiro Gouveia, que a época estava concluindo o seu curso na UFAL/*Campus* do Sertão. Assim como outras publicações nesta rede social, a mensagem retirada da página pessoal do professor Emerson Máximo de Carvalho demonstra o momento em que as manifestações de junho, iniciadas no Estado de São Paulo e do Rio de Janeiro, começaram a se tornar mais frequentes nas discussões via *internet* pelos moradores do referido município do Sertão de Alagoas.

Era o final da segunda semana do mês de junho, quando as manifestações ganharam centralidade nas pastagens realizadas no *Facebook*. Em Delmiro Gouveia, no dia 20 de junho de 2013, professores, estudantes, militantes de partidos políticos, anarquistas, entre outros compartilharam em sites, blogs e nas redes sociais, um convite que objetivava reunir a população no Coreto, espaço público onde frequentemente ocorriam eventos e/ou manifestações políticas, sociais e culturais na cidade, para a partir das 16h30, realizarem um protesto de rua.

O referido convite, intitulado “Movimento país livre: os caras pintadas estão de volta”, provavelmente produzido pela Juventude do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (JPMDB)³²⁶ foi compartilhado no blog de José Ferreira dos Santos, um estudante

³²⁵CARVALHO, Emerson Máximo de. **Página pessoal no Facebook de Emerson Máximo de Carvalho**. Publicado 14/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/emersonmaximo.carvalho.1?fref=ts>>. Acessado em 22/12/2013.

³²⁶ Até o término desta pesquisa, não foi possível identificar o tipo de atuação do PMDB na cidade Delmiro Gouveia, em junho de 2013. Apenas uma ex-estudante da Ufal/Campus do Sertão, entrevistada no início deste ano, comentou a respeito da participação de uma juventude vinculada ao PMDB que estava atuando nas manifestações de junho. A estudante, entretanto, comentou rapidamente sobre essa juventude, revelando apenas que a mesma procurava chamar a atenção da multidão produzindo convites com slogans aparecidos durante o fenômeno de junho em outros estados. A esse respeito, ver a entrevista: CONCEIÇÃO, Larissa Lisboa da. Entrevistada por Sara Angélica Bezerra Gomes em 19/05/2016. In: Acervo de Sara Angélica Bezerra Gomes. Larissa Lisboa da Conceição é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas/ Campus do Sertão. Quando participou das Manifestações de Junho de 2013 na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas, ela convidou pessoas na universidade e através do facebook para se manifestar nas ruas e narrou, em uma entrevista para esta pesquisa, sua experiência nessas manifestações.

do Curso de História da UFAL/Campus do Sertão que participou das manifestações³²⁷. Este estudante compartilhou em seu *blog* de notícias o mencionado convite sob o título “Juventude DelmireNSE estará unida em protesto amanhã 20/06”. Nesta postagem, o blogueiro desatacou as falas dos manifestantes, sobretudo de jovens estudantes universitários e secundaristas, e a informação de que mais de 500 pessoas já haviam confirmado a presença no ato³²⁸. A imagem abaixo foi o convite compartilhado no *facebook* e em blogs para chamar a multidão.



Foto 14 -Convite produzido para a primeira manifestação de junho de 2013, ocorrida na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas.

Disponível

em:<<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/movimento-promete-protesto-em-delmiro.html>>. Acessado em 15/05/2015.

Este convite compartilhado no blog de Santos lembra os registros fotográficos relacionados ao Movimento Caras Pintadas, ocorrido no Brasil em 1992. Durante aquele movimento que aparentemente tinha como objetivo forçar a saída de Fernando Collor de Mello do cargo de Presidente da República, a multidão vestiu-se de preto e pintou o rosto de verde e amarelo para lembrar as cores da bandeira³²⁹.

Naquele contexto, o Brasil estava passando por várias reformas econômicas e, ao que

³²⁷ SANTOS, José Ferreira dos. “Juventude DelmireNSE estará unida em protesto amanhã 20/06”. In: **FerreiraDelmiro.com**, publicado em 19/06/2013. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/juventude-delmireNSE-estara-unida-em.html>>. Acessado em 15/05/2015.

³²⁸Op. cit.

³²⁹ ROCHA, José Aparecido da Silva; LÚCIO, Antônio Barbosa. Protesto social no Brasil: os jovens nos movimentos sociais Diretas já e fora Collor. In: **GT 20: Sociedade Civil: Protestos e Movimentos Sociais**, 2013, p.1-10.

tudo indica, as medidas reformistas de Collor para estabilizar a economia do país não estavam atendendo às expectativas das classes populares e da classe patronal³³⁰. Essa situação acarretou uma crise política que foi acentuada pela cobertura jornalística da grande mídia, quando a mesma começou a reforçar o argumento que o governo era corrupto³³¹. A grande mídia não ajudou apenas a retirar Collor do cargo de presidência, mas também contribuiu para divulgar um dos símbolos do Movimento Caras Pintadas, ou seja, o uso das cores verde e amarela no rosto pela multidão nas ruas³³².

O ato de pintar o rosto com essas cores estava relacionado à ideia de defesa da nação e a uma denúncia contra os casos de corrupção que estavam sendo divulgados pela grande mídia. Não é estranho, portanto, um ato como este ter sido usado por alguns manifestantes ou pelos organizadores das manifestações de junho de 2013, para chamar a atenção do governo. Essa atitude parecia querer retomar a ideia de defesa da nação e de luta contra a corrupção, no momento em que o Brasil começava a enfrentar outra crise política e econômica. Assim, nas redes sociais, cartazes ou fotos de pessoas com o rosto pintado de verde e amarelo eram comum em junho de 2013, como é possível perceber no convite acima.

Em concomitância a publicação deste convite na *internet*, um grupo de estudantes chamou os demais colegas e servidores da Ufal/*Campus* do Sertão para a manifestação do dia 20 de junho³³³. Eles frequentaram as salas de aula, convidando professores e alunos para irem as ruas se manifestar contra a corrupção, por melhorias na educação e na saúde, entre outros temas³³⁴. Desse modo, quando teve início a primeira manifestação de junho em Delmiro Gouveia, o Coreto foi ocupado por pessoas provindas de diferentes lugares, que produziram e ergueram cartazes com vários temas, dentre eles: “Fábrica da Peste”, em alusão aos prejuízos ambientais causados por uma secular fábrica de tecidos; “Passe Livre”, fazendo referência ao problema do transporte público, sobretudo para os estudantes da Ufal/*Campus* do Sertão; “Mais educação, saúde e respeito a população”, entre outros³³⁵.

Durante esse fenômeno, enquanto uns pintavam-se com as cores verde e amarela e

³³⁰ Op. cit.

³³¹ Op. cit.

³³² Op. cit.

³³³ SANTOS, José Ferreira dos. “Estudantes mobilizam UFAL para unirem-se a protestos hoje 20/06”. In: **FerreiraDelmiro.com**, publicado em 20/06/2013. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/estudantes-mobilizam-ufal-para-unirem.html>>. Acessado em 15/05/2015.

³³⁴ Op. cit.

³³⁵ Ver: Acervo de fotografias do projeto “Vozes do Ser-tão nas tramas de Mnemósine: fontes orais para História Contemporânea em Alagoas”, vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa História, Sociedade e Cultura - GEPHISC/PPGH/UFAL.

usavam objetos que lembravam a bandeira do Brasil; outros usavam capuz, máscaras feitas com roupas ou a máscara do personagem “V” do filme “V de Vingança”³³⁶. A manifestação do dia 20 de junho de 2013, chamada por estudantes e militantes de diferentes grupos políticos, mostrou solidariedade para com as manifestações que estavam ocorrendo nas demais cidades do Brasil³³⁷. Mas, nesse contexto, enquanto alguns militantes anarquistas vinculados ao Coletivo Libertário Delmirensense (COLIDE) falavam em um microfone ligado a um carro de som, outros manifestantes, levantando faixas e cartazes, cantavam o hino nacional e afirmavam que a manifestação era antipartidária³³⁸.

Nessa primeira manifestação, apesar de alguns instantes de tensão em frente à sede do executivo municipal, não foi registrado nenhum conflito entre a guarda municipal e os manifestantes. Neste acontecimento, a multidão chegou ao prédio da prefeitura gritando palavras de ordem, erguendo cartazes e utilizando o carro, alternando discursos relativos à agenda de protestos, em particular, à administração municipal de Delmiro Gouveia³³⁹.

No dia 21 de junho de 2013, após a primeiro ato de protesto ocorrido nessa cidade sertaneja, o estudante do curso de História acima mencionado publicou em seu blog uma matéria intitulada “Uma análise crítica dos protestos em Delmiro”, na qual destacou as reivindicações levadas as ruas pela multidão e o estado de euforia que tomou conta dos moradores de Delmiro Gouveia em junho de 2013³⁴⁰. A matéria publicada pelo estudante, entretanto, revelou um fenômeno inédito, multicêntrico e sem uma liderança definida.

³³⁶SANTOS, José Ferreira dos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 16/02/2016. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

³³⁷ SANTOS, José Ferreira dos. “Chegou o grande dia, Delmiro estará unida hoje 20/06”. In: **FerreiraDelmiro.com**, publicado em 20/06/2013. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/chegou-o-grande-dia-delmiro-estara.html>>. Acessado em 15/05/2015.

³³⁸SANTOS, José Ferreira dos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 16/02/2016. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

³³⁹Ver: Acervo de fotografias do projeto “Vozes do Ser-tão nas tramas de Mnemósine: fontes orais para História Contemporânea em Alagoas”, vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa História, Sociedade e Cultura - GEPHISC/PPGH/UFAL.

³⁴⁰SANTOS, José Ferreira dos. “Uma análise crítica dos protestos em Delmiro”. In: **FerreiraDelmiro.com**, publicado em 19/06/2013. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/uma-analise-critica-dos-protestos-em.html>>. Acessado em 15/05/2015.

3.1.1. Uma manifestação anarquista?

Segundo um dos militantes anarquistas do Colide, a época das manifestações de junho, uma parcela da população sinalizava está insatisfeita com o prefeito da referida cidade sertaneja³⁴¹. Esse anarquista, receoso de sofrer algum tipo de retaliação do poder público municipal, optou pelo anonimato, mas para ele o prefeito do município de Delmiro Gouveia “é tido como um coronel”, pois há dezesseis anos se encontra no poder e faz o que quer”³⁴².

As manifestações deflagradas em junho de 2013, no município de Delmiro Gouveia, para o referido anarquista, foi também uma oportunidade de tecer críticas ao gestor municipal que para ele e, para parte da população, incorporava o estereótipo de um “coronel” que persiste em preservar seu poder de mando e de práticas clientelistas³⁴³. Outro anarquista, dentro de uma perspectiva mais ampla, disse que os protestos de junho em Delmiro e no Brasil foram marcados pela descrença nos partidos políticos e pelo desgaste ético e administrativo dos gestores públicos em todas as esferas: municipal, estadual e federal³⁴⁴.

A respeito da descrença nos partidos políticos, Silva, militante anarquista do Colide, afirmou ter optado pelo anarquismo após ter se desvinculado do PT e do PCdoB³⁴⁵. Para ele, a falta de democracia, o centralismo democrático, as alianças políticas sem escrúpulo, o desrespeito a questões teóricas e programáticas, entre outros pontos “eram colocadas de lado em função dos projetos pessoais”³⁴⁶. Ainda sobre sua desvinculação partidária e aproximação com o anarquismo, Silva explica que sua decepção com relação aos partidos políticos começou quando voltou do Sudeste, onde trabalhava como migrante sazonal, movimento comum para a população desta região do Sertão de Alagoas, deparando-se com um sistema político-partidário que persistia em não democratizar oportunidades de trabalho e de inserção social.

A atuação do Coletivo Libertário Delmirensense (Colide), movimento anarquista do qual Silva é membro, entretanto, está datado de 2007, sendo um fenômeno anterior às manifestações de junho³⁴⁷. E três anos depois da criação deste coletivo, o ensino superior público e federal chegou ao Sertão de Alagoas e os militantes do Colide também passaram atuar junto ao

³⁴¹Anônimo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 21/01/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

³⁴²Op. cit.

³⁴³Ver a respeito em: Leal, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

³⁴⁴SILVA, Uedson José da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 08/10/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

³⁴⁵Op. cit.

³⁴⁶Op. cit.

³⁴⁷Op. cit.

movimento estudantil da Universidade Federal de Alagoas/*Campus* do Sertão, compartilhando espaços de reivindicação e luta com esses estudantes.

Quando as atividades da UFAL/*Campus* do Sertão tiveram início em Delmiro Gouveia na Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão e Silva, sede provisória do *Campus*, a exemplo, a atuação dos anarquistas ganhou mais destaque depois que um grupo de estudantes universitários do *Campus* decidiu suspender as aulas no ano de 2011³⁴⁸. Ameaçados de serem expulsos da sede provisória, pelo diretor da referida escola, os estudantes, apoiados pelos anarquistas, decretaram um movimento grevista³⁴⁹.

Esta atitude dos estudantes surpreendeu professores, técnicos e a reitoria da universidade, céticos quanto à experiência política dos alunos recém-ingressos em um *Campus* fora de sede e em fase de implantação, para sustentar um movimento grevista³⁵⁰. Isso porque, quando os estudantes das primeiras turmas da UFAL/*Campus* do Sertão ingressos no ano de 2010 decidiram por uma greve, eles estavam nos primeiros períodos de seus respectivos cursos³⁵¹. A suspensão das aulas durou semanas e foram marcadas por passeatas e reuniões frequentes em frente ao portão da sede provisória do *Campus*³⁵².

Durante a organização para essas passeatas, a participação de alguns estudantes anarquistas foi importante, embora não fossem os únicos grupos de interesse estudantil a participarem desse movimento. Eles tomaram a frente de algumas reuniões e, sobretudo, monopolizavam o uso do microfone e do carro de som nas manifestações de rua, alçando relativa visibilidade. Durante as manifestações de junho de 2013, eles também estiveram nos protestos de rua ocorridos em Delmiro Gouveia. As ideias dos anarquistas eram visíveis na monopolização do microfone e no uso do carro de som³⁵³.

Conforme Silva, algumas dessas mensagens não foram produzidas pelos anarquistas ou não estavam associadas a eles³⁵⁴, a exemplo das frases: “O povo unido não precisa de

³⁴⁸GAIA, Cristina Rodrigues. GAIA, Cristina Rodrigues. **Florescendo na Pedra: O Ensino Superior Público Federal No Sertão de Alagoas**. Delmiro Gouveia: UFAL\Campus do Sertão, 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso).

³⁴⁹Op.cit.

³⁵⁰Op. cit.

³⁵¹Op. cit.

³⁵²Op. cit.

³⁵³Ver: Acervo de fotografias do projeto “Vozes do Ser-tão nas tramas de Mnemósine: fontes orais para História Contemporânea em Alagoas”, vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa História, Sociedade e Cultura - GEPHISC/PPGH/UFAL.

³⁵⁴SILVA, Uedson José da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 08/10/ 2015. In: Acervo do GEPHISC\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouvias/Alagoas.

partido” e “Fora Téo!, Fora Renan!, Fora Feliciano!”³⁵⁵. Entretanto, quando ele foi indagado a respeito do comportamento dos anarquistas em relação à presença desses temas nas manifestações, ele respondeu: “se eles querem fazer o “Fora Renan”, por que não participar neh? Por que aí a gente amplia essa pauta, a gente coloca os problemas mais locais, como a questão do funcionamento do hospital, a questão da corrupção local”. E ainda completou: “para nós é fora todos”³⁵⁶.

Em sua narrativa, Silva não reivindicou para os anarquistas a responsabilidade pelas manifestações de junho de 2013 em Delmiro Gouveia. Para ele não estava claro quais grupos lideraram a multidão em junho. Mas, em junho de 2013, os anarquistas não estavam apenas observando o movimento da multidão, eles também aproveitaram o sentimento de aversão aos partidos políticos, surgido no furor do fenômeno daquelas mobilizações, para potencializar suas críticas ao Estado e aos partidos políticos e para atrair mais simpatizantes. Essa interpretação ficou visível na narrativa de outro anarquista, quando o mesmo afirmou: “tivemos um militante, que conhecemos nas manifestações, que nunca tinha participado de manifestação nenhuma, e a partir das manifestações de junho, do contato com as manifestações daqui, com o que viu na mídia, se identificou e hoje está na nossa organização”³⁵⁷.

Para este anarquista, o discurso antipartidário de algumas pessoas, dos grupos conservadores e da cobertura jornalística da grande mídia não parece ter sido algo necessariamente ruim, pois, se por um lado, isso causou uma confusão nas ruas, por outro ajudou no crescimento de alguns coletivos anarquistas. A respeito dessa questão, quando as manifestações de junho tiveram início em Alagoas, no Litoral e no Sertão, a ascensão dos coletivos anarquistas causou tanta inquietação, que um professor da UFAL/*Campus* do Sertão, preocupado com perda de credibilidade dos partidos de esquerda, publicou no *Facebook* a seguinte análise: “o ‘Anarquismo’ está se configurando como a via que canaliza as insatisfações, uma das coisas mais faladas atualmente é sobre a horizontalidade dos novos movimentos sociais”, e completou: “a sedução dos jovens atuais pelo anarquismo é fenômeno observado tanto na classe média como nos jovens da periferia e vai das grandes cidades ao Sertão das

³⁵⁵Ver: Acervo de fotografias do projeto “Vozes do Ser-tão nas tramas de Mnemósine: fontes orais para História Contemporânea em Alagoas”, vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa História, Sociedade e Cultura - GEPHISC/PPGH/UFAL.

³⁵⁶SILVA, Uedson José da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 08/10/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

³⁵⁷Anônimo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 21/01/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas. Este entrevistado que pediu para manter o anonimato é graduado em História pela Universidade Federal de Alagoas/ Campus do Sertão. Ele narrou sobre sua participação nas Manifestações de Junho de 2013 na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas.

Alagoas”³⁵⁸.

Inserido neste horizonte de experiências e expectativas, um estado de preocupação tomou pesquisadores e militantes dos partidos de esquerda quando, em junho de 2013, eles se depararam com um tipo de ação direta que repelia a participação dos partidos políticos. Entre as publicações realizadas no *Facebook*, a atuação dos anarquistas e de outros grupos que levantaram a bandeira do antipartidarismo, inclusive grupos com clara tendência a direita política, gerou disputas políticas nas redes sociais. Portanto, embora alguns anarquistas afirmem que não estavam liderando a multidão em junho, esse discurso cai em contradição, sobretudo, quando tentam minimizar a atuação de alguns partidos, como é possível perceber na narrativa de um anarquista de Delmiro Gouveia. Para ele, “algumas organizações ficaram assistindo, ficaram dizendo que essas manifestações ainda não disseram (...) para que vieram. E nisso a gente não viu o PT, a gente não viu o PCdoB”. E, ainda completou: “problemas sociais ganharam destaque nas vozes das multidões nas ruas, mas partidos políticos de esquerda não apareceram”³⁵⁹.

Contraditoriamente a essa narrativa, quando as manifestações de junho foram deflagradas, os anarquistas usaram um microfone ligado a um carro de som, disponibilizado pelo vereador Edvaldo Nascimento³⁶⁰, filiado ao PCdoB³⁶¹. Neste sentido, para além do discurso antipartidário, os protestos de junho foram marcados pela atuação de militantes com diferentes perspectivas teóricas, ideológicas e partidárias. Esses militantes disputaram o sentido da multidão nas ruas e tentaram conseguir vantagens em contraposição aos seus adversários. Em Delmiro Gouveia, em particular, essa oportunidade parece ter sido aproveitada pelos anarquistas, já em outras regiões do país, a exemplo de Maceió, esse momento foi também aproveitado por grupos de direita, como foi o caso do “Movimento Caras – Pintadas”³⁶².

Desse modo, as manifestações em Delmiro Gouveia não se constituíram um fenômeno exclusivamente anarquista, ainda que eles tenham figurado sob os holofotes do

³⁵⁸LIMA, Marcos Ricardo de. **Página pessoal no Facebook de Marcos Ricardo de Lima**. Publicado em 14/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/felipe.ferreira.1654?fref=ts>>. Acessado em 22/12/2014, às 12h:20 min.

³⁵⁹SILVA, Uedson José da. Entrevistado por José Vieira da Cruz em 14/ 11/ 2014. In: **Acervo do GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

³⁶⁰Op. cit.

³⁶¹O Partido Comunista do Brasil foi fundado no início do século XX. Segundo seu site, “ele viveu 60 anos na clandestinidade e em 1962, rechaçou com a direita, reorganizando-se e adotando a sigla PCdoB para realçar sua marca revolucionária”. O PCdoB guia-se pela teoria científica de Marx, Engels e Lênin. A esse respeito ver: <http://www.pcdob.org.br/texto.php?id_texto_fixo=4&id_secao=145>.

³⁶²FEITOSA, José. “Protesto reúne cerca de 400 pessoas e causa caos no trânsito estudantes promovem caminhada em Maceió”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 27/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

movimento. Como observou Rudé, as multidões não se reúnem apenas em função de movimentos específicos e sim por causas em comum³⁶³. A agenda ampliada de reivindicações expostas nos cartazes e faixas sintetizam algumas destas causas em comuns, a exemplo de mais recursos para saúde e para educação e menos corrupção. Demandas e agendas gerais responsáveis por impelir as pessoas às ruas, não apenas em razão do chamamento de grupos políticos e de interesse específicos.

O tema da mobilidade urbana e do transporte público até a UFAL/*Campus* do Sertão, por exemplo, apareceu nos cartazes durante as manifestações de junho. Ele indicou uma situação mal resolvida, agravada devido à chegada de uma universidade ao Sertão há seis anos. Essa não era uma pauta exclusiva de reivindicação anarquista, mas envolveu diferentes grupos de interesse presente nas manifestações de rua ocorridas em Delmiro Gouveia. Neste sentido, o transporte público configurava-se com um problema de todos. Por isso, mensagens relacionadas a esse tema foram frequentes nos cartazes: “Transporte público não é favor, é direito”, “Queremos transporte público para os estudantes”, “Os estudantes da UFAL geram desenvolvimento para Delmiro Gouveia e merecem acesso à Universidade com dignidade”³⁶⁴.



Foto 15 -Manifestante segurando cartaz com o tema do transporte público, durante as Manifestações de Junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas.

Acervo: GEPHISC \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão.

³⁶³RUDÉ, George. **A Multidão na História**: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 1964.

³⁶⁴Ver: Acervo de fotografias do projeto “Vozes do Ser-tão nas tramas de Mnemosine: fontes orais para História Contemporânea em Alagoas”, vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa História, Sociedade e Cultura - GEPHISC/PPGH/UFAL.

O transporte público, como será discutido posteriormente, representa um problema social, mas as frases utilizadas em cartazes para chamar atenção nas ruas revelaram uma agenda de reivindicações ainda não atendidas. Agendas dessa natureza alimentam, como ressaltou Rudé, tudo aquilo que um povo imagina como seu por direito.³⁶⁵ Isso significa que o transporte público, a educação e a saúde pública, a valorização dos trabalhadores e do meio ambiente, a abertura de concurso público, entre outros temas distribuídos e ressignificados nos cartazes, faixas e discursos evidenciam um conjunto de demandas por políticas públicas e por direitos sociais. E esse entendimento foi e é construído a partir do envolvimento e da ação dos diferentes segmentos da sociedade, inclusive dos anarquistas, mas não apenas por eles.

3.2. Sem a liderança do Movimento Passe Livre (MPL)

As catracas do transporte são uma barreira física que discrimina, segundo o critério da concentração de renda, aqueles que podem circular pela cidade daqueles condenados à exclusão urbana³⁶⁶.

A citação acima se refere a uma passagem do artigo “Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo”, atribuída ao Movimento Passe Livre/São Paulo (MPL/SP). Os ativistas deste movimento escreveram este artigo logo após as manifestações de junho de 2013. Os referidos protestos, deflagrados em vários estados, estamparam problemas sociais, sobretudo, o da disparidade existente no Brasil em relação à consolidação de políticas públicas de mobilidade urbana. Nesse período, enquanto multidões nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro reivindicavam a redução no valor da tarifa do transporte público, a multidão na cidade Delmiro Gouveia fazia passeatas, reivindicando a regularização do sistema de transporte público, porque até aquele momento este serviço ainda não existia de forma regular.

A esse respeito, para um militante anarquista, as manifestações de junho no Sertão de Alagoas divergiram das que ocorreram em outros estados por três motivos: a ausência da organização do Movimento Passe Livre (MPL), a presença do movimento anarquista e de outros grupos de interesse e a influência das redes sociais, que oportunizaram aos usuários da

³⁶⁵RUDÉ, George. “A ideologia do protesto popular”. In: **Ideologia e protesto popular**. Londres: Zahar Editora, 1980, p.24-34.

³⁶⁶Movimento Passe Livre /São Paulo. “Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo”. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013, p.14.

*internettomar parte das manifestações*³⁶⁷.

Um outro militante anarquista, participante das manifestações de junho no Sertão alagoano, quando entrevistado, também reforçou a diferença entre esse fenômeno na cidade Delmiro Gouveia com o ocorrido em São Paulo. Para ele, a participação dos anarquistas foi importante e também não houve atuação do MPL nesta cidade sertaneja³⁶⁸.

Durante as manifestações junho, a atuação dos anarquistas, entretanto, parece ter contado com a contribuição ou inspiração do coletivo MPL, mesmo não existindo em 2013, uma liderança regional do MPL em Alagoas³⁶⁹. Conforme um dos anarquistas entrevistados, mesmo antes da UFAL/*Campus* do Sertão, (...) nós já defendíamos algumas propostas que o MPL, lá do Sul- Sudeste já defendiam”³⁷⁰. Mas quando esse mesmo anarquista foi indagado sobre o MPL, ele afirmou: “nós nunca tivemos contato pessoalmente com alguns integrantes, mas só material”³⁷¹. A hesitação explícita nesta narrativa sobre a relação entre o MPL e os movimento anarquista em Delmiro Gouveia sugere uma resistência do Colide em se associar ao MPL ou a outros coletivos e/ou partidos. E, por outro lado, revela a preocupação dos membros do referido coletivo em construir uma imagem heroica dos anarquistas no Sertão Alagoano³⁷².

A construção de uma imagem heroica a respeito da atuação dos anarquistas fica explícita quando o mencionado anarquista, afirmou que em determinado momento o MPL se retirou das manifestações de junho e “então fica só (...) as organizações libertárias, alguns militantes de partidos”³⁷³. O MPL, ao que tudo indica, retirou-se dessas manifestações que estavam ocorrendo nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, após o anúncio da redução no valor da tarifa do transporte público³⁷⁴, entretanto, nesse momento, a multidão que tomavam as ruas de diferentes cidades brasileiras já haviam alargado a agenda de reivindicações e ressignificados os sentidos dos protestos para além do valor da tarifa dos transportes públicos.

³⁶⁷Anônimo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 21/01/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

³⁶⁸SILVA, Uedson José da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 08/10/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouvvia/Alagoas.

³⁶⁹Anônimo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 21/01/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

³⁷⁰Op. cit.

³⁷¹Op. cit.

³⁷²Op. cit.

³⁷³Op. cit.

³⁷⁴JUDENSNAIDER, Elena; Et al. **Vinte Centavos**: a luta conta o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.



Foto 16 - Manifestantes segurando cartaz com o tema do Passe Livre, durante as manifestações de junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas.

Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão.

Esta imagem foi registrada por José Vieira da Cruz, um pesquisador da Ufal/*Campus* do Sertão, durante as manifestações de junho na cidade Delmiro Gouveia, no dia 20 de junho de 2013. A imagem destacou um tema central para os manifestantes: o passe livre. E, embora o transporte público regular ainda não existisse na referida cidade sertaneja, o tema do Passe Livre aparecia de forma frequente em vários cartazes.

3.2.1. Ecos de um passado mal-resolvido

Em 2011, logo que as atividades da Ufal/*Campus* do Sertão começaram a ocorrer na sua sede própria, distante do centro urbano de Delmiro Gouveia, alguns motoristas percebendo a ausência de um transporte público urbano regular criaram um sistema alternativo de mobilidade urbana para a comunidade acadêmica. Neste sistema, os estudantes, professores e técnicos passaram a utilizar utilitários tipo “vans”, disponibilizados durante os três horários de funcionamento do *campus*, para transportá-los em determinados horários³⁷⁵.

Esse sistema de mobilidade urbana, alternativo e não regularizado teve início com alguns motoristas, que trabalhavam com o transporte intermunicipal no Sertão de Alagoas, organizados a partir da Cooperativa de Transporte Alternativo do Alto Sertão Alagoano (COOPTASA). Contudo, a partir de 2012, a Cooperativa dos Transportes Alternativos dos

³⁷⁵Diretório Central dos Estudantes. UFAL/*Campus* do Sertão. Reunião do DCE/CAs com a direção do Campus UFAL/Sertão. Ata da reunião realizada no dia 16 de novembro de 2011. Acervo: Sara Angélica Bezerra Gomes.

Perueiros de Delmiro Gouveia a Paulo Afonso (COOPERDEG) entrou em disputa com os motoristas da COOPTASA³⁷⁶. Os motoristas dessas duas cooperativas ficaram interessados no potencial do público do *Campus* do Sertão. E, motivados por esse interesse, ambas cooperativas começaram a negociar/disputar a questão do transporte público com o Diretório Central dos Estudantes (DCE), com os representantes dos Centros Acadêmicos (CAs) e com a direção da UFAL/*Campus* do Sertão.

A negociação que os motoristas da COOPTASA pretendiam fazer com os estudantes deste *Campus*, através do DCE e dos CAs, entretanto, não obteve sucesso. Isso porque a COOPERDEG assumiu em 2012 a responsabilidade da mobilidade urbana para a comunidade acadêmica, negociando a questão do transporte público diretamente com o prefeito da cidade Delmiro Gouveia, Luís Carlos Costa, do PMDB³⁷⁷. Essa cooperativa conseguiu o apoio do poder público municipal e do diretor geral do *Campus* do Sertão, Ricardo da Silva, que entregou em abril de 2014, um documento ao DCE informando sobre o acordo realizado entre a prefeitura e a COOPERDEG³⁷⁸.

Depois dessa negociação, a decisão da prefeitura não agradou os representantes da COOPTASA e nem aos estudantes universitários. Neste contexto, alguns estudantes do horário noturno, um dia após as aulas terem sido encerradas, depararam-se com a Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito (SMTT) e com os motoristas da COOPERDEG no *Campus* do Sertão, esperando-os para levá-los para o centro de Delmiro Gouveia.

A presença da SMTT e da COOPERDEG no *campus* não foi compreendida pelos estudantes como algo positivo. Eles compreenderam esse acontecimento como um ato autoritário do prefeito Luís Carlos Costa, da SMTT e da direção geral do *Campus* do Sertão. Os estudantes se sentiram contrariados, decidindo ir a pé da UFAL/*Campus* do Sertão até a delegacia, para fazer um boletim de ocorrência sobre o acontecido.

³⁷⁶Diretório Central dos Estudantes. Proposta da Cooptasa para a mobilidade urbana da comunidade acadêmica. Acordo realizado entre o DCE e a Cooptasa. Acervo: Sara Angélica Bezerra Gomes.

³⁷⁷Cooperativa dos Transportes Alternativos dos perueiros de Delmiro Gouveia a Paulo Afonso. Ofício para o prefeito Luis Carlos Costa, entregue em 27/02/2012. Documento assinado pelo diretor do Campus do Sertão em 18/04/2012. Acervo: Sara Angélica Bezerra Gomes.

³⁷⁸Op. cit.



Foto 17 - Estudantes da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, saindo da sede da Ufal, localizada na rodovia AL-145, até a delegacia da cidade Delmiro Gouveia. Acervo de Edmar Correia.

Observa-se, portanto, que para a comunidade acadêmica do *Campus* do Sertão, a insatisfação e a reivindicação por transporte público tiveram início antes das manifestações de junho de 2013. A este respeito, segundo Gaia, desde 2010 as atividades pedagógicas e administrativas do *Campus* do Sertão estavam ocorrendo provisoriamente na Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva, localizada no Bairro Novo. Quando essas atividades foram deslocadas desta escola para a sede, localizada na rodovia AL -145, o transporte público para estudantes, professores e técnicos se tornou um problema³⁷⁹. O transporte público, portanto, passou a ser uma das questões mais importantes para a comunidade acadêmica. Neste sentido, pode-se perceber o significado que a questão do transporte público adquiriu para os manifestantes de junho, sobretudo para aqueles que integravam a comunidade universitária da Ufal/*Campus* do Sertão.

Os manifestantes cobraram também, ainda sobre o tema do transporte público, a construção de ciclovias, deixando ainda mais perceptível o problema da mobilidade urbana no Sertão. O registro fotográfico abaixo, realizado por José Vieira da Cruz, pesquisador da Ufal/*Campus* do Sertão, destacou um técnico do referido *Campus*, levantando um cartaz com o tema das ciclovias.

³⁷⁹GAIA, Cristina Rodrigues. **Florescendo na Pedra: O Ensino Superior Público Federal No Sertão de Alagoas. Delmiro Gouveia: UFAL\Campus do Sertão, 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso), p.34.**

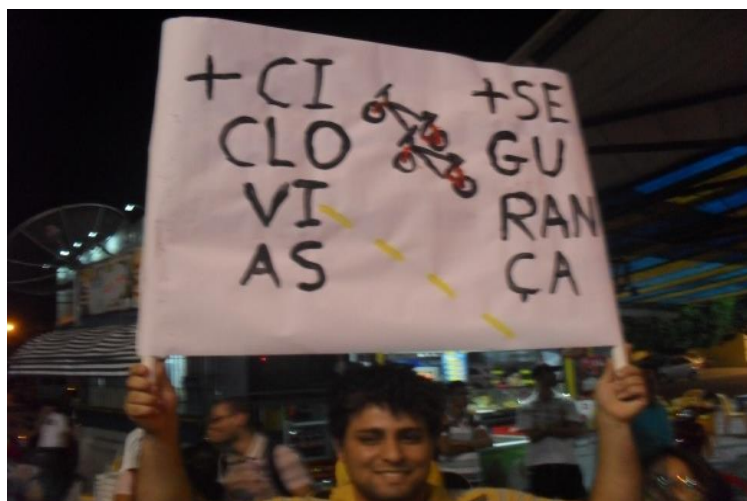


Foto 18 - Manifestante segurando cartaz com protesto por ciclovias, durante as manifestações de junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas.

Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão.

Depois que as atividades do *Campus* passaram a ser realizadas na sua sede própria, a mobilidade urbana, realizada pelos motoristas das cooperativas, tornou-se um problema para a comunidade acadêmica. Por essa razão, o tema do transporte público, em junho de 2013, foi levado com tanta ênfase às ruas da cidade de Delmiro Gouveia por estudantes, professores e técnicos da UFAL/*Campus* do Sertão. Um problema mal resolvido de um passado recente que ecoou de modo significativo nas manifestações de junho.

3.2.2. Transporte público: um problema histórico?

Como um fantasma que ronda as cidades deixando marcas vivas no espaço e na memória, as revoltas populares em torno do transporte coletivo assaltam a história das metrópoles brasileiras desde sua formação³⁸⁰.

Nas cidades brasileiras, o processo que levou a criação do transporte público urbano foi desigual de um estado a outro e de uma cidade para outra. A respeito dessa questão, a inexistência de um sistema de mobilidade urbana regular no Sertão de Alagoas, sobretudo, na cidade Delmiro Gouveia, é um desdobramento do clientelismo político que persiste no Estado Brasileiro, ou seja, uso do Estado para atendimento de interesses particulares em prejuízo do

³⁸⁰Movimento Passe Livre /São Paulo. “Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo”. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1.ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013, p.13.

interesse e do bem-estar da sociedade.

Em Delmiro Gouveia, esse clientelismo político tem suas raízes no início do século XX, a partir da criação da Companhia Agrofábrica Mercantil, fundada pelo empresário Delmiro Gouveia, posteriormente denominada Fábrica da Pedra, atualmente sob administração do Grupo Carlos Lyra. Em torno da fábrica, a moradia, a escola e o lazer eram organizadas como estratégia, usada pela empresa, para exercer controle moral, econômico e político sobre os trabalhadores³⁸¹.

Esse tipo de relação híbrida, um misto de patrimonialismo/clientelismo e de capitalismo tardio, estabelecida entre o patrão, os empregados e os moradores de Delmiro Gouveia, estendeu-se para as outras relações da sociedade com o poder público municipal na referida cidade sertaneja. Em particular, através da manutenção de contratos terceirizados, cargos de confiança e outras formas de trabalho precarizados e vulneráveis aos interesses do gestor em exercício. Essa prática política calcada na persistência da troca de favores e do exercício do poder de mando, caracterizando o fenômeno que Faoro identificou como um traço da formação da patronagem política no Brasil³⁸².

Essa relação entre patrão e empregado contribuiu também para a consolidação de um sistema de transporte público com características peculiares no Sertão de Alagoas. Dentro desta perspectiva, desenvolveu-se na região um sistema de transporte baseado no uso de caminhonete tipo D-20, adaptadas como minicaminhões pau-de-arara³⁸³. Este tipo de veículo de transporte, no contexto desta pesquisa, continuava sendo utilizadas para mobilidade intermunicipal e urbana no Sertão alagoano, para o transporte de feirantes e suas mercadorias quanto para o transporte da população de um modo geral³⁸⁴.

³⁸¹CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão**. Campinas SP: Papirus, 1998.

³⁸²FAORO, Raymundo. “Origem do estado português”. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 3.ed. Revista, 2001.

³⁸³Meio de transporte irregular, e ainda utilizado na região do Sertão Alagoano e em outras regiões do Brasil. Consiste em se adaptar caminhões para o transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais.

³⁸⁴GOMES, José Raimundo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 31/03/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.



Foto 19- Caminhonete tipo D-20, usada para mobilidade urbana e intermunicipal no Sertão do estado de Alagoas. Acervo de Sara Angélica Bezerra Gomes.



Foto 20 - Caminhonetes que realizam a mobilidade intermunicipal entre as cidades Delmiro Gouveia e Água Branca, estacionadas no centro de Água Branca. Acervo de Sara Angélica Bezerra Gomes.

Para alguns dos motoristas entrevistados, a utilização das D-20, adaptadas como paude-arara, justificava-se em razão da dificuldade de acesso de muitas das localidades da região, sobretudo os povoados e os distritos municipais³⁸⁵. O município de Água Branca, situada na microrregião Serrana do Alto Sertão Alagoano, próximo ao município de Delmiro Gouveia, a exemplo, formou-se nos arredores de uma serra com diferentes graus de declividade e terreno rochoso. No entorno dessa serra, ao longo de mais de três séculos de ocupação, várias

³⁸⁵Op. cit.

comunidades foram estabelecidas, inclusive remanescentes quilombolas e indígenas. Diante deste histórico, localização e ausência de uma política de transporte pública adequada para a região, o uso de caminhonetes tipo D-20 foi estabelecida como algo “naturalizado” e contraditoriamente “moderno”, uma vez que elas, junto com as motocicletas, substituíam o transporte com uso de cavalos e mulas³⁸⁶.

As narrativas oferecidas por Gomes e Freire, motoristas entrevistados, sobre o funcionamento do transporte urbano e intermunicipal entre as cidades Delmiro Gouveia e de Água Branca, foram semelhantes, quando indagados sobre o uso da D-20 como transporte público. Para ambos, as D-20 foram utilizadas porque era o transporte mais resistente numa região com relevo acidentado³⁸⁷.

Nos municípios de Água Branca, Mata Grande, Delmiro Gouveia, Piranhas, entre outros, o uso de veículos tipo D-20, adaptados como mine Pau-de-arara, configura-se como um tipo de trabalho/transporte irregular transmitido para familiares e/ou pessoas com vínculo de amizade. Por esta razão, em troca de um trabalho fora do comércio, da Fábrica da Pedra ou dos cargos temporários nas prefeituras da região, a defesa desta forma de trabalho/negócio/transporte irregular é vista, pelos motoristas entrevistados, como uma estratégia de sobrevivência e de autonomia econômica.

A utilização da D-20 como transporte irregular, entretanto, passou a ser percebida de forma negativa nos primeiros anos do século XXI, pois, nesse contexto, foi organizada uma agência em Alagoas para regularizar o transporte público intermunicipal, a Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de Alagoas (ARSAL), criada no ano de 2002, durante o governo de Ronaldo Lessa do Partido Socialista Brasileiro (PSB)³⁸⁸.

Quando Arsal foi criada, os motoristas das D-20 no Sertão de Alagoas criaram algumas associações, objetivando permanecer com o controle do transporte público. E, nesse período, ocorreu um processo de regulamentação do transporte público nas cidades sertanejas³⁸⁹. Algumas associações foram criadas, como a Associação dos Transportes Alternativos de Água Branca (ATAB), no município de Água Branca, e a Associação dos

³⁸⁶Op. cit.

³⁸⁷FREIRE, José Flávio de Araújo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 28/08/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.; GOMES, José Raimundo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 31/03/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

³⁸⁸ ARSAL, Regulamento do Setor. Disponível em: <<http://www.arsal.al.gov.br/servicos/transporte/regulamentacao-do-setor>>. Acessado em 12/05/2015.

³⁸⁹GOMES, José Raimundo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 31/03/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

Transportes Alternativos do Brasil (ATAS – Brasil), no município de Delmiro Gouveia.

Os motoristas das D-20 no Sertão, desde a criação da ARSAL, enfrentaram alguns embates com esta agência que buscava regularizar o transporte em Alagoas e desativar as D-20 como transporte público³⁹⁰. E, para os motoristas, o que a Arsal pretendia foi impossível, pois a D-20 se tornou fonte de renda para muitas pessoas, numa região que não oferecia muitas oportunidades de trabalho.

E, como já foi mencionado, o problema do transporte público no Sertão se agravou com a implantação da Ufal/*Campus* do Sertão, em Delmiro Gouveia. E, coincidentemente ou não, somente depois das manifestações de junho de 2013, o poder público municipal da cidade Delmiro efetivou o compromisso com a mobilidade urbana, viabilizando a concessão do transporte público a uma empresa que disponibilizou alguns micro-ônibus para o transporte público regular³⁹¹.

Durante alguns meses, os moradores e os estudantes universitários da UFAL/*Campus* do Sertão passaram a utilizar micro-ônibus para se deslocar de um bairro a outro, pagando uma tarifa inicial no valor de R\$ 1,00 (um Real)³⁹². Alguns meses depois das manifestações de junho, os moradores de Delmiro Gouveia pela primeira vez utilizaram um transporte público urbano, com horário e tarifa regular³⁹³. Entretanto, o funcionamento desses micro-ônibus ocorreu por tempo determinado.

No ano de 2015, quando servidores, docentes e técnicos da UFAL aderiram a greve nacional por mais recursos para as universidades e por salários e condições de trabalho justas, alguns meses depois, esses micro-ônibus deixaram de funcionar. Quando isso ocorreu, quem assumiu a mobilidade urbana em Delmiro Gouveia foram os taxistas, os mototaxistas e os motoristas das D-20 e das Vans, vinculados às cooperativas que naquele contexto, ainda estavam disputando o controle pelo transporte público urbano e intermunicipal junto a Arsal.

³⁹⁰Op. cit.

³⁹¹SILVA, Felipe Ferreira da. Entrevistado por Sara Angélica Gomes Bezerra 10/12/ 2013. In: Acervo do GEPHISC\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas. Felipe Ferreira da Silva é graduado em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas/ Campus do Sertão e é professor do ensino básico em uma escola pública da cidade de Água Branca/Alagoas. Silva participou do Centro Acadêmico de Geografia da UFAL/Campus do Sertão e narrou sobre sua participação nas Manifestações de Junho de 2013 na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas.

³⁹²Op. cit.

³⁹³Op. cit.

3.3. Um fenômeno midiático?

A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino³⁹⁴.

O passado é uma dimensão permanente da consciência humana, afirmou Eric Hobsbawm³⁹⁵. Ele pode se tornar um padrão para o presente e levar gerações a repetir determinadas situações, como refletiu Marx na citação acima. A este respeito, Mudrovcic, ao pensar o passado, afirmou que “os mortos – ou, o que dá no mesmo, a existência de um passado que não nos importe socialmente – só são possíveis quando o autoentendimento político do presente deixa de compreender-se em termos das lutas de outrora”³⁹⁶.

Em Alagoas, no município de Delmiro Gouveia, quando a multidão foi às ruas em junho de 2013, ela evocou questões surgidas do seu passado recente. A herança deixada pelo passado estava nas palavras de ordem pronunciadas pela multidão, nas estratégias de ação direta nas ruas, e, principalmente, nos temas estampados nos cartazes e faixas erguidos no decorrer das passeatas. Essa experiência histórica lembrou aquilo que Mudrovcic destacou quando analisou a importância social do passado. Para ela, quando o passado ainda influencia o presente, acontece algo singular, “o presente se entende e atua em termos do passado (é um presente-passado, e não um passado-presente)”³⁹⁷.

A multidão nas ruas não estava reivindicando demanda inéditas, pois temas como educação, saúde, transporte público, corrupção, poluição do meio ambiente, entre outros, representavam questões já existentes e mal resolvidas. Aquele fenômeno social inter-relacionou experiências do passado com horizontes de expectativas presentes e futuras, reunindo gerações em torno dos mesmos problemas.

Em relação ao tema da educação pública nas manifestações de junho ocorridas em Delmiro Gouveia, não houve apenas um grupo social estampando essa questão em cartazes ou

³⁹⁴MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boin tempo, 2011, p. 25.

³⁹⁵HOBSBAW, Eric. O sentido do passado. In: **Sobre História**: Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.17.

³⁹⁶MUDROVCIC, Maria Inés. Por que Clio retornou a Mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília; et al (Orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

³⁹⁷MUDROVCIC, Maria Inés. Por que Clio retornou a Mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília; et al (Orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.113.

uma única interpretação a respeito das demandas e desafios desta política pública. Entre os insatisfeitos estavam estudantes universitários e secundaristas, profissionais da educação básica e superior e diferentes segmentos da sociedade.

3.3.1. A dimensão local da agenda de reivindicações

De nada vai adiantar uma universidade implantada no município, se os filhos desse município não tem a capacidade, por deficiência (...) de um corpo docente mal formado, mal estruturado, não tem a capacidade de ocupar as salas desta universidade³⁹⁸.

O recorte acima, retirada da entrevista realizada com Silva, estudante do curso de Geografia da Ufal/*Campus* do Sertão, tece uma reflexão sobre as pessoas que saíram das suas casas e do seu trabalho para ir à rua participar das manifestações de junho em Delmiro Gouveia³⁹⁹. A narrativa de Silva demonstra que o tema da educação foi uma pauta de reivindicação percebida de formas distintas. As interpretações a respeito variavam de acordo com o lugar social ocupado por cada manifestante, ou seja, os estudantes, professores, advogados, vereadores, entre outros, externaram percepções diferentes da educação pública nas manifestações de junho.

Para alguns, o problema da educação estava na formação dos professores da educação básica; para outros, como Nascimento, professor da rede municipal e vereador em Delmiro Gouveia, o problema da educação básica estava na relação entre a administração municipal e a garantia de direitos aos profissionais da educação⁴⁰⁰. Para esse professor, diversas greves foram deflagradas pelos professores da rede municipal de ensino em Delmiro Gouveia⁴⁰¹. Essas greves ocorriam por vários motivos, mas, como notou o ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Alagoas (*SINTEAL*), era ausência do reajuste salarial que mais incentivava os trabalhadores da educação a decretar greve⁴⁰².

³⁹⁸SILVA, Felipe Ferreira da. Entrevistado por Sara Angélica Gomes Bezerra 10/12/ 2013. In: Acervo do GEPHISC\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

³⁹⁹Op. cit.

⁴⁰⁰NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 19/01/ 2016. In: Acervo do GEPHISC\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

⁴⁰¹Op. cit.

⁴⁰²PEREIRA, Adriano Alves. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 05/05/ 2016. In: Acervo do GEPHISC\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas. Adriano Alves Pereira é professor da educação básica da rede municipal de ensino na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas e esteve presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Alagoas (*SINTEAL*). Quando foi entrevistado

É longa a trajetória de embates entre os trabalhadores da educação pública e o poder público municipal em Delmiro Gouveia. E, ao que tudo indica, esses embates se tornaram mais frequentes no decurso das últimas duas décadas, quando foi instituído no Brasil novas políticas de financiamento para a educação básica, como o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF) e o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB)⁴⁰³. Entretanto, desde a criação do Fundeb, a administração municipal relutava em pagar reajuste salarial, conforme as normas do referido fundo⁴⁰⁴.

A questão salarial aprofundava a insatisfação dos trabalhadores da educação em relação à administração municipal. E, além desse fator, Delmiro Gouveia foi palco de conflitos no processo de implantação da gestão democrática nas escolas públicas, uma vez que os próprios diretores ou coordenadores eram escolhidos pelo prefeito⁴⁰⁵. Assim, a ausência da gestão democrática nas escolas, o arroxó salarial, a resistência da administração municipal em pagar o reajuste salarial, tudo isso contribuiu para montar um histórico de greves no decorrer das últimas duas décadas.

A esse respeito, Nascimento afirmou que “quem tem pautado as principais temática políticas do município são os trabalhadores da educação”⁴⁰⁶. Para ele, durante as manifestações de junho grande parte das pessoas que participaram desse fenômeno eram vinculadas à educação⁴⁰⁷, pois o gestor municipal, Luís Carlos Costa, filiado ao Partido do Movimento Democrático do Brasil (PMDB), “não dialogava com os trabalhadores da educação”⁴⁰⁸.

Muitos conflitos ocorriam entre esses trabalhadores e o poder público municipal. Entretanto, eles aparentemente não eram deflagrados apenas porque o prefeito deixava de dialogar com este setor, como afirmou Nascimento. Esses conflitos também ocorriam porque as pessoas vinculadas à educação estavam organizadas a partir de uma base sindical e, ao usufruírem de maiores direitos políticos, formavam uma categoria social mais resistente⁴⁰⁹.

para esta pesquisa, no ano de 2016, ele narrou sobre sua participação e a participação do Sinteal nas Manifestações de Junho de 2013 na cidade de Delmiro Gouveia/Alagoas.

⁴⁰³Op. cit.

⁴⁰⁴Op. cit.

⁴⁰⁵NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 19/01/ 2016. In: **Acervo do GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

⁴⁰⁶Op. cit.

⁴⁰⁷Op. cit.

⁴⁰⁸Op. cit.

⁴⁰⁹PEREIRA, Adriano Alves. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 05/05/ 2016. In: **Acervo do GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

Para Rudé, as lutas sociais mais resistentes na Europa da época Moderna eram protagonizadas pelos trabalhadores especializados reunidos a partir de sindicatos fortes⁴¹⁰. Essa situação não era incomum em junho de 2013, pois os sindicatos mais resistentes estavam organizados pelos trabalhadores especializados, a exemplo dos profissionais da educação. Categoria formada por professores independentes ou vinculados a partidos políticos ou a coletivos anarquistas. Silva, professor da rede municipal e militante anarquista, por exemplo, participou das manifestações de junho e, quando entrevistado sobre sua participação nesse fenômeno, ele afirmou: “toda e qualquer manifestação popular a gente sempre teve acompanhando e sempre se dispôs a participar”⁴¹¹.

Quando indagado sobre o tema da educação nas manifestações de junho, Silva ainda respondeu: “a gente discutiu a questão da educação com pessoas que tinham experiência, ao longo de muitos anos, seja na luta sindical e aí a gente sentou com o pessoal do Sinteal, a gente sentou com o pessoal do Sindiprev”⁴¹². Na sua narrativa percebe-se que quando se tratava de tentar fortalecer as manifestações de junho, os sindicatos com maior trajetória de resistência eram procurados para dialogar.

Assim, o tema da educação durante as manifestações de junho esteve perpassado por muitos significados. Quando se tratava dos problemas estruturais da educação pública, as interpretações dos entrevistados variaram entre apontar as falhas da administração pública de Delmiro Gouveia ou questões relativas à formação dos professores, mas, quando se tratava da militância dos trabalhadores da educação, essa foi apontada como uma das únicas que durante anos conseguiu organizar manifestações de rua mais resistentes.

3.3.2. Fábrica da Peste

Chegando a Alagoas em novembro de 1902, em janeiro de 1913 Delmiro inaugura a primeira usina hidroelétrica do Nordeste (Usina Anguiquinho) e, em 5 de junho de 1914, o sertão tem instalada, em inauguração festiva, com o deslumbramento dos sertanejos, sua primeira indústria, a fábrica de linhas da Pedra, também a primeira da América Latina.⁴¹³

A citado acima trata de dois eventos que marcaram o Sertão Alagoano no início do

⁴¹⁰RUDÉ, George. “Disputas trabalhistas na Inglaterra do século XVIII”. In: **A Multidão na História: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848**. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 1964, p.71.

⁴¹¹SILVA, Uedson José da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 08/10/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouvias/Alagoas.

⁴¹²Op. cit.

⁴¹³NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. “Fábrica da Pedra: O contraponto de Pedro Motta Lima aos escritos sobre uma indústria no Sertão”. In: LIMA, Pedro Motta. **Fábrica da Pedra**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013, p.288.

século XX, a criação da Usina Anguinho, localizada na divisa do estado de Alagoas com o estado da Bahia, e a criação da Companhia Agro Fabril Mercantil, posteriormente denominada Fábrica da Pedra. Para Nascimento⁴¹⁴, Lima⁴¹⁵ e Correia⁴¹⁶, a formação da cidade Delmiro Gouveia se confunde com a própria construção da mencionada usina e fábrica, empreendida pelo industrial Delmiro Gouveia que chegou ao Sertão de Alagoas no início do século passado⁴¹⁷.

A Fábrica da Pedra, construída pelos trabalhadores sob as ordens desse industrial, aparece em algumas obras historiográficas sobre industrialização no Sertão Alagoano, a exemplo do estudo de Correia. A referida fábrica provocou o desenvolvimento da cidade no torno da fábrica. No ano de 2013, quase cem anos haviam se passado desde a criação da Fábrica da Pedra, mas, em alguns cartazes erguidos por pessoas que foram às ruas, durante as manifestações de junho, foi estampada a seguinte frase: “Fábrica da Peste”. Esta frase foi escrita em um cartolina ilustrada com o desenho da Fábrica da Pedra e exibida por uma pessoa que utilizava a máscara do personagem “V” do filme “V de vingança”. No desenho, a referida fábrica de tecidos aparecia como um símbolo de destruição, desmatando e emitindo gases poluentes.



Foto 21 -Manifestante segurando cartaz com o desenho da Fábrica da Peste, durante as manifestações de junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas.

Acervo: GEPHISC \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão.

⁴¹⁴Op. cit.

⁴¹⁵LIMA, Pedro Motta. **Fábrica da Pedra**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

⁴¹⁶CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão**. Campinas SP: Papyrus, 1998.

⁴¹⁷MAYNARD, Dilton. **O senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980)**. 2008. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

Este registro fotográfico, realizado por José Vieira da Cruz, pesquisador da Ufal/Campus do Sertão, chama a atenção por revelar as contradições do processo de industrialização, responsável pelo surgimento e desenvolvimento da cidade, mas que não compatibilizou ações de sustentabilidade ambiental e de combate à poluição. No cartaz, o funcionamento da fábrica implicava em degradação ambiental.

A degradação ambiental causada pela Fábrica da Pedra poluiu um riacho localizado em um dos bairros do município, o bairro Pedra Velha.⁴¹⁸ E, além da poluição deste riacho, ela era responsável por expelir fumaça e fuligem responsável por deixar o piso das casas, lojas e repartições públicas com aspecto escuro. Os efeitos dessa poluição contribuiu para a percepção negativa da fábrica nos protestos de junho ocorridos no Sertão de Alagoas.⁴¹⁹

A direção da Fábrica da Pedra, atualmente sob a direção Grupo Carlos Lyra, um dos maiores grupos empresariais em atividade no estado de Alagoas, no período das manifestações, concedeu uma entrevista na qual comentou que estava consciente da poluição ambiental e não pretendia fugir de sua responsabilidade⁴²⁰. O comentário do diretor da Fábrica da Pedra foi publicado no período em que a empresa estava sendo alvo de críticas, nas ruas da cidade Delmiro Gouveia. Mas, o cartaz com a frase “Fábrica da Peste” não estava nas ruas apenas por uma insatisfação com a poluição ambiental causada pela Fábrica da Pedra.

Como foi dito no primeiro capítulo, a máscara sorridente inspirada no personagem “V” do filme “V de vingança”, que está sendo usada pelo manifestante na imagem acima, foi utilizada por pessoas vinculadas ao coletivo anarquista de Delmiro Gouveia e por outros manifestantes, também com o objetivo de ocultar a identidade. Não seria surpresa, portanto, um cartaz com a frase “Fábrica da Peste” sendo erguido por anarquistas desta cidade, uma vez que as relações de trabalho na Fábrica da Pedra, poderiam também ter inspirado a produção deste cartaz. Isso porque, as relações de trabalho trazidas com a construção da Fábrica da Pedra, aparentemente não trouxeram apenas melhorias para os trabalhadores, pois o projeto de industrialização idealizado por Delmiro Gouveia floresceu em meio a um processo de disciplinar do trabalhador⁴²¹.

⁴¹⁸SANTOS, José Ferreira dos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 16/02/2016. In: Acervo do GEPHISC/Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

⁴¹⁹LIMA, Pedro Motta. **Fábrica da Pedra**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

⁴²⁰ SANTOS, José Ferreira dos. “Fábrica da Pedra apresenta plano de combate a poluição”. In: **FerreiraDelmiro.com**, publicado em 25/06/2013. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/fabrica-da-pedra-apresenta-plano-de.html>>. Acessado em: 15/05/2015.

⁴²¹CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão**. Campinas SP: Papirus, 1998.

Essa Fábrica foi construída sob o signo da obediência ao patrão, pois⁴²² ele negociava, a seu modo, suas regras com os trabalhadores⁴²³. O patrão tinha controle sobre a vida dos trabalhadores dentro e fora do ambiente de trabalho. Assim, a disciplinarização do trabalhador, que o industrial Delmiro Gouveia trouxe para o Sertão, no início do século XX, esteve marcada por punições. Caso as regras do patrão fossem negligenciadas pelos trabalhadores, eles seriam punidos de diferentes formas⁴²⁴. E, essas punições variavam entre a perda do emprego, da casa, do direito a manter seus filhos na escola e até castigos físicos⁴²⁵.

Em junho de 2013, embora as relações de trabalho na Fábrica da Pedra não se configurassem da mesma forma daquela existente no início do século XX, elas também inquietavam os manifestantes de junho, sobretudo, aqueles que pintaram ou ajudaram na produção do cartaz com a frase “Fábrica da Peste”, pois embora o desenho feito neste cartaz mostre apenas uma fábrica poluindo o meio ambiente, ele traz um sentido polissêmico quando percebemos as pessoas que o ergueram sob o manto do anonimato da máscara do personagem “V”.

3.4. DAS MÍDIAS SOCIAIS ÀS RUAS DO SERTÃO

As revoluções de atualmente contam com teias de divulgação que correm em múltiplas direções, que as de antigamente não conheceram. Cidade e *internet* se projetam uma na outra, de forma a fazer crescer em progressão geométrica as visões e os meios⁴²⁶.

Desde os anos 90, transformações no campo virtual modificaram a relação da sociedade com a comunicação e a informação⁴²⁷. Nesse contexto, as relações sociais ficaram conectadas por uma teia com múltiplas direções, como destacou Cavalcanti e Fontanetto na epígrafe acima. A proliferação de sites e blogs na Web diluíram as barreiras que separavam os homens daquilo que Lévy chamou de realidade virtual, estimulando a criação de uma cultura pautada na lógica do compartilhamento de informação⁴²⁸.

Este compartilhamento alcançou as pessoas do centro à periferia, contribuindo para

⁴²²Op. cit.

⁴²³Op. cit.

⁴²⁴Op. cit.

⁴²⁵Op. cit.

⁴²⁶CAVALCANTI, Cecília C. B.; FONTANETTO, Renata M. B.. “A cidade na era da cultura de redes: uma análise da mídia sobre as Manifestações de Junho de 2013 no Rio de Janeiro”. In: **ALAIC**. Peru, 2014.

⁴²⁷LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo. Ed.34,1996.

⁴²⁸Op. cit.

criação de diversas redes virtuais⁴²⁹. Essas redes formaram espaços de interação para os mais variados grupos, entretanto, foram perpassadas por relações de poder, pois, além de “cada rede ter sua própria dinâmica, e isso está ligado de alguma maneira a própria arquitetura da tecnologia sobre a qual é construída a interação social,”⁴³⁰ ideologias e interesses políticos também circulam nestas conexões.

O *Facebook*, rede social usada por milhares de pessoas durante as manifestações de junho de 2013, por exemplo, não foi uma rede projetada apenas para manter indivíduos conectados no ambiente virtual⁴³¹. Ela, ao se tornar um espaço de alimentação contínua, objetivando fortalecer cada vez mais as conexões através dos dados postados no *timelin*,⁴³² consolidou-se também como um ambiente para manifestações políticas diversas.

Quando as manifestações pela redução no valor da tarifa do transporte público em São Paulo e no Rio de Janeiro, foram deflagradas em junho de 2013, esse acontecimento se espalhou rapidamente pelas redes sociais, permitindo o compartilhamento de diferentes ideias e interesses políticos. E, em poucos dias, o *Facebook* tornou-se um espaço comum no ambiente virtual, para os partidos políticos, o movimento estudantil e os coletivos anarquistas, que passaram a disputar o sentido das manifestações de junho.

3.4.1. A associação das multidões

Não são apenas os meios de informação e comunicação responsáveis por definir a permanência de uma manifestação de rua, pois, desde quando surgiram esses fenômenos, os motivos para a deflagração dos protestos de rua oscilam em diferentes contextos. Como destacou Rudé, a multidão reunida em torno de um objetivo é a expressão de uma vontade comum⁴³³ e, portanto, não decorre apenas devido aos meios de informação.

O tempo para o surgimento e duração das manifestações de rua, entretanto, também é um reflexo do uso dos meios de informação e comunicação. A esse respeito, quando estudou os movimentos populares na França e na Inglaterra, entre 1730-1848, Rudé revelou que o

⁴²⁹ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. In: **Anais eletrônicos do X Encontro Estadual de História**. O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o Regional e o Nacional. Santa Maria: UFSM, 2010.

⁴³⁰MARTINO, Luís Mauro. “Alguns conceitos iniciais”. In: **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p.56.

⁴³¹Op. cit.

⁴³²MARTINO, Luís Mauro. “A capacidade das conexões em rede: o experimento de Sacks e Graves”. In: **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

⁴³³RUDÉ, George. **A Multidão na História: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1964.

tempo de duração desses movimentos eram extensos e geralmente duravam semanas, meses ou anos⁴³⁴. Por um lado, essa demora ocorria devido às próprias condições políticas e econômicas dos moradores destes dois países, mas, por outro lado, também era consequência da dificuldade para conseguir informações rápidas.

Segundo Rudé, algumas manifestações de rua no século XVIII “em geral, seguiam o curso dos rios ou os atravessaram em pontos estratégicos, disseminando-se a partir de uma cidade mercado para a cidade seguinte e abrindo-se em leque dos lados dos rios até as fazendas e aldeias do campo próximo”⁴³⁵. Assim, as notícias sobre os motins se espalhavam na medida que as agitações atingiam os mercados e as aldeias. Não era um processo rápido e dependia das ocupações em cada local.

Durante as manifestações de junho em Delmiro Gouveia, a rapidez da circulação das informações sobre o que estava ocorrendo em São Paulo e no Rio de Janeiro foi um fenômeno tão relevante, que um militante afirmou: “as multidões pareciam estar mais interessadas em reclamar por problemas que não surgiram nesta cidade”⁴³⁶. O militante percebeu a diversidade de temas na rua em junho de 2013 como algo preocupante, pois, em sua interpretação, a ação da multidão parecia um carnaval ocasionado pela cobertura jornalística da grande mídia e pelo uso das redes sociais⁴³⁷.

A velocidade da circulação das informações foi decisiva para a deflagração das manifestações de junho em diversas cidades do país, inclusive em Maceió e em Delmiro Gouveia, como também para a difusão da ampla agenda de reivindicações dos protestos de rua. Os cartazes nas fotos abaixo destacam algumas destas reivindicações.

⁴³⁴Op. cit.

⁴³⁵Op. cit, p.25.

⁴³⁶ SILVA, Uedson José da. Entrevistado por José Vieira da Cruz em 14/ 11/ 2014. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

⁴³⁷Op. cit.

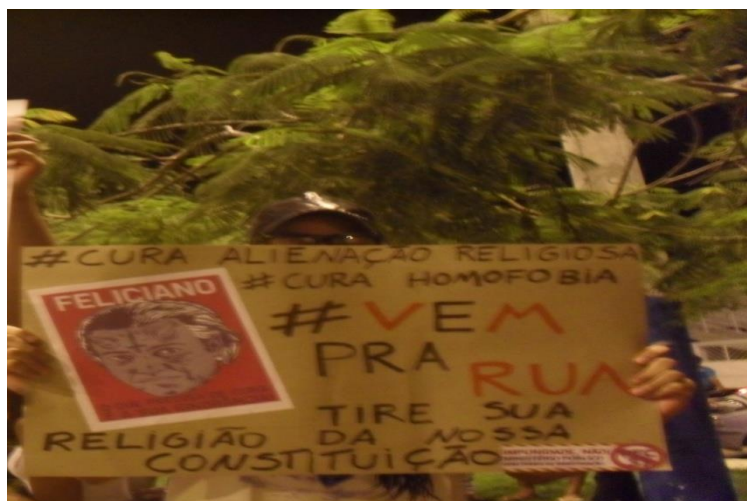


Foto 22 - Manifestante segurando cartaz com protesto contra o deputado Marcos Feliciano, durante as Manifestações de Junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas.

Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão.



Foto 23 -Manifestante segurando cartaz com protesto contra a Proposta de Emenda Constitucional nº37, durante as Manifestações de Junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas.

Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão.

Esses registros fotográficos, realizados por José Vieira da Cruz, pesquisador da Ufal/Campus do Sertão, durante as manifestações de junho de 2013, destacam a preocupação dos manifestantes com a questão da homofobia e com a questão do combate a corrupção. Temáticas que não faziam referência apenas aos problemas locais, mas mostravam está em sintonia com os cartazes com a temática da “PEC-37” e do “Fora Feliciano”,

presentes em São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades do país⁴³⁸.

A presença destes temas nos cartazes das manifestações de junho no Sertão refletia também a cobertura que a grande mídia e as redes sociais já vinham promovendo, desde os primeiros meses do ano de 2013, sobre uma Proposta de Emenda Constitucional de 2011 (PEC-37), que dispensava o Ministério Público do processo de investigações criminais⁴³⁹. Esta notícia divulgada na TV, em jornais, revistas, em sites e blogs, causou grande consternação social, pois propagou a ideia de que a punição aos políticos corruptos acabaria⁴⁴⁰.

A respeito dessa Proposta de Emenda Constitucional, Lessa afirmou que a grande mídia ao noticiá-la provocou um grande debate sobre o papel da polícia judiciária (Polícia Federal e policiais civis) e do Ministério Público (MP) no âmbito da investigação criminal⁴⁴¹. Para Lessa, a grande mídia criou um pensamento negativo entre as massas sobre a PEC-37⁴⁴², contribuindo muito pouco para a compreensão dessa proposta que foi levada às ruas pela multidão em junho de 2013. Um debate pouco aprofundado e estigmatizado por adjetivações e debates aligeirados.

Outra notícia divulgada também na TV, nos jornais, nos sites e nos blogs que causou inquietação, refere-se ao Projeto de Lei (PL) conhecido como “Projeto de Cura Gay”. Este projeto foi retomado nos primeiros meses do ano de 2013, pelo então presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, o deputado Marcos Feliciano filiado ao Partido Social Cristão do Estado de São Paulo (PSC-SP). Desde quando assumiu o cargo de presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara (CDHM), Feliciano passou a enfrentar protestos sendo acusado de racismo e homofobia⁴⁴³.

Quando a grande mídia divulgou o referido Projeto de Lei, que Feliciano afirmava ter criado para as pessoas discutirem suas dúvidas sobre sexualidade com um profissional capacitado da área médica⁴⁴⁴, essa proposta criou um sentimento de indignação, sobretudo,

⁴³⁸UOL Notícias. Protesto contra a PEC-37 reúne 30 mil em São Paulo, diz PM. In: **UOL Notícias**, publicado em 22/06/2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/22/protesto-contra-a-pec-37-reune-30-mil-em-sao-paulo-diz-pm.htm>>. Acessado em 15/05/2015.

⁴³⁹LESSA, Rafael Branco. A Mídia e a PEC 37: investigação criminal na ordem do dia. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação Regional. Águas Claras/DF, 2014, p.1-11.

⁴⁴⁰Op. cit.

⁴⁴¹Op. cit.

⁴⁴²Op. cit.

⁴⁴³FALCÃO, Márcio. “Marco Feliciano ameaça “rebelião” se governo interferir no projeto “cura Gay””. In: **Folha de São Paulo**, 19/06/2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1297589-feliciano-nega-provocacao-as-manifestacoes-e-recomenda-juizo-a-maria-do-rosario.shtml>>. Acessado em 13/03/2015.

⁴⁴⁴Op. cit.

entre a comunidade e os movimentos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgênicos(LGBTT) de todo o país, inclusive, na cidade Delmiro Gouveia⁴⁴⁵.

Em Delmiro Gouveia, como nas demais cidades, as manifestações de junho absorveram um grande número de insatisfações. Dentro desta perspectiva, uma heterogeneidade de temas foram difundidos e diluídos nas manifestações de rua. Nesse sentido, a grande mídia e as redes sociais representaram aquilo que Canetti designou por cristais de massa⁴⁴⁶, ou seja, foram usadas com a intenção para dar ênfase a algumas questões. Elas construíram um movimento, marcaram posições e moveram a multidão⁴⁴⁷.

Os estudantes secundaristas e universitários e os militantes de diferentes organizações políticas discutiram sobre as manifestações de junho, informaram e convidaram a multidão que protestava nas ruas através das redes sociais, em particular, por meio do *Facebook*. A imagem abaixo, por exemplo, é um convite divulgado na referida rede social:



Foto 24 -Convite compartilhado no *Facebook* por Uedson José da Silva dia 25/06/2013, para informar e convidar pessoas para mais um protesto de rua, durante as manifestações de junho de 2013, na cidade Delmiro Gouveia/Alagoas.

Acervo: **GEPHISC** \Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão.

Esse cartaz foi compartilhado no *Facebook* para a realização da segunda manifestação de junho em Delmiro Gouveia. Diferentemente do primeiro convite, exposto no início deste capítulo, esse segundo convite foi produzido por um estudante da Ufal/Campus

⁴⁴⁵SANTOS, José Ferreira dos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 16/02/2016. In:Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia- Alagoas.

⁴⁴⁶CANETTI, Elias. "A massa". In: **Massa e poder**. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 74.

⁴⁴⁷Op. cit.

do Sertão⁴⁴⁸. Antes da publicação deste convite, as postagens no *Facebook*, entretanto, já eram inquietantes, pois, desde o dia 14 de junho de 2013, os moradores de Delmiro Gouveia usaram esta rede social como meio para externar sentimentos diversos, e para manifestar apoio a algumas pautas de reivindicação que estavam sendo destaque nas manifestações de junho deflagradas em outras cidades.

Segundo Maradei, este tipo de situação ocorreu em razão da cobertura oferecida pela grande mídia às manifestações de junho⁴⁴⁹. A este respeito, até o dia 11 de junho de 2013, a imprensa de São Paulo noticiou o embate entre o Estado e os cidadãos, dando cobertura a ação policial⁴⁵⁰. E, entre os dias 06 e 13 de junho de 2013, o jornal “O Estado de São Paulo” e o “Jornal Nacional” da Rede Globo, a exemplo, só tinham olhos para a destruição e buscaram caracterizar os atos das multidões como vandalismo⁴⁵¹.

Essas notícias correntes na grande mídia foram comentadas nas redes sociais. Luana Queiroz, estudante do curso de História da Ufal/Campus do Sertão, compartilhou no dia 14 de junho de 2013 no *Facebook*, uma mensagem de apoio aos manifestantes, atingidos pela repressão policial, nas manifestações ocorridas em São Paulo e no Rio de Janeiro⁴⁵². Ela compartilhou o seguinte comentário: “o país estava assistindo a uma guerra, na qual de um lado havia guerreiros lutando contra o aumento absurdo das passagens e, do outro, lá estavam os homens de fardas reprimindo as manifestações”⁴⁵³.

A publicação de Luana Queiroz ocorreu logo após a grande mídia ter modificado a cobertura jornalística a respeito das manifestações de junho. Algumas mensagens compartilhadas no *Facebook*, portanto demonstravam que os participantes das redes sociais também acompanhavam de forma crítica a forma como a grande mídia noticiava os fatos relacionados aos protestos de junho. A esse respeito, Silva afirmou: “A mídia tem a capacidade de pautar determinadas coisas, então, de repente tava todo mundo falando de determinado assunto, tava todo mundo preocupado com o que tava acontecendo no

⁴⁴⁸CONCEIÇÃO, Larissa Lisboa da. Entrevistada por Sara Angélica Bezerra Gomes em 19/05/2016. In: Acervo: Sara Angélica Bezerra Gomes.

⁴⁴⁹MARADEI, Anelisa. Folha de S. Paulo e a cobertura dos protestos do MPL. In: **Intercom**– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, 2013.

⁴⁵⁰Op. cit.

⁴⁵¹Op. cit.

⁴⁵²QUEIROZ, Luana. **Página pessoal no Facebook de Luana Queiroz**. Publicado em 14/06/2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/luana.queiroz.10?fref=ts/>. Acessado em 22/12/2013.

⁴⁵³Op. cit.

congresso”⁴⁵⁴.

O que a grande mídia divulgava ressoava nas redes sociais. E, ela aparentemente dividia opiniões no ambiente virtual, quando denegria ou elogiava a atuação da multidão nas ruas. Os professores da Geografia Felipe Silva e Gustavo Campos, por exemplo, compartilharam as seguintes expressões no *Facebook*, entre os dias 18 e 19 de junho de 2013, para demonstrar apoio aos manifestantes que estavam sendo presos, acusados de vandalismo e agredidos pela polícia:

O Brasil, que estava deitado eternamente em berço esplêndido, está acordando, que esse Brasil saia do sono e comece a agir igual fermento na massa, fazendo o país crescer.⁴⁵⁵

Vandalismo é o que fazem com seu pai na fila do médico. Destruição é o que fazem com a sua família quando seu filho morre em mais um assalto à mão armada. Violência é quando um professor tem redução de salário. O nome disso aqui é FÚRIA. O nome desse ônibus queimado é: EU EXISTO E NÃO SOU OTÁRIO. Escândalo é o salário e benefícios desses senhores ser pago com os meus míseros vinte centavos a mais.⁴⁵⁶

A partir do dia 14 de junho de 2013, paralelamente a mudança na cobertura da grande mídia sobre as manifestações de junho, houve também um aumento das publicações nas redes sociais. Mas, mesmo depois da proliferação de sites e blogs, a cobertura jornalística da grande mídia ainda parecia possuir grande credibilidade para incitar as manifestações de junho. Por essa razão, essas publicações no *Facebook* que pareciam acompanhar o movimento da grande mídia, enquanto para alguns militantes representava a ausência de consciência política sobre a real situação do Brasil⁴⁵⁷, para outros, desmascaravam práticas corriqueiras deste meio de informação⁴⁵⁸.

Mas a grande mídia não era a única que tinha algo para dizer sobre essas manifestações, embora tenha sido importante para marcar posições e destacar alguns temas. Nas redes sociais, o compartilhamento de informação pelos moradores da cidade Delmiro Gouveia, era uma reação quase imediata depois que a grande mídia divulgava suas notícias. E,

⁴⁵⁴SILVA, Uedson José da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 08/10/ 2015. In: Acervo do GEPHISC\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

⁴⁵⁵SILVA, Felipe Ferreira da. **Página pessoal no Facebook de Felipe Ferreira**. Publicado em 18/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/felipe.ferreira.1654?fref=ts>>. Acessado em 22/12/2013, às 12h:20 min.

⁴⁵⁶CAMPOS, Luis Gustavo. **Página pessoal no Facebook de Luis Gustavo Campos**. Publicado em 18/06/2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/luizgcampos?fref=ts/>>. Acessado em 22/12/2013, às 10h:50 min.

⁴⁵⁷SILVA, Uedson José da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 08/10/ 2015. In: Acervo do GEPHISC\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

⁴⁵⁸ALMEIDA, João Carlos de. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do GEPHISC\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia - Alagoas.

embora as redes sociais não oferecessem a mesma unidade política da grande mídia, ou seja, a possibilidade de garantir o posicionamento político de apenas um grupo, elas permitiam visualizar as estratégias de diversos grupos políticos.

Em alguns momentos, o uso das redes sociais, sobretudo, do *Facebook*, causou desdobramentos desfavoráveis para alguns grupos, pois, embora alguns pesquisadores afirmem que no espaço virtual todos os usuários estão em pé de “igualdade”, como ressaltou Martino,⁴⁵⁹ ele foi usado também como um meio desfavorável durante as manifestações de junho, principalmente, para a atuação dos partidos políticos de esquerda.

Se por um lado, o uso das redes sociais muitas vezes contribuía para deslegitimar alguns discursos da grande mídia, por outro, ela dava vez e voz a uma multidão que corroborava com os argumentos dos partidos políticos de direita e com o debate sobre o antipartidarismo, que não parece ter sido positivo naquele contexto. Essa multidão reproduzia frases, textos, slogans e imagens que ajudavam os grupos de direita, deixando espaço para uma disputa política pelo sentido das manifestações de junho não construtiva para os grupos de esquerda⁴⁶⁰.

O uso das redes sociais, portanto, teve um significado importante em junho de 2013. Na cidade Delmiro Gouveia, elas parecem ter contribuído para a multidão destacar problemas que não surgiram nesta cidade, mas também para deflagrar um fenômeno polissêmico, com várias lideranças. Provavelmente foi também o uso das redes sociais e a atuação da grande mídia que ajudou os moradores desta cidade sertaneja, em junho de 2013, a irem às ruas com propósitos estabelecidos, dentre eles, criticar o poder público municipal, os partidos políticos e estampar em cartazes uma mistura de temas que não se resumiam a questão do transporte público e da agenda local⁴⁶¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Ciência dos homens", dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: "dos homens, no tempo"⁴⁶².

⁴⁵⁹MARTINO, Luís Mauro. “Como as redes crescem: a perspectiva de Albert-László Barabási”. In: **Teoria das Mídias Digitais**: Linguagens, ambientes e redes. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p.79.

⁴⁶⁰MELO, Demian Bezerra de. A direita ganha as ruas: elementos para um estudo das raízes ideológicas da direita brasileira. In: **Niep Marx**. Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente. Universidade Federal Fluminense. Niterói- RJ, 2015, p.1-14.

⁴⁶¹Ver: Acervo de fotografias do projeto “Vozes do Ser-tão nas tramas de Mnemósine: fontes orais para História Contemporânea em Alagoas”, vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa História, Sociedade e Cultura - GEPHISC/PPGH/UFAL.

⁴⁶² BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 55.

A história não é a ciência do passado, mas a ciência que estuda os homens no tempo, afirmou o historiador Marc Bloch⁴⁶³. Gostaríamos de iniciar as considerações finais com este pensamento, porque como ressaltou Ferreira, os eventos cuja proximidade temporal coincidissem com o tempo de vida do historiador foram negligenciados durante décadas pela História⁴⁶⁴. Essa negligência consentiu que o estudo dos eventos recentes ficasse a critério dos jornalistas e sociólogos, cujo trabalho não depende da noção de tempo histórico⁴⁶⁵.

Mas, conforme Bloch, mesmo os melhores jornalistas permanecem "colados" ao acontecimento quando estudam eventos recentes⁴⁶⁶. E, ainda segundo este historiador, a ausência de interpretações que estabeleçam relações entre os eventos imediatos com as causas passadas compromete a compreensão e a própria ação das sociedades no presente⁴⁶⁷. Essas reflexões inspiraram a construção desta dissertação, embora o que esboçamos aqui sobre as manifestações de junho de 2013 no estado de Alagoas não sejam conclusões definitivas.

Esperamos, em primeiro lugar, que esta dissertação tenha demonstrado como qualquer tipo de multidão pode, excepcionalmente, ser considerado material adequado na História⁴⁶⁸; e como um acontecimento que coincide com o tempo de vida do historiador também pode ser objeto de estudo da História. As interpretações escolhidas para serem analisadas neste trabalho não esgotam todos os aspectos das manifestações de junho em Alagoas. Muitas questões que perpassaram essas manifestações na cidade de Maceió, no litoral deste estado, e em Delmiro Gouveia, no Sertão, ainda merecem muita atenção dos historiadores, uma vez que esse fenômeno revelou significados importantes para compreender os movimentos sociais contemporâneos, o papel das mídias nos movimentos contemporâneos, as relações de poder e as disputadas políticas neste estado.

Quando decidimos estudar esse fenômeno ocorrido nas cidades Maceió e Delmiro Gouveia, nos deparamos com alguns entraves teóricos e metodológicos e, até o término desta dissertação, percebemos que as manifestações de junho estiveram marcadas por diferentes interesses e significados. No estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, entre

⁴⁶³Op. cit.;p.52.

⁴⁶⁴FERREIRA, Marieta de Moraes. "História, tempo presente e história oral". In: **Topoi**. Rio de Janeiro, dezembro 2002, p.314-332.

⁴⁶⁵Op. cit.

⁴⁶⁶BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.17.

⁴⁶⁷Op. cit.;p.63.

⁴⁶⁸RUDÉ, George. **A Multidão na História: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848**. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 1964, p.2.

outros, as manifestações de junho rapidamente ganharam notoriedade nos telejornais e nas redes sociais. Mas, em cada cidade brasileira, diferentes pautas de reivindicação, palavras de ordem, estratégias de ação direta nas ruas e divergências políticas marcaram a deflagração dessas manifestações.

O descontentamento com o sistema econômico e político, com o aumento na tarifa do transporte público, com a atuação dos partidos políticos, dos coletivos anarquistas e do movimento estudantil universitário e secundarista marcou a construção de um fenômeno multicêntrico em junho de 2013. Esta dissertação, desse modo, procurou estudar os sentidos desse fenômeno a partir desses descontentamentos e de outras questões surgidas no decorrer das manifestações de junho, nas duas cidades alagoanas citadas acima.

Com esta dissertação que foi dividida em três capítulos chegamos a algumas considerações. No primeiro capítulo intitulado “Manifestações de Junho de 2013 nas cidades Delmiro Gouveia e Maceió: um fenômeno multicêntrico”, discutimos os possíveis motivos que deram origem as manifestações de junho no Brasil, dentre eles, o aumento no valor da tarifa do transporte público no estado de São Paulo. Nesta primeira parte, ao destacarmos como as manifestações de rua na região Sudeste inspiraram a multidão em Alagoas a deflagrar manifestações de rua em junho de 2013, percebemos muitas divergências.

Essas divergências surgiram primeiramente porque à reivindicação relacionada ao transporte público apresentou um perfil diferente no estado de Alagoas em junho. Neste estado, nas cidades de Delmiro Gouveia e de Maceió, a multidão foi às ruas com pautas de reivindicação divergentes relacionadas à tarifa do transporte público. Isso porque em Maceió não ocorreu aumento na tarifa nesse período; e em Delmiro Gouveia não havia transporte público regularizado.

Nas cidades paulistanas, enquanto os R\$ 20 (vinte centavos) de aumento no valor da tarifa do transporte atribuiu um forte sentido econômico as manifestações ocorridas nos primeiros dias de junho, nas cidades alagoanas esse não parece ter sido o sentido preponderante. As manifestações de junho nestas cidades foram deflagradas por motivos diversos, mas, principalmente, porque ambas possuíam uma base militante consolidada, ou seja, grupos políticos que há anos atuavam nestes lugares.

Nesse sentido, provavelmente não foi apenas o aumento no valor da tarifa do transporte público em São Paulo ou a cobertura jornalística da grande mídia e o uso das redes sociais que levou milhares de pessoas as ruas em Alagoas, mas também as lideranças desses grupos políticos que mantinham contato com militantes de outros estados e pareciam ter

construído uma rede de solidariedade e luta em junho de 2013.

A presença desses grupos políticos nas ruas da capital alagoana e na cidade de Delmiro Gouveia acentuou a criação de sentimentos negativos entre a multidão. Nesse contexto, alguns temas ganharam centralidade na grande mídia e nas redes sociais como o argumento do antipartidarismo. Em Alagoas, o antipartidarismo ganhou notoriedade em momentos específicos. Na cidade Maceió, por exemplo, essa questão possivelmente foi acentuada depois da segunda manifestação de rua, dia 17 de junho de 2013, depois de uma disputa nas ruas pela retirada das bandeiras dos partidos políticos.

Na cidade de Delmiro Gouveia, por outro lado, o antipartidarismo provavelmente teve início logo após a primeira manifestação de rua, dia 20 de junho de 2013, devido à atuação dos anarquistas. Em ambas as cidades, o argumento do antipartidarismo, entretanto, não parece ter sido consequência apenas da atuação da grande mídia. Essa questão aparentemente ganhou importância entre a multidão também em função da atuação de alguns coletivos como o Movimento Passe Livre (MPL), *Anonymouse* dos grupos *Black Bloc*.

Em Alagoas, não havia liderança regional do MPL em junho de 2013 e diversas pessoas usaram a máscara usada pelos ativistas do coletivo *Anonymous*, ou usaram trajes pretos e máscara feita de pano ou capuz, inspiradas no coletivo *Black Bloc*. Essas pessoas mascaradas estavam em toda parte, construindo um movimento multifacetado.

A máscara do *Anonymous* provavelmente não estava sendo usada por pessoas que possuíam as habilidades de hacker dos integrantes deste coletivo. E, as pessoas que estavam disfarçadas com trajes típicos do *Black Bloc* possivelmente não formavam apenas um coletivo com a tática de luta dos *Black Bloc*

No segundo capítulo intitulado “A Manifestação de Junho em Maceió”, percebe-se que na capital do estado de Alagoas as manifestações de junho apresentaram um perfil diferente em relação àquele que marcou esse fenômeno no Sudeste do Brasil. Essa diferença estava nas pautas de reivindicações, na cobertura jornalística da grande mídia, na militância dos grupos envolvidos e em muitas questões controversas surgidas no decorrer dessas manifestações.

Essas diferenças ficaram percebíveis ao analisarmos as interpretações a respeito dessas manifestações, publicadas pela grande mídia de Maceió e produzidas por militantes vinculados a distintos grupos políticos. Essas interpretações revelaram um fenômeno peculiar, multicêntrico e marcado por disputas políticas. O jornal *Gazeta de Alagoas*, a esse respeito, parece ter contribuído para acentuar disputas pelo sentido das vozes nas ruas, quando realizou

a cobertura das manifestações de junho e decidiu destacar falas, argumentos e ideias que geraram controvérsias, como a ideia do antipartidarismo.

O argumento do antipartidarismo na capital alagoana foi construído aos poucos entre a multidão. Ele, entretanto, revelou muitas contradições entre os militantes das organizações de esquerda e colaborou para a dispersão das manifestações de junho. Esses militantes quando a questão do antipartidarismo se aprofundou se dispersaram e cada partido de esquerda decidiu agir por si e a seu modo, para disputar através do carro do som, das reuniões e do *Facebook*, a atenção da multidão, culpando o Partido dos Trabalhadores (PT) ou a cobertura jornalística da grande mídia pela aversão aos partidos políticos.

Quando o argumento do antipartidarismo se aprofundou, as manifestações em Maceió estavam se expandindo. Nesse contexto, diversas pessoas mascaradas com roupas pretas e capuz ou com a máscara sorridente inspirada no personagem “v” do filme “V de Vingança”, ganharam notoriedade nas ruas e nos jornais. Conforme os militantes do PCB, PSTU, PCR e CAZP, entrevistados para esta pesquisa, esses mascarados representavam atitudes individualistas ou anarquistas, mas não existia uma única definição a respeito de quem eram os mascarados.

Para esses militantes, os mascarados estavam vinculados aos coletivos *Anonymous* e *Black Blocs* e apresentaram táticas de luta e resistência, que acentuou o discurso do antipartidarismo, pois não apoiavam os partidos de esquerda e deixavam brechas para disputas. Mas os mascarados parecem ter contribuído para a construção de diferentes formas de manifestação em junho de 2013.

Alguns manifestantes em junho, mascarados ou não, formaram um movimento com um sentido diferente daquele que aparentava ser. Muitas reivindicações levadas às ruas por esses manifestantes, por exemplo, não buscavam mediação política com as instituições governamentais. Isso ficou visível quando se tratava das reivindicações voltadas para os setores sociais.

Quando se tratava dos problemas nos setores sociais administrados pelo Estado, alguns manifestantes, principalmente àqueles vinculados ao “Movimento Caras-Pintadas”, não pareciam buscar mediação política para resolver esses problemas. Eles apenas criticavam os governos ou queriam se expor nas ruas. Mas, por outro lado, quando os problemas nos setores sociais entravam na pauta de reivindicação de algumas organizações de esquerda, eles eram apresentados de forma pontual, visando mediação política com o governo.

Desse modo, percebe-se que as manifestações de junho em Maceió e muitas pautas

de reivindicação levadas às ruas por uma multidão em alguns momentos, estiveram relacionadas à construção de movimentos sociais antagonistas, ou seja, movimentos que trazem temas, conteúdos e interesses diversos e não estão limitados a mediação política.

No terceiro capítulo intitulado “Fases das Manifestações de Junho no Sertão”, discutimos a respeito de algumas reivindicações e sobre a atuação de alguns grupos políticos nas manifestações de junho na cidade Delmiro Gouveia, como o grupo dos anarquistas. Neste capítulo, também discutimos sobre o processo de unificação da luta em torno do transporte público e destacamos a importância das redes sociais e da cobertura jornalística da grande mídia.

No contexto daquelas manifestações, percebemos que os anarquistas possivelmente ganharam mais destaque durante o fenômeno de junho em Delmiro Gouveia, porque eles representavam a base militante mais articulada em termos de manifestações de rua e também porque souberam usar a seu favor o argumento do antipartidarismo que ganhou relevância nas redes sociais e nas ruas.

Em relação à participação do coletivo MPL durante as manifestações de junho nesta cidade sertaneja, identificamos que mesmo sem uma liderança regional deste coletivo em Alagoas, a pauta de reivindicação defendida por ele na região Sudeste durante o fenômeno de junho, contribuiu para reunir a multidão de Delmiro Gouveia em torno de um sentimento de solidariedade e luta pela regularização do transporte público no sertão.

Embora alguns anarquistas entrevistados para esta pesquisa tenham aparentemente tentado ofuscar a importância do coletivo MPL no contexto de junho nesta cidade sertaneja, as reivindicações defendidas por esse coletivo tiveram relevância nas mídias e nas ruas, sobretudo no Sertão de Alagoas. Isso porque nesse lugar havia um público aflito com o problema no setor da mobilidade urbana, o qual se identificou com o tema do Passe Livre. Inspirados na luta pelo não aumento no valor da tarifa em junho de 2013, deflagrada inicialmente no estado de São Paulo, os manifestantes em Delmiro Gouveia descortinaram problemas do passado mal resolvidos em relação à mobilidade urbana no Sertão.

E, além da questão da mobilidade urbana, os temas da educação e da Fábrica da Pedra também formaram um conjunto de protestos. Esses dois temas estiveram nas ruas de maneiras diversas. E as interpretações a respeito desses temas variavam de acordo com os grupos sociais participantes. Anarquistas, professores, estudantes, militantes vinculados a partidos políticos, por exemplo, apresentaram interpretações diferentes para explicar a presença do tema da educação e da Fábrica da Pedra nas ruas em junho, revelando um

fenômeno social que inter-relacionou gerações em torno de problemas mal resolvidos.

Por último, a respeito da atuação da grande mídia e do uso das redes sociais, percebemos que durante as manifestações de junho, a grande mídia e a mídia social estavam funcionando em ritmos distintos. Elas foram usadas para a reprodução das relações de poder, sendo aproveitadas para inflamar as disputas políticas pelo controle da multidão. Naquele contexto, enquanto alguns manifestantes nas redes sociais procuravam deslegitimar a cobertura jornalística da grande mídia, outros manifestantes tentavam corroborar com alguns argumentos, como o argumento do antipartidarismo.

As manifestações de junho se encerraram deixando em aberto muitas situações do presente recente. Em nível nacional, regional e local, elas despertaram muitas polêmicas, catalisaram problemas antigos e chamaram a atenção dos governos federal, estadual e municipal, os quais foram criticados pelos manifestantes. Mas a história desse fenômeno, como dito anteriormente, não se encerra aqui. Desse modo, esperamos que esta dissertação contribua para despertar o interesse de outros pesquisadores para esse fenômeno multicêntrico, controverso e inquietante.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. “Histórias dentro de História”. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. In: **Anais eletrônicos do X Encontro Estadual de História**. O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o Regional e o Nacional. Santa Maria: UFSM, 2010.

ALZAMORA, Geane Carvalho; RODRIGUÉS, Tacyana Karinna Arce. “Fora Rede Globo”: a representação televisiva das “Jornadas de Junho” em conexões intermídia”. In: **Revista Ecopós** .V. 17 .N. 1.2014, p.1-12.

ARANTES, Pedro Fiori. “Da (Anti) Reforma urbana brasileira a um novo ciclo de lutas nas cidades”. In: SAMPAIO JR, Plínio de Arruda; Et al. **Jornadas de Junho**: a revolta popular em debate. ICP, São Paulo, junho de 2014.

ARSAL. Regulamento do Setor. Disponível em: <<http://www.arsal.al.gov.br/servicos/transporte/regulamentacao-do-setor>>. Acessado em 12/05/2015.

ASSEMBLEIA NACIONAL DOS ESTUDANTES LIVRES. Nossa História. In: **ANEL**. Disponível em: <<http://anelonline.com/historia>>. Acessado em 20/12/2015.

BADARÓ, Marcelo. “Junho de 2013: Eco das manifestações”. Entrevista com Marcelo Badaró [entrevista concedida à Viviane Tavares]. In: **Ecodebate**: cidadania e meio ambiente, 05/07/2013. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2013/07/05/junho-2013-eco-das-manifestacoes-entrevista-com-marcelo-badaro/>>. Acessado em 30/09/2013.

BBC. Organização de protestos pode indicar 'novidade' política no Brasil. Em **G1Brasil**, publicado 19/06/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/organizacao-de-protestos-pode-indicar-novidade-politica-no-brasil.html>>. Acessado em 20/12/2015.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BPURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CALIL, Gilberto. “Embates e disputas em torno das Jornadas de junho”. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 47, Ago. 2013, p.2-27.

CANETTI, Elias. A Massa. In: **Massa e Poder**. Tradução Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAPELATO, Maria Helena. “Imagens e espetáculos do poder”. In: **Multidões em cena: propaganda política no Vargasismo e no Peronismo**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CARVALHO, José Murilo de. “Cidadãos ativos: a Revolta da Vacina”. In: **Os Bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CAVALCANTI, Cecília C. B.; FONTANETTO, Renata M. B.. “A cidade na era da cultura de redes: uma análise da mídia sobre as Manifestações de Junho de 2013 no Rio de Janeiro”. In: **ALAIC**. Peru, 2014.

CHAUVEAU, Angés; TÉTART, Philippe. “Questões para a História do Presente”. In: **Questões para a história do presente**. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

COOPERATIVA dos Transportes Alternativos dos perueiros de Delmiro Gouveia a Paulo Afonso. Ofício para o prefeito Luis Carlos Costa, entregue em 27/02/2012. Documento assinado pelo diretor do Campus do Sertão em 18/04/2012. Acervo: Sara Angélica Bezerra Gomes.

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão**. Campinas SP: Papyrus, 1998.

DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES. Convocatória CEB. In: **DCE –UFAL**. Disponível em: <<http://dceufal.blogspot.com.br/>>. Acessado em 20/12/2015.

DIRETORIO Central dos Estudantes. Proposta da Cooptasa para a mobilidade urbana da comunidade acadêmica. Acordo realizado entre o DCE e a Cooptasa. Acervo:Sara Angélica Bezerra Gomes.

DIRETÓRIO Central dos Estudantes. UFAL/Campus do Sertão. Reunião do DCE/CAs com a direção do Campus UFAL/Sertão. Ata da reunião realizada no dia 16 de novembro de 2011. Acervo: Sara Angélica Bezerra Gomes.

DUPUIS-DÉRI, Francis. **Black Blocs**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014.

ERTHAL, Ana Amélia. “O jornalismo tradicional e as narrativas independentes: o caso da cobertura das manifestações populares de 2013 no Brasil”. In: **ESPM/ Central de Cases**. Disponível em: <www.espm.br/centraldecases>. Acessado em 12/08/2014.

FALCÃO, Márcio. “Marco Feliciano ameaça “rebelião” se governo interferir no projeto “cura Gay””. In: **Folha de São Paulo**, 19/06/2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1297589-feliciano-nega-provocacao-as-manifestacoes-e-recomenda-juizo-a-maria-do-rosario.shtml>>. Acessado em 13/03/2015.

FAORO, Raymundo. “Origem do estado português”. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 3.ed. Revista, 2001.

FEDERAÇÃO Anarquista Gaúcha. “Tomar as ruas por uma agenda contra a direita e o governismo. Avançar um programa de soluções populares. Cartas de opinião da FAG. In: **Pela força das ruas**. Editora Deriva, 2014.

FEITOSA, José. “Mais de dez mil pessoas voltam às ruas de Maceió”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 21/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

_____. “Protesto reúne cerca de 400 pessoas e causa caos no trânsito estudantes promovem caminhada em Maceió”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 27/06/2013. Disponível em:

<<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “História Oral: velhas questões, novos desafios”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p.169-186.

_____. “História, tempo presente e história oral”. In: **Topoi**. Rio de Janeiro, dezembro 2002, p.314-332.

FERREIRA, Wilson Roberto Vieira. “Diga-me com o que fazes metáforas e direi quem és”. In: Cinema Secreto, publicado em 03/06/2015. Disponível em: <<http://cinegnose.blogspot.com.br/2015/06/diga-me-com-o-que-fazes-metaforas-e.html#more>>. Acessado em 20/04/2016.

FIGUEIREDO, Luciano. **Rebeliões no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2005.

FILGUEIRAS, Fernando. “O gigante mineiro já estava acordado; as pessoas é que não se davam conta”. In: **Uol Notícias**, 03/07/2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/03/analise-o-gigante-mineiro-ja-estava-acordado-as-pessoas-e-que-nao-se-davam-conta.htm>>. Acessado em 22/12/2013.

FONTES, Virgínia. “Ampliação do Estado e coerção no Brasil – democracia e nacionalização truncada (o DIP e o modelo de violência seletiva)”. In: **Reflexões Im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Bom texto, 2005.

FREITAS, Cláudia. “Os "Black Blocs", para quem servem?”. In: **Jornal do Brasil**, publicado em 13/10/2013. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/10/13/os-black-blocs-para-quem-servem/>>. Acessado em 14/12/2014.

GAIA, Cristina Rodrigues. **Florescendo na Pedra: O Ensino Superior Público Federal No Sertão de Alagoas**. Delmiro Gouveia: UFAL\Campus do Sertão, 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso).

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. “A discussão contemporânea sobre os movimentos sociais”. In: **Movimentos Sociais na era global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOMES, Sara Angélica Bezerra. **Das mídias às ruas do Sertão**: as Manifestações de Junho de 2013, em Delmiro Gouveia/Alagoas. Delmiro Gouveia: UFAL/Campus do Sertão, 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso).

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

HOBBSAWM, Eric. O sentido do passado. In: **Sobre História**: Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. “As décadas de crise”. In: **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução: MacosSantarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORNAL. Intensificação e precarização do trabalho docente na UFAL: A carga horária em debate. In: **Jornal ainda sem nome** do Fórum em defesa da Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade da UFAL. Disponível em: <forum-em-defesa-da-universidade-publicadequalidadeufal@googlegroups.com>.

JUDENSNAIDER, Elena; Et al. **Vinte Centavos**: a luta conta o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.

KUBRUSLY, Maurício. “Só falta o principal”. In: **Globo.com**, 25/06/2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/me-leva-brasil/platb/tag/delmiro-gouveia/>>. Acessado em 20/06/2015.

LACOUTURE, Jean. A História Imediata. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LAGROU, Pieter. Sobre a atualidade da História do Tempo Presente. In: PÔRTO JR., Gilson. (org.). **História do Tempo Presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

LARANJEIRA, Álvaro Nunes. **A mídia e o regime militar**. Porto Alegre; Sulina, 2014.

LESSA, Rafael Branco. A Mídia e a PEC 37: investigação criminal na ordem do dia. In: **Intercom** –Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região. Águas Claras/DF, 2014, p.1-11.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo. Ed.34,1996.

LIMA, Pedro Motta. **Fábrica da Pedra**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

LIMA, Venício Artur de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1.ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

LINDEN VAN DER. Marcel. “Formas de resistência”. In: **Trabalhadores do mundo: ensaios para uma história global do trabalho**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LUCENA, David. “TRE Mantém Lula Cabeleira afastado da prefeitura de Delmiro Gouveia”. In: **Gazetaweb Notícias**, publicado em 22/04/2013. <<http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia-old.php?c=338993&e=2>>. Acessado em 13/12/2013.

MACENA, Lelo. “Decisão sobre passagem é adiada”. In:**Gazetaweb**. Edição do dia 13 de junho de 2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>.Acessado em 12/12/2015.

MARADEI, Anelisa. Folha de S. Paulo e a cobertura dos protestos do MPL. In: **Intercom**–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, 2013.

MARCILIO, Daniel. “O Historiador e o Jornalista: A História imediata entre o ofício historiográfico e atividade jornalística”. In:**Aedós**, nº 12, vol. 5 - Jan/Jul 2013.

MARICATO, Ermínia. “É a questão urbana, estúpido!”. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTINO, Luís Mauro. “A capacidade das conexões em rede: o experimento de Sacks e Graves”. In: **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. “Alguns conceitos iniciais”. In: **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. “Como as redes crescem: a perspectiva de Albert-László Barabási”. In: **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAYNARD, Dilton. **O senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980)**. 2008. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MELO, Demian Bezerra de. “A direita ganha as ruas: elementos para um estudo das raízes ideológicas da direita brasileira”. In: **Niep Marx. Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente**. Universidade Federal Fluminense. Niterói- RJ, 2015, p.1-14.

MELUCCI, Alberto. “Conflitos de Cultura”. In: **A Invenção do Presente**. Tradução de Maria do Carmo Alves Bonfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MILANO, Luciano. “Protesto reúne diferentes gerações”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 21/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

MORGENSTERN, Flávio. **Por trás da máscara**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MORA, Marcelo; VIANA, Julia Basso. “Protesto contra tarifa tem confronto, depredações e presos em SP”. In: **G1**, publicado em 11/06/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao->

paulo/noticia/2013/06/protesto-contra-tarifa-tem-confronto-depredacoes-e-detidos-em-sp.html>. Acessado em: 15/12/2014.

MOVIMENTO Passe Livre /São Paulo. “Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo”. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MPL/SP. Apresentação. In: **Passe Livre**. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>> Acessado em 31/01/2015.

MUDROVICIC, Maria Inés. Por que Clio retornou a Mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília; et al (Org.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. “Fábrica da Pedra: O contraponto de Pedro Motta Lima aos escritos sobre uma indústria no Sertão”. In: LIMA, Pedro Motta. **Fábrica da Pedra**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

NOGUEIRA, Marcos Aurélio. **As ruas e a democracia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

OLIVEIRA, Bleine. “Alunos e servidores fazem manifestação”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 21/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

_____. “Entidades querem valor da passagem a r\$ 2,10”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 02/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

_____. “Maceió terá novo protesto amanhã”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 25/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

OLSON, Parmy. **Nós somos Anonymous**: por dentro do mundo dos hackers. Tradução Henrique Guerra. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2014.

ORTELLADO, Pablo. “Experiência do MPL é aprendizado para o Movimento autônomo não só do Brasil, como do mundo”. In: Coletivo Antiproibicionista de São Paulo, 10/09/2013. Disponível em: <<http://coletivodar.org/2013/09/pablo-ortellado-experiencia-do-mpl-e-aprendizado-para-o-movimento-autonomo-nao-so-do-brasil-como-do-mundo/>>. Acessado em 22/02/2015.

PERES, Paulo. “Protestos geraram aliança política histórica e improvável em Porto Alegre”. In: **Uol Notícias**, 03/07/2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimasnoticias/2013/07/03/analise-protestos-geraram-alianca-politica-historica-e-improvavel-em-porto-alegre.htm>>. Acessado em 22/12/2013.

PINTO, Otávio Luiz Vieira. “Os protestos no Brasil, ou sobre como a passagem de ônibus revelou contradições”. In: **The International Journal of Badiou Studies**. Volume Two, Number One, 2013, p.156-159.

RICCEUR, Paul. “Da memória e da reminiscência”. In: **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução; Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, José Aparecido da Silva; LÚCIO, Antônio Barbosa. Protesto social no Brasil: os jovens nos movimentos sociais Diretas já e fora Collor. In: **GT 20: Sociedade Civil: Protestos e Movimentos Sociais**, 2013, p.1-10.

RODRIGUES, Marcos. “Estudantes vão às ruas em protesto”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 14/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

RODRIGUES, Marcos. “Estudantes vão às ruas em protesto”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 14/06/2013. Disponível

em:<<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

RODRIGUES, Marcos. “Protestos vão continuar, avisam lideranças do movimento”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 22/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em: 20/10/2015.

RUDÉ, George. “A ideologia do protesto popular”. In: **Ideologia e protesto popular**. Londres: Zahar Editora, 1980.

_____. “Ideologia e consciência de classe”. In: **Ideologia e protesto popular**. Londres: Zahar, 1980.

_____. **A Multidão na História**: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 1964.

SANTOS, José Ferreira dos. “Fábrica da Pedra apresenta plano de combate a poluição”. In: **FerreiraDelmiro.com**, publicado em 25/06/2013. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/fabrica-da-pedra-apresenta-plano-de.html>>. Acessado em: 15/05/2015.

_____. “Chegou o grande dia, Delmiro estará unida hoje 20/06”. In: **FerreiraDelmiro.com**, publicado em 20/06/2013. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/chegou-o-grande-dia-delmiro-estara.html>>. Acessado em 15/05/2015.

_____. “Estudantes mobilizam UFAL para unirem-se a protestos hoje 20/06”. In: **FerreiraDelmiro.com**, publicado em 20/06/2013. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/estudantes-mobilizam-ufal-para-unirem.html>>. Acessado em 15/05/2015.

_____. “Juventude Delmirensense estará unida em protesto amanhã 20/06”. In: **FerreiraDelmiro.com**, publicado em 19/06/2013. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/juventude-delmirensense-estara-unida-em.html>>. Acessado em 15/05/2015.

_____. “Uma análise crítica dos protestos em Delmiro”. In: **FerreiraDelmiro.com**, publicado em 19/06/2013. Disponível em: <<http://www.ferreiradelmiro.com/2013/06/uma-analise-critica-dos-protestos-em.html>>. Acessado em 15/05/2015.

SILVA, Carla Luciana. Imprensa liberal, imprensa partidária: uma aproximação historiográfica. In: SILVA, Carla Luciana; Rautenberg, Edina (Orgs.). **História e imprensa: estudos de hegemonia**. Porto Alegre: FCM Editora, 2014.

SILVA, Irley David Fabrício da. “A importância das redes sociais nos protestos urbanos, da rede às ruas”. In: **XI EVIDOSOL e VIII CILTEC-Online** - junho/2014, p.2. Disponível em: <<http://evidosol.textolivre.org>>. Acessado em 09/09/2014.

SOARES, Davi. “Governo anuncia desoneração”. In: **Jornal Gazeta de Alagoas**. Edição do dia 21/06/2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=275477>>. Acessado em 20/10/2015.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana**. Tradução Mario Gama Cury. 15 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

VIEIRA, Flávia Braga. “Articulações internacionais “desde baixo” em tempos de globalização”. In: GONH, Maria da Glória; Bringel, Breno M. (orgs.). **Movimentos Sociais na era global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.189-2011.

FONTES DIGITAIS:

CAMPOS, Luis Gustavo. **Página pessoal no Facebook de Luis Gustavo Campos**. Publicado em 18/06/2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/luizgcampos?fref=ts/>>. Acessado em 22/12/2013, às 10h:50 min.

CARVALHO, Emerson Máximo de. **Página pessoal no Facebook de Emerson Máximo de Carvalho**. Publicado 14/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/emersonmaximo.carvalho.1?fref=ts>>. Acessado em 22/12/2013.

LIMA, Marcos Ricardo de. **Página pessoal no Facebook de Marcos Ricardo de Lima.** Publicado em 14/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/felipe.ferreira.1654?fref=ts>>. Acessado em 22/12/2014, às 12h:20 min.

LOPES, Wibsson Ribeiro Lopes. **Página pessoal no Facebook de Wibsson Ribeiro Lopes.** Publicado em 19/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/wibsson.ribeirolopes?fref=ts>>. Acessado em 22/12/2014.

QUEIROZ, Luana. **Página pessoal no Facebook de Luana Queiroz.** Publicado em 14/06/2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/luana.queiroz.10?fref=ts/>. Acessado em 22/12/2013.

SILVA, Felipe Ferreira da. **Página pessoal no Facebook de Felipe Ferreira da Silva.** Publicado em 18/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/felipe.ferreira.1654?fref=ts>>. Acessado em 22/12/2013, às 12h:20 min.

VINÍCIUS, Jaime. **Página pessoal no Facebook de Jaime Vinícius.** Publicado em 18/06/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MR.Cheidy?fref=ts>>. Acessado em 20/12/2014.

FONTES ICONOGRÁFICAS:

Ver: Acervo de fotografias do projeto “Vozes do Ser-tão nas tramas de Mnemósine: fontes orais para História Contemporânea em Alagoas”, vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa História, Sociedade e Cultura - GEPHISC/PPGH/UFAL.

Ver: galeria de fotos do site **G1 Alagoas**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/fotos/2013/06/fotos-maceio-tem-terceiro-dia-de-protestos.html#F845160>>. Acessado em 20/12/2015.

Junho abalou o Brasil completo. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=AMprLfFSGPc>>. Acessado em 10/06/2015

Manifestações de Junho de 2013. Produção de Caco Barcellos. São Paulo, 2013. **Youtube**(23min e 57 seg). Produção da Rede Globo. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=iQoBOJUsNps&spfreload=10>>. Acessado em 12/02/2016.

Manifestação na Orla de Maceió. Produção de Laissantg. In: Maceió: **Youtube**, publicado em 20/06/2013. 1 Vídeo (Duração 8min59seg). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=VGQjNnyPT7M>>. Acessado em 20/12/2015.

FONTES ORAIS:

ALMEIDA, João Carlos de. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia - Alagoas.

Anônimo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 21/01/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

BARBOSA, Jônatas Abisalão Santos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 11/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

CONCEIÇÃO, Larissa Lisboa da. Entrevistada por Sara Angélica Bezerra Gomes em 19/05/2016. In: Acervo pessoal de Sara Angélica Bezerra Gomes.

FREIRE, José Flávio de Araújo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 28/08/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

GOMES, Gerd Nilton Baggenstoss. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 08/07/2015. Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

GOMES, José Raimundo. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 31/03/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e Imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.

LOPES, Wibsson Ribeiro. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 26/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 14/09/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia /Alagoas.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 19/01/ 2016. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouvía/Alagoas.

PEREIRA, Adriano Alves. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 05/05/ 2016. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouvía/Alagoas.

SANTOS, José Ferreira dos. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 16/02/2016. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

SILVA, Felipe Ferreira da. Entrevistado por Sara Angélica Gomes Bezerra 10/12/ 2013. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 24/ 04/ 2015. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

SILVA, Magno Francisco da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 03/02/2016. In: Acervo do **GEPHISC**\ Centro de Documentação, Cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

SILVA, Uedson José da. Entrevistado por José Vieira da Cruz em 14/ 11/ 2014. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia-Alagoas.

SILVA, Uedson José da. Entrevistado por Sara Angélica Bezerra Gomes em 08/10/2015. In: Acervo do **GEPHISC**\Centro de Documentação, cultura e imagem do Sertão. Delmiro Gouveia/Alagoas.